

## Exercícios com Gabarito de Português Verbo, Substantivo e Adjetivo

1) (Cesgranrio-1994) Assinale o item que completa corretamente as lacunas.

\_\_\_\_\_havido um acréscimo na violência urbana e, se\_\_\_\_\_este quadro,\_\_\_\_\_, em um futuro breve, mais vítimas inocentes.

- a) Tem - mantivermos - existirão
- b) Tem - mantermos - existirão
- c) Tem - mantermos - existirá
- d) Têm - mantivermos - existirão
- e) Têm - mantivermos - existirão

2) (Covest-1997) Relacione as frases cujos verbos sublinhados estão no mesmo tempo, modo e pessoa gramatical.

1. Que todo homem é um diabo não há mulher que o <negue>.
2. <Vem>, eu te farei da minha vida participar.
3. <Ide> em paz, o Senhor vos acompanhe.
4. Estou preso à vida e <olho> meus companheiros.
5. Tu não me <tiraste> a natureza...  
Tu mudaste a natureza.

- (            ) <Cala> essa canção soturna.  
(            ) <Interrogai>-as agora que os reis tremem no seu trono.  
(            ) <Debruço>-me na grade da banca e respiro penosamente.  
(            ) <Trouxeste>-a para o pé de mim.  
(            ) Mesmo assim elas procuram um diabo que as <carregue>.

A seqüência correta é:

- a) 3, 2, 4, 5 e 1
- b) 4, 3, 2, 1 e 5
- c) 5, 1, 4, 2 e 3
- d) 1, 4, 5, 3 e 2
- e) 2, 3, 4, 5 e 1

3) (Covest-1997) Assinale a alternativa correta no que se refere ao uso dos pronomes:

- a) Não acredito que entre mim e você surjam problemas deste tipo.
- b) Espere-me, pois estarei consigo na próxima semana.
- c) Não há qualquer afinidade entre eu e eles.
- d) Estas flores chegaram para tu.
- e) Pedi que deixasse o documento para mim assinar.

4) (Covest-1997) Excertos do Documento "Pacto pela Educação"  
Marco Maciel

Um sistema político eficaz é aquele capaz de fazer dos postulados democráticos o compromisso cotidiano da cidadania, não apenas por sua garantia formal, mas por seu exercício efetivo. Uma sociedade democrática, por sua vez, não se esgota na proteção jurídica dos direitos e garantias individuais. Ela se consoma na efetivação dos direitos econômicos e sociais, sem os quais teremos sempre e fatalmente uma sociedade dualista.

Considerados sob este aspecto, Política e Educação estão submetidas aos mesmos princípios e exigem respeito à liberdade individual, acatamento à diversidade humana e preservação do pluralismo. Parodiando o velho dilema para saber se os países são ricos porque são educados, ou são educados porque são ricos, existe a convicção de que um bom sistema político depende essencialmente de um sistema educacional universalizando, eficiente e dinâmico.

Hoje, sabemos que não são apenas o crescimento material, o desenvolvimento econômico o aprimoramento social e o desfrute dos bens culturais e espirituais que levam uma sociedade adequadamente educada e apta a transformar em benefícios coletivos as conquistas da ciência e do conhecimento. Mais do que isso, temos consciência de que a própria sobrevivência humana está condicionada pela possibilidade de acesso a todas as formas de conhecimento produzidas pelo homem.

A manutenção e a expansão em todos os países do mundo, estão associadas à possibilidade de adquirirmos e aprimorarmos o conhecimento e as técnicas que vêm revolucionando formas tradicionais de produção industrial, de intensificação do comércio, de criação intelectual e do próprio lazer, Sociedades prósperas, portanto, são, necessariamente, não apenas sociedades educadas, mas aquelas capazes de se educarem permanentemente. Nenhuma fragilidade, por isso mesmo, é mais cruel, nenhuma gera mais exclusão e injustiça do que a incapacidade de dar a todos a possibilidade de realização de suas próprias potencialidades, por meio do conhecimento, da educação e do acesso aos bens culturais. Este é o desafio que, neste fim de milênio, ainda estamos por vencer.

O dualismo que nos separa sobrevive, porque não fomos capazes de vencer o único problema estrutural brasileiro, que é o da educação.

Não me refiro aos aspectos formais, a que incluem a diminuição das taxas de evasão e repetência e a ampliação dos benefícios proporcionados pela qualidade de ensino, mas sim a algo mais abrangente e substantivo, que é a educação como instrumento vital da preparação para a vida.

Não basta alfabetizar. Educar é muito mais do que isso. É, sobretudo, instrumentalizar o ser humano como cidadão, proporcionando-lhe, por meio de sistema educacional universalizado, eficiente e de alto padrão de qualidade e rendimento, perspectivas de progresso pessoal e de mobilidade social. [...] A questão educacional

é, efetivamente, o verdadeiro desafio estrutural que estamos sendo chamados a vencer neste fim de século. Certamente há muitas profundas razões para o nosso atraso. Uma de caráter histórico, cultural e sociológico, de que é exemplo a circunstância de termos sido o último país a abolir a chaga terrível da escravidão [...]. Da escravidão, decorrem, em grande parte, o dualismo e a exclusão social de que hoje somos uma das principais vítimas em todo o mundo, em razão da expressão política, econômica e demográfica que atingimos no conceito universal.

Outras razões são incontestavelmente políticas, como o modelo elitista que timbramos em não sepultar e que hesitamos muitas vezes em simplesmente reformar. Dele decorrem os males atávicos do Estado brasileiro, barreira e proteção para os privilégios que beneficiam a poucos em detrimento de quase todos.

É necessário [...] um pacto de Estado para termos uma sociedade mais justa, uma economia mais próspera e um sistema político que reflita as permanentes aspirações nacionais por democracia, desenvolvimento e solidariedade social.

São exemplos da voz passiva:

Assinale V ou F.

( ) A sobrevivência humana é condicionada pela possibilidade de acesso ao conhecimento.

( ) O modelo elitista não foi sepultado pelas reformas constitucionais.

( ) Não me refiro aos seus aspectos formais [...]

( ) O dualismo e a exclusão social decorrem da escravidão.

( ) A manutenção e a expansão do emprego parecem estar diretamente ligadas à possibilidade de adquirir conhecimentos.

**5) (ENEM-2002)** “Narizinho correu os olhos pela assistência. Não podia haver nada mais curioso. Besourinhos de fraque e flores na lapela conversavam com baratinhas de mantilha e miosótis nos cabelos. Abelhas douradas, verdes e azuis, falavam mal das vespas de cintura fina - achando que era exagero usarem coletes tão apertados. Sardinhas aos centos criticavam os cuidados excessivos que as borboletas de toucados de gaze tinham com o pó das suas asas. Mamangavas de ferrões amarrados para não morderem. E canários cantando, e beija-flores beijando flores, e camarões camaronando, e caranguejos caranguejando, tudo que é pequenino e não morde, pequeninando e não mordendo.”  
LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1947.

No último período do trecho, há uma série de verbos no gerúndio que contribuem para caracterizar o ambiente fantástico descrito. Expressões como “camaronando”,

“caranguejando” e “pequeninando e não mordendo” criam, principalmente, efeitos de

a) esvaziamento de sentido.

b) monotonia do ambiente.

c) estaticidade dos animais.

d) interrupção dos movimentos.

e) dinamicidade do cenário.

**6) (ESPM-2006)** A morte do livro  
*FERREIRA GULLAR*

A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.

Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]

De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].

O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como “O Código Da Vinci” e “Harry Potter” alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.

Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos “best-sellers”: ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]

A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.

Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: “As Flores do Mal”, de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época

havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos “best-sellers” de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro “best-seller” é ele ou não é? [...]

(Folha de São Paulo, 19/03/2006)

De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares [...].

Sobre a relação semântica dos tempos verbais no trecho acima e sua integração no texto, é correto afirmar que:

- a) “Revelara-se” se refere a um momento posterior a “veio servir”.
- b) “Difundir” se refere a um momento anterior a “revelara-se”.
- c) “Revelara-se” se refere a um momento anterior a “foi”.
- d) “Continuaram” se refere a um mesmo momento que “difundir”.
- e) “Foi” se refere a um momento atemporal.

**7) (Faap-1996)** Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro

metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

Assinale a forma errada do imperativo:

- a) põe-te na ponta dos pés / não te ponhas na ponta dos pés.
- b) ponha-se na ponta dos pés / não se ponha na ponta dos pés.
- c) ponhamo-nos na ponta dos pés / não nos ponhamos na ponta dos pés.
- d) ponhais-vos na ponta dos pés / não vos ponhais na ponta dos pés.
- e) ponham-se na ponta dos pés / não se ponham na ponta dos pés.

**8) (Faap-1996)** Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

"Dario abriu a boca". Passando para a voz passiva:

- a) a boca foi aberta por Dario.
- b) a boca abriu-a Dario.
- c) abriu-se a boca.
- d) à boca abriu Dario.
- e) Dario - ele mesmo - abriu a boca.

9) (Faap-1997) Durante este período de depressão contemplativa uma coisa apenas magoava-me: não tinha o ar angélico do Ribas, não cantava tão bem como ele. Que faria se morresse, entre os anjos, sem saber cantar?

Ribas, quinze anos, era feio, magro, linfático. Boca sem lábios, de velha carpideira, desenhada em angústia - a súplica feita boca, a prece perene rasgada em beiços sobre dentes; o queixo fugia-lhe pelo rosto, infinitamente, como uma gota de cera pelo fuste de um círio...

Mas, quando, na capela, mãos postas ao peito, de joelhos, voltava os olhos para o medalhão azul do teto, que sentimento! que doloroso encanto! que piedade! um olhar penetrante, adorador, de enlevo, que subia, que furava o céu como a extrema agulha de um templo gótico!

E depois cantava as orações com a doçura feminina de uma virgem aos pés de Maria, alto, trêmulo, aéreo, como aquele prodígio celeste de garganteio da freira Virgínia em um romance do conselheiro Bastos.

Oh! não ser eu angélico como o Ribas! Lembro-me bem de o ver ao banho: tinha as omoplatas magras para fora, como duas asas!

O ATENEU. Raul Pompéia

Numa descrição, os verbos estão, em sua maioria no:

- a) presente do indicativo
- b) futuro do indicativo
- c) pretérito mais que perfeito do indicativo
- d) pretérito perfeito do indicativo
- e) pretérito imperfeito do indicativo

#### 10) (Faap-1997) Barcos de Papel

Quando a chuva cessava e um vento fino  
franzia a tarde tímida e lavada,  
eu saía a brincar pela calçada,  
nos meus tempos felizes de menino.

Fazia de papel toda uma armada  
e, estendendo meu braço pequenino,  
eu soltava os barquinhos, sem destino,  
ao longo das sarjetas, na enxurrada...

Fiquei moço. E hoje sei, pensando neles,  
que não são barcos de ouro os meus ideais:  
são feitos de papel, tal como aqueles,  
perfeitamente, exatamente iguais...

- que os meus barquinhos, lá se foram eles! foram-se embora e não voltaram mais!

Guilherme de Almeida

Assinale a forma errada do imperativo:

- a) faça tu uma armada e solta os barquinhos.
- b) faça você uma armada e solte os barquinhos.
- c) façamos nós uma armada e soltemos os barquinhos.
- d) façais vós uma armada e soltai os barquinhos.
- e) façam vocês uma armada e soltem os barquinhos.

11) (Fatec-1995) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

- a) Devem haver outras razões para ele ter desistido.
- b) Foi então que começou a chegar um pessoal estranho.
- c) Queria voltar a estudar, mas faltava-lhe recursos.
- d) Não se admitirá exceções.
- e) Basta-lhe dois ou três dias para resolver isso.

#### 12) (Fatecs-2007) TEXTO III

O que faz você feliz?

A lua, a praia, o mar

A rua, a saia, amar...

Um doce, uma dança, um beijo,

Ou é a goiabada com queijo?

Afi nal, o que faz você feliz?

Chocolate, paixão, dormir cedo, acordar tarde,

Arroz com feijão, matar a saudade...

O aumento, a casa, o carro que você sempre quis

Ou são os sonhos que te fazem feliz?

Um filme, um dia, uma semana

Um bem, um biquíni, a grama...

Dormir na rede, matar a sede, ler...

Ou viver um romance? O que faz você feliz?

Um lápis, uma letra, uma conversa boa

Um cafuné, café com leite, rir à toa,

Um pássaro, ser dono do seu nariz...

Ou será um choro que te faz feliz?

A causa, a pausa, o sorvete,

Sentir o vento, esquecer o tempo,

O sal, o sol, um som

O ar, a pessoa ou o lugar?

Agora me diz,

O que faz você feliz?

(Anúncio publicitário do Grupo Pão de Açúcar, veiculado na Revista VEJA, edição de 21 de março de 2007)

Nesse texto publicitário predomina um padrão de linguagem coloquial, no qual podem ocorrer desvios do padrão culto da língua. Assinale a alternativa contendo desvio(s).

- a) "Ou é a goiabada com queijo?"
- b) "O aumento, a casa, o carro que você sempre quis".
- c) "O que faz você feliz?"

- d) “Um cafuné, café com leite, rir à toa”.  
e) “Agora me diz, o que faz você feliz?”.

13) (FEI-1995) Assinalar a alternativa que completa corretamente as lacunas das seguintes orações:

- I. Nós \_\_\_\_\_ a Brasília e \_\_\_\_\_ a Praça dos Três Poderes.  
II. O professor \_\_\_\_\_ a prova a pedido do aluno.  
III. \_\_\_\_\_ eles os objetos que haviam perdido?

- a) vimos - viemos - reveu - reouberam.  
b) revimos - vimos - reviu - reaveram.  
c) viemos - vemos - reveu - reouberam.  
d) vimos - viemos - reviu - reaveram.  
e) viemos - vimos - reviu - reouberam.

14) (FEI-1997) Observe com atenção as seguintes frases e depois assinale a alternativa correta:

- I. Meu irmão pediu para mim ficar em silêncio.  
II. Meu irmão pediu para eu ficar em silêncio.

- a) Somente a frase 2 está correta, pois o sujeito de FICAR deve ser um pronome do caso reto.  
b) Somente a frase 2 está correta, pois a preposição PARA exige o pronome do caso reto.  
c) Somente a frase 1 está correta, pois a preposição PARA exige o pronome do caso oblíquo.  
d) Uma vez que a preposição PARA aceita tanto o pronome do caso oblíquo quanto o pronome do caso reto, as duas frases estão corretas.  
e) Somente a frase 1 está correta, pois o pronome oblíquo faz parte do complemento nominal.

15) (FEI-1994) Assinalar a alternativa que contém erro no emprego da forma verbal:

- a) Ele reouvera os bens que lhe tinham sido roubados.  
b) Se ela intervisse em nosso favor, ganharíamos a questão.  
c) Quando você expuser seus trabalhos, mande-me avisar.  
d) O partido previu a vitória do candidato.  
e) Pressupus que todos chegariam a tempo.

16) (FGV-2002) Assinale a alternativa **errada** quanto ao uso da forma verbal.

- a) Se ela fizer o trabalho, ficarei livre.  
b) Caso você quiser, iremos vê-lo.  
c) Quando elas chegarem, avisem-nas.  
d) Embora se esforçassem, nada conseguiam.  
e) Quanto mais estudava, mais ia aprendendo.

17) (FGV-2002) Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver furtado um osso.  
- Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?

- Não quero saber de nada. Você furtou o osso e vou levá-la aos tribunais.

E assim fez.

Queixou-se ao gavião-de-penacho e pediu-lhe justiça. O gavião reuniu o tribunal para julgar a causa, sorteando para isso doze urubus de papo vazio.

Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito irmãs das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu.

Mas o júri, composto de carnívoros gulosos, não quis saber de nada e deu a sentença:

- Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte!

A ré tremeu: não havia escapatória!... Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entregá-la em pagamento do que não furtara.

Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espotejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juízes famintos, a título de custas...

(Monteiro Lobato. *Fábulas e Histórias Diversas*)

No início, o narrador utiliza verbos no pretérito perfeito do indicativo. Em certo momento, passa a utilizar o presente do indicativo. Esse recurso produz efeito na narrativa? Explique.

18) (FGV-2002) Dê o plural de:

- a) gavião-de-penacho;  
b) espotejou-a.

19) (FGV-2002) Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver furtado um osso.

- Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?

- Não quero saber de nada. Você furtou o osso e vou levá-la aos tribunais.

E assim fez.

Queixou-se ao gavião-de-penacho e pediu-lhe justiça. O gavião reuniu o tribunal para julgar a causa, sorteando para isso doze urubus de papo vazio.

Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito irmãs das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu.

Mas o júri, composto de carnívoros gulosos, não quis saber de nada e deu a sentença:

- Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte!

A ré tremeu: não havia escapatória!... Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entregá-la em pagamento do que não furtara.

Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espotejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juízes famintos, a título de custas...

(Monteiro Lobato. *Fábulas e Histórias Diversas*)

Por que, no texto, o narrador usa o pretérito mais-que-perfeito do indicativo **furtara**?

20) (FGV-2001) Complete a frase abaixo com as formas corretas dos verbos que estão entre parênteses.

Amanhã, quando os candidatos \_\_\_\_\_ (VIR) ao nosso bairro e \_\_\_\_\_ (VER) a pobreza em que \_\_\_\_\_ (VIVER), hoje, as nossas famílias, \_\_\_\_\_ (SENTIR) o nosso drama e, certamente, \_\_\_\_\_ (FAZER) suas promessas; se \_\_\_\_\_ (MANTER) a palavra, \_\_\_\_\_ (ATENDER + NOS) logo e não \_\_\_\_\_ (DECEPCIONAR-NOS).

21) (FGV-2001) Leia atentamente o fragmento de texto abaixo, de O Cortiço, de Aluísio Azevedo. Depois, responda à questão nele baseada.

E depois da meia-noite dada, ela e Piedade ficaram sozinhas, velando o enfermo. Deliberou-se que este iria pela manhã para a Ordem de Santo Antônio, de que era irmão. E, com efeito, no dia imediato, enquanto o vendeiro e seu bando andavam lá às voltas com a polícia, e o resto do cortiço formigava, tagarelando em volta do conserto das tinas e jiraus, Jerônimo, ao lado da mulher e da Rita, seguia dentro de um carro para o hospital.

Na última linha do texto, o que justifica utilizar no pretérito imperfeito do indicativo o verbo **seguir**?

22) (FGV-2001) “É bom que vocês se precavendam deles.” Diga se essa frase está certa ou errada e por quê. Se a considerar errada, proponha uma correção.

23) (FGV-2001)

○ MELHOR DE CALVIN / Bill Watterson



© Estado de S. Paulo, 14 de abril de 2001

Observando os três primeiros quadrinhos, pode-se perceber que, no diálogo entre Calvin e sua mãe, uma das formas verbais não condiz com as demais. Trata-se de:

- Ides.
- Tenhais.
- Julgais.
- Pretendes.
- Segui.

24) (FGV-2001) Assinale a alternativa em que **não haja erro** de conjugação de verbo.

- Em pouco mais de três meses, a lesão do jogador poderá estar curada, se ele manter adequadamente o tratamento.
- O moderador entrevistou assim que ficou a par dos problemas técnicos.
- Se a Patrícia previr tempo seco para o litoral, haveremos de descer a serra antes de o sol nascer.
- Leocádia estava terrivelmente irritada. Tinha ganas de dizer a Alberto tudo o que ele merecia; mas se deteu, esperando oportunidade melhor.
- Quando o negociador propor uma saída honrosa, será o momento de todos o aplaudirmos.

25) (FGV-2001) Complete as frases com os verbos indicados entre parênteses.

“Se você \_\_\_\_\_ (vir) à exposição e se \_\_\_\_\_ (dispor) a visitar o terceiro andar, poderá notar duas grandes fotos iluminadas. Quando as \_\_\_\_\_ (ver), observe seus efeitos de luz e sombra. para bem comparar a técnica utilizada, será conveniente que você \_\_\_\_\_ (manter-se) a uma boa distância. Se isso não \_\_\_\_\_ (satisfazer) sua curiosidade, poderá adotar outra perspectiva.

26) (FGV-2001) Em cada um dos períodos abaixo, há palavras ou expressões cujo emprego os gramáticos recomendam evitar. Identifique essas palavras ou expressões e transcreva os períodos, fazendo as substituições adequadas.

- A nível de eficiência, ele é ótimo.
- Este funcionário não se adéqua ao perfil da empresa.
- Durante a entrevista, ele colocou que a questão salarial seria adiada.
- Na próxima semana, vamos estar enviando nosso programa de atividades a todos os associados.

27) (FGV-2001) O tratamento utilizado no diálogo abaixo corresponde à segunda pessoa do plural. As marcas desse tratamento aparecem destacadas em negrito.

- **Vosso** passado **vos** condena. **Sai** daqui antes que eu **vos** mate.

- **Esperai**, que já **vos** mostro. Não **tenteis** amedrontar-me!...

Se utilizarmos o tratamento correspondente à segunda pessoa do singular, obteremos, respectivamente:

- Seu** passado **o** condena. **Saia** daqui antes que eu **o** mate./ **Espera**, que já **lhe** mostro. Não **tente** amedrontar-me!...
- Teu** passado **te** condena. **Sai** daqui antes que eu **te** mate./ **Espera**, que já **te** mostro. Não **tenta** amedrontar-me!...
- Teu** passado **te** condena. **Sai** daqui antes que eu **te** mate./ **Espera**, que já **te** mostro. Não **tentes** amedrontar-me!...

d) **Seu** passado **lhe** condena. **Saia** daqui antes que eu **o** mate./ **Espera**, que já **te** mostro. Não **tente** amedrontar-me!...

e) **Teu** passado **o** condena. **Saí** daqui antes que eu **te** mate./ **Espera**, que já **te** mostro. Não **tentes** amedrontar-me!...

28) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Estamos ansiosos porque o Diretor pode vim à qualquer momento.

Estamos \_\_\_\_\_ porque o Diretor pode \_\_\_\_\_ qualquer momento.

29) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Apenas duas candidatas requereram inscrição no concurso para telefonista da Associação Paulista de Beneficência.

Apenas duas candidatas \_\_\_\_\_ inscrição no concurso para telefonista da Associação Paulista de \_\_\_\_\_ .

30) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Como não estivesse ao par do assunto, o gerente não interveio.

Como não \_\_\_\_\_ do assunto, o gerente não \_\_\_\_\_ .

31) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Quando se tratam de problemas tão graves, não devem haver tantos empecilhos burocráticos.

Quando se \_\_\_\_\_ de problemas tão graves, não \_\_\_\_\_ haver tantos \_\_\_\_\_ burocráticos.

32) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos,

limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Neste país, sempre houveram cidadãos capazes de combater os estereótipos racistas.

Neste país, \_\_\_\_\_ cidadãos capazes de combater os \_\_\_\_\_ racistas.

33) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Procura-se cabeças inteligentes para atuarem como assessores na seção de câmbio.

\_\_\_\_\_ cabeças inteligentes para atuarem como \_\_\_\_\_ na \_\_\_\_\_ de câmbio.

34) (FGV-1997) Em cada uma das frases abaixo, preencha o espaço com o verbo indicado, na forma verbal adequada.

Exemplo:

Frase: Se o representante da empresa (chegar) \_\_\_\_\_ na hora, não precisaríamos estar agora aguardando por ele.

Resposta: Se o representante da empresa tivesse chegado na hora, não precisaríamos estar agora aguardando por ele.

1. Se você observar e (antever) \_\_\_\_\_ que deverá oportunidade de tocar no assunto, prepare-se adequadamente.
2. Se o redator (reaver) \_\_\_\_\_ rapidamente o material perdido, poderá em tempo voltar a trabalhar nele.
3. Quando for o caso de o candidato (provir) \_\_\_\_\_ de outro Estado, deverá ele utilizar formulário de inscrição diferente do habitual.
4. Se o autor retornar e (manter) \_\_\_\_\_ a proposta, deveremos estar preparados para adotar estratégia diferente da inicial.
5. Ontem, por falta de oportunidade, não (intervir) \_\_\_\_\_ nos comentários a respeito da nova legislação. Mas agora quero manifestar-me.
6. Quando foi necessário, os diretores, que até então estavam quietos, (intervir) \_\_\_\_\_ com veemência.
7. O fornecedor do material só poderia ter questionado o pagamento se (intervir) \_\_\_\_\_ no processo antes de seu desfecho.
8. Quando o mediador (intervir) \_\_\_\_\_ na discussão, deverá fazê-lo com muito cuidado, para não acirrar os ânimos.
9. Se ela mantiver a calma e (conter-se), \_\_\_\_\_ poderá chegar, sem conflitos, ao resultado desejado.
10. Terão assegurado o contrato os três profissionais que primeiro organizarem e (propor) \_\_\_\_\_ um projeto.

35) (FGV-1997) Figurou recentemente, num jornal da cidade, a frase abaixo:

"Embora fosse prolixo, o apresentador ultrapassou o tempo previsto."

Examine atentamente o sentido dessa frase. Se for o caso, corrija-a no que for necessário e explique o porquê da correção.

Caso você considere correta a frase, escreva apenas: A frase está correta.

36) (FGV-1999) Nas questões abaixo, ocorrem espaços vazios. Para preenchê-los, escolha um dos seguintes verbos: fazer, transportar, deter, ir. Utilize a forma verbal mais adequada.

1) Se \_\_\_\_\_ dias frios no inverno, talvez as coisas fossem diferentes.

2) Quando o cavalo \_\_\_\_\_ todos os obstáculos, a corrida terminará.

3) Se o cavalo \_\_\_\_\_ mais facilmente os obstáculos, alcançaria com mais folga a linha de chegada.

4) Se a equipe econômica não se \_\_\_\_\_ nos aspectos regionais e considerar os aspectos globais, a possibilidade de solução será maior.

5) Caso ela ( \_\_\_\_\_ ) ao jogo amanhã, deverá pagar antecipadamente o ingresso.

37) (FGV-2003) Dentre os tempos verbais, existe um que se chama futuro do presente composto do indicativo; um exemplo é **terei partido**. Explique em que circunstância esse tempo verbal é utilizado. Redija uma frase em que ele seja corretamente empregado, mas use verbo diferente de **partir**.

38) (FGV-2003) Examine o termo sublinhado nos períodos abaixo.

O frasco maior contém mais líquido, é evidente.  
O relato da testemunha não condiz com os fatos apontados pelos peritos.

Ele não intervirá na questão entre o árbitro e o atleta.

Assinale a alternativa correta a respeito desses verbos, colocados no pretérito perfeito, mas mantida a pessoa gramatical.

a) Conteve, condizia, interveio.

b) Conteve, condizia, interveio.  
c) Conteve, condisse, interveio.  
d) Conteve, condisse, interveiu.  
e) Continua, condizeu, interveiu.

39) (FGV-2004) Assinale a alternativa que contenha, corretamente, os verbos das orações abaixo no futuro do subjuntivo.

a) Se o menino se entretiver com o cão que passear na rua...Se não couber na bolsa o frasco que você me emprestar...

b) Se o menino se entreter com o cão que passear na rua...Se não couber na bolsa o frasco que você me emprestar...

c) Se o menino se entretiver com o cão que passear na rua...Se não couber na bolsa o frasco que você me emprestar...

d) Se o menino se entreter com o cão que passear na rua...Se não couber na bolsa o frasco que você me emprestar...

e) Se o menino se entretesse com o cão que passeava na rua...Se não cabesse na bolsa o frasco que você me emprestasse...

40) (FGV-2004) Assinale a alternativa em que o participio sublinhado está corretamente utilizado.

a) O diretor tinha suspenso a edição do jornal antes da publicação da notícia.

b) Lourival tinha chego ao mercado. Marli o esperava próxima da barraca de frutas.

c) O coroinha havia já disperso a multidão que estava em volta da Matriz.

d) A correspondência não foi entregue no escritório.

e) Diogo tinha expulso os índios que cercavam o povoado.

41) (FGV-2004) Na língua portuguesa, às vezes, verbos diferentes assumem a mesma forma verbal. Isso NÃO OCORRE em:

a) Fui, pretérito perfeito do indicativo de ir e de ser.

b) Viemos, pretérito perfeito do indicativo de vir e presente do indicativo de ver.

c) Vimos, pretérito perfeito do indicativo de ver e presente do indicativo de vir.

d) For, futuro do subjuntivo de ir e de ser.

e) Fora, pretérito mais-que-perfeito do indicativo de ir e de ser.

42) (FGV-2004) Explique a diferença de sentido entre as construções abaixo.

a) A língua foi perdendo e ganhando.

b) A língua perdeu e ganhou.



43) (FGV-2004) Observe o fragmento seguinte: "Há palavras que ninguém emprega". Na frase abaixo, transcreva as formas verbais sublinhadas, mas adapte-as à nova situação.

Seria preciso que não \_\_\_\_\_ palavras que ninguém \_\_\_\_\_.

44) (FGV-2004) Observe a seguinte oração:

"...os portugueses não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz."

- Nessa oração, há uma locução verbal. Identifique-a.
- Em que voz ela está?
- Qual é o verbo principal dessa oração?

45) (FGV-2005) Estamos comemorando a entrega de mais de mil imóveis. São mais de 1000 sonhos realizados. Mais de oito imóveis são entregues todo dia. Quer ser o próximo? Então vem para a X Consórcios. Entre você também para o consórcio que o Brasil inteiro confia. (Texto de anúncio publicitário, editado.)

Há quebra da uniformidade de tratamento no emprego das formas verbais quer e vem.

- Em qual pessoa verbal essas formas estão conjugadas?
- Reescreva o trecho - Quer ser o próximo? Então vem para a X Consórcios - compatibilizando o tratamento com a seqüência do texto.

46) (FGV-2005) O artista Juan Diego Miguel apresenta a exposição "Arte e Sensibilidade", no Museu Brasileiro da Escultura (MUBE) de suas obras que acabam de chegar no país. Seu sentido de inovação tanto em temas como em materiais que eleger é sempre de uma sensação extraordinária para o espectador. Juan Diego sensibiliza-se com os materiais que nos rodeiam e lhes da vida com uma naturalidade impressionante, encontrando liberdade para buscar elementos no fauvismo de Henri Matisse, no cubismo de Pablo Picasso e do contemporâneo de Juan Gris. Uma arte que está reservada para poucos. Exposição: de 03 de agosto à 02 de setembro, das 10 às 19h.

A conjugação do verbo rodear está correta no texto? Justifique sua resposta.

47) (FGV-2005) Leia atentamente os dois fragmentos abaixo extraídos de Vidas Secas de Graciliano Ramos, e desenvolva a questão que segue:

Texto 1: "Alcançou o pátio, enxergou a casa baixa e escura, de telhas pretas, deixou atrás os juazeiros, as pedras onde jogavam cobras mortas, o carro de bois. As alpercatas dos

pequenos batiam no chão branco e liso. A cachorra Baleia trotava arquejando, a boca aberta."

"Fabiano" em: Ramos, G. Vidas Secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947

Texto 2: "Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria cheio de preás, gordos, enormes."

"Baleia" em: Ramos, G. Vidas Secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947

A expressividade do discurso de Vidas Secas ocorre por meio da forma singular com que são trabalhados todos os níveis gramaticais, mas encontra nos nomes (substantivos e adjetivos) e nos tempos verbais, lugar especial na construção dos sentidos. Analise essa afirmação relacionando comparativamente os dois fragmentos selecionados.

48) (FGV-2005) O primeiro passo para aprender a pensar, curiosamente, é aprender a observar. Só que isso, infelizmente, não é ensinado. Hoje nossos alunos são proibidos de observar o mundo, trancafiados que ficam numa sala de aula, estrategicamente colocada bem longe do dia-a-dia e da realidade. Nossas escolas nos obrigam a estudar mais os livros de antigamente do que a realidade que nos cerca. Observar, para muitos professores, significa ler o que os grandes intelectuais do passado observaram - gente como Rousseau, Platão ou Keynes. Só que esses grandes pensadores seriam os primeiros a dizer "esqueçam tudo o que escrevi", se estivessem vivos. Na época não existia internet nem computadores, o mundo era totalmente diferente. Eles ficariam chocados se soubessem que nossos alunos são impedidos de observar o mundo que os cerca e obrigados a ler teoria escrita 200 ou 2000 anos atrás - o que leva os jovens de hoje a se sentir alienados, confusos e sem respostas coerentes para explicar a realidade.

Não que eu seja contra livros, muito pelo contrário. Sou a favor de observar primeiro, ler depois. Os livros, se forem bons, confirmarão o que você já suspeitava. Ou porão tudo em ordem, de forma esclarecedora. Existem livros antigos maravilhosos, com fatos que não podem ser esquecidos, mas precisam ser dosados com o aprendizado da observação.

Ensinar a observar deveria ser a tarefa número 1 da educação. Quase metade das grandes descobertas científicas surgiu não da lógica, do raciocínio ou do uso de teoria, mas da simples observação, auxiliada talvez por novos instrumentos, como o telescópio, o microscópio, o tomógrafo, ou pelo uso de novos algoritmos matemáticos. Se você tem dificuldade de raciocínio, talvez seja porque

não aprendeu a observar direito, e seu problema nada tem a ver com sua cabeça.

Ensinar a observar não é fácil. Primeiro você precisa eliminar os preconceitos, ou pré-conceitos, que são a carga de atitudes e visões incorretas que alguns nos ensinam e nos impedem de enxergar o verdadeiro mundo. Há tanta coisa que é escrita hoje simplesmente para defender os interesses do autor ou grupo que dissemina essa idéia, o que é assustador. Se você quer ter uma visão independente, aprenda correndo a observar você mesmo. Quantas vezes não participamos de uma reunião e alguém diz “vamos parar de discutir”, no sentido de pensar e tentar “ver” o problema de outro ângulo? Quantas vezes a gente simplesmente não “enxerga” a questão? Se você realmente quiser ter idéias novas, ser criativo, ser inovador e ter uma opinião independente, aprimore primeiro os seus sentidos. Você estará no caminho certo para começar a pensar.

(Stephen Kanitz, Observar e pensar. Veja, 04.08.2004.

Adaptado)

Ou porão tudo em ordem, de forma esclarecedora.

...e seu problema nada tem a ver com sua cabeça.

Assinale a alternativa em que os verbos derivados de pôr, ter e ver, em destaque nas frases acima, estão corretamente conjugados.

- a) Não aprovaríamos o orçamento, a menos que eles se dispusessem a negociar, que se detivessem na análise do assunto e revissem os custos.
- b) Quando se propuserem a ajudar-nos, não se ativerem a detalhes e reverem sua atitude, haverá acordo.
- c) Os que previram seu insucesso não se ateram ao potencial do rapaz; tampouco supuseram que ele resistiria.
- d) Mantiveram a justiça porque recomporam os fatos e reviram as provas.
- e) O contrato será renovado se preverem problemas mas não se indisporam com os inquilinos e manterem a calma.

**49) (FGV-2005)** A última das três abordagens, entre as teorias idealistas, é a que considera cultura como sistemas simbólicos. Esta posição foi desenvolvida nos Estados Unidos principalmente por dois antropólogos: o já conhecido Clifford Geertz e David Schneider. O primeiro deles busca uma definição de homem baseada na definição de cultura. Para isto, refuta a idéia de uma forma ideal de homem, decorrente do iluminismo e da antropologia clássica, perto da qual as demais eram distorções ou aproximações, e tenta resolver o paradoxo (...) de uma imensa variedade cultural que contrasta com a unidade da espécie humana. Para isto, a cultura deve ser considerada “não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam programa) para governar o comportamento”. Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e

este programa é o que chamamos cultura. E esta formulação - que consideramos uma nova maneira de encarar a unidade da espécie - permitiu a Geertz afirmar que “um dos mais significativos fatos sobre nós pode se finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!”

Roque de Barros Laraia. Cultura, um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 62.

Assinale a alternativa em que um verbo, tomando outro sentido, tem alterada a sua predicação.

- a) O alfaiate virou e desvirou o terno, à procura de um defeito. / Francisco virou a cabeça para o lado, indiferente.
- b) Clotilde anda rápido como um raio. / Clotilde anda adoentada ultimamente.
- c) A mim não me negam lugar na fila. / Neguei o acesso ao prédio, como me cabia fazer.
- d) Não assiste ao prefeito o direito de julgar essa questão. / Não assisti ao filme que você mencionou.
- e) Visei o alvo e atirei. / As autoridades portuárias visaram o passaporte.

**50) (FGV-2005)** A última das três abordagens, entre as teorias idealistas, é a que considera cultura como sistemas simbólicos. Esta posição foi desenvolvida nos Estados Unidos principalmente por dois antropólogos: o já conhecido Clifford Geertz e David Schneider. O primeiro deles busca uma definição de homem baseada na definição de cultura. Para isto, refuta a idéia de uma forma ideal de homem, decorrente do iluminismo e da antropologia clássica, perto da qual as demais eram distorções ou aproximações, e tenta resolver o paradoxo (...) de uma imensa variedade cultural que contrasta com a unidade da espécie humana. Para isto, a cultura deve ser considerada “não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam programa) para governar o comportamento”. Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos cultura. E esta formulação - que consideramos uma nova maneira de encarar a unidade da espécie - permitiu a Geertz afirmar que “um dos mais significativos fatos sobre nós pode se finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!”

Roque de Barros Laraia. Cultura, um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 62.

Assinale a alternativa em que o uso dos verbos fazer, haver e ser está de acordo com a norma culta.

- a) Ele não se olhava no espelho haviam três dias. A esposa se queixava muito daquela situação.
- b) Faziam dias alegres naquele verão. Muito calor e muita mulher bonita.
- c) Não houveram mais casos de dengue nas redondezas, desde a intervenção do médico.
- d) Meu maior incômodo são as aves noturnas que vêm fazer ninho no forro da casa.
- e) Agora são meio-dia. As pessoas que fazem a sesta se dirigem a casa.

#### 51) (FGV-2006) Amor de Salvação

Escutava o filho de Eulália o discurso de D. José, lardeado de facécias, e, por vezes, atendível por umas razões que se lhe cravavam fundas no espírito. As réplicas saíam-lhe frouxas e mesmo timoratas. Já ele se temia de responder coisa de fazer rir o amigo. Violentava sua condição para o igualar na licença da idéia, e, por vezes, no desbragado da frase. Sentia-se por dentro reabrir em nova primavera de alegrias para muitos amores, que se haviam de destruir uns aos outros, a bem do coração desprendido salutarmente de todos. A sua casa de Buenos Aires aborreceu-a por afastada do mundo, boa tão somente para tolos infelizes que fiam do anjo da soledade o despenarem-se, chorando. Mudou residência para o centro de Lisboa, entre os salões e os teatros, entre o rebuliço dos botequins e concurso dos passeios. Entrou em tudo. As primeiras impressões enjoaram-no; mas, à beira dele, estava D. José de Noronha, rodeado dos próceres da bizarriz (*sic*), todos porfiados em tosquiarem um dromedário provinciano, que se escondera em Buenos Aires a delir em prantos uma paixão calosa, trazida lá das serranias minhotas. Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, que já muito a medo lhe segredava os seus antigos ditames, que expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate. É verdade que às vezes duas imagens lagrimosas se lhe antepunham: a mãe, e Mafalda. Afonso desconstrangia-se das visões importunas, e a si se acusava de pueril visionário, não emancipado ainda das crendices do poeta inesperto da prosa necessária à vida. Escrever, porém, a Teodora, não vingaram as sugestões de D. José. Porventura, outras mulheres superiormente belas, e agradecidas às suas contemplações, o traziam preocupado e algum tanto esquecido da morgada da Fervença.

Mas, um dia, Afonso, numa roda de mancebos a quem dava de almoçar, recebeu esta carta de Teodora:  
“Compedeu-se o Senhor. Passou o furacão. Tenho a cabeça fria da beira da sepultura, de onde me ergui. Aqui estou em pé diante do mundo. Sinto o peso do coração morto no seio; mas vivo eu, Afonso. Meus lábios já não amaldiçoam, minhas mãos estão postas, meus olhos não choram. O meu cadáver ergueu-se na imobilidade da estátua do sepulcro. Agora não me temas, não me fujas. Pára aí onde estás, que as tuas alegrias devem ser muito falsas, se a voz duma pobre mulher pode perturbá-las.

Olha... se eu hoje te visse, qual foste, ao pé de mim, anjo da minha infância, abraçava-te. Se me disseses que a tua inocência se baqueara à voragem das paixões, repelia-te. Eu amo a criança de há cinco anos, e detesto o homem de hoje.

Serena-te, pois. Esta carta que mal pode fazer-te, Afonso? Não me respondas; mas lê. À mulher perdida relanceou o Cristo um olhar de comiseração e ouviu-a. E eu, se visse passar o Cristo, rodeado de infelizes, havia de ajoelhar e dizer-lhe: Senhor! Senhor! É uma desgraçada que vos ajoelha e não uma perdida. Infâmias, uma só não tenho que a justiça da terra me condene. Estou acorrentada a um dever imoral, tenho querido espadaçá-lo, mas estou pura. Dever imoral... por que, não, Senhor! Vós vistes que eu era inocente; minha mãe e meu pai estavam convosco.”

“Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, (...) que expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate.” (L. 12-13)

Assinale a alternativa que corresponde ao sentido dessa frase e, ao mesmo tempo, respeita a norma culta da língua portuguesa.

- A) Ora, Afonso de Teive preferia renegar da virtude, (...) do que expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate.
- B) Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, (...) ao invés de expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate.
- C) Ora, Afonso de Teive preferia renegar da virtude, (...) a expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate.
- D) Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, (...) sem expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate.
- E) Ora, Afonso de Teive queria antes renegar da virtude, (...) por expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate.

52) (Fuvest-2001) A única frase em que as formas verbais estão corretamente empregadas é:

- a) Especialistas temem que órgãos de outras espécies podem transmitir vírus perigosos.
- b) Além disso, mesmo que for adotado algum tipo de ajuste fiscal imediato, o Brasil ainda estará muito longe de tornar-se um participante ativo do jogo mundial.
- c) O primeiro-ministro e o presidente devem ser do mesmo partido, embora nenhum fará a sociedade em que eu acredito.
- d) A inteligência é como um tigre solto pela casa e só não causará problema se o suprir de carne e o manter na jaula.
- e) O nome secreto de Deus era o princípio ativo da criação, mas dizê-lo por completo equivalia a um sacrilégio, ao pecado de saber mais do que nos convinha.

53) (Fuvest-2001) (...) e tudo ficou sob a guarda de Dona Plácida, suposta, e, a certos respeitos, verdadeira dona da casa.

Custou-lhe muito a aceitar a casa; farejara a intenção, e doía-lhe o ofício; mas afinal cedeu. Creio que chorava, a princípio: tinha nojo de si mesma. Ao menos, é certo que

não levantou os olhos para mim durante os primeiros dois meses; falava-me com eles baixos, séria, carrancuda, às vezes triste. Eu queria angariá-la, e não me dava por ofendido, tratava-a com carinho e respeito; forcejava por obter-lhe a benevolência, depois a confiança. Quando obtive a confiança, imaginei uma história patética dos meus amores com Virgília, um caso anterior ao casamento, a resistência do pai, a dureza do marido, e não sei que outros toques de novela. Dona Plácida não rejeitou uma só página da novela; aceitou-as todas. Era uma necessidade da consciência. Ao cabo de seis meses quem nos visse a todos três juntos diria que Dona Plácida era minha sogra. Não fui ingrato; fiz-lhe um pecúlio de cinco contos, - os cinco contos achados em Botafogo, - como um pão para a velhice. Dona Plácida agradeceu-me com lágrimas nos olhos, e nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da Virgem, que tinha no quarto. Foi assim que lhe acabou o nojo.  
(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*)

Em relação a “Custou-lhe muito a aceitar a casa”, as formas verbais **farejara** e **doía** expressam, respectivamente,

- posterioridade e simultaneidade.
- simultaneidade e anterioridade.
- posterioridade e anterioridade.
- anterioridade e simultaneidade.
- simultaneidade e posterioridade.

54) (Fuvest-2001) Leia o excerto, observando as diferentes formas verbais.

Chegou. Pôs a cuia no chão, escorou-a com pedras, matou a sede da família. Em seguida acocorou-se, remexeu o aió, tirou o fuzil, acendeu as raízes de macambira, soprou-as, inchando as bochechas cavadas. Uma labareda tremeu, elevou-se, tingiu-lhe o rosto queimado, a barba ruiva, os olhos azuis. Minutos depois o preá torcia-se e chiava no espeto de alecrim.

Eram todos felizes. Sinha Vitória vestiria uma saia larga de ramagens. A cara murcha de sinha Vitória remoçaria (...). (...)

A fazenda renasceria - e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquele mundo.

(Graciliano Ramos, *Vidas secas*)

- Considerando que no primeiro parágrafo predomina o pretérito perfeito, justifique o emprego do imperfeito em “o preá torcia-se e chiava no espeto de alecrim”.
- Explique o efeito de sentido produzido no excerto pelo emprego do futuro do pretérito.

55) (Fuvest-1997) Um historiador da nossa língua, creio que João de Barros, põe na boca de um rei bárbaro algumas palavras mansas, quando os portugueses lhe propunham estabelecer ali ao pé uma fortaleza; dizia o rei que os bons amigos deviam ficar longe uns dos outros, não perto, para se não zangarem como as águas do mar que

batiam furiosas no rochedo que eles viam dali. Que a sombra do escritor me perdoe, se eu duvido que o rei dissesse tal palavra nem que ela seja verdadeira. Provavelmente foi o mesmo escritor que a inventou para adornar o texto, e não fez mal, porque é bonita; realmente, é bonita. Eu creio que o mar então batia na pedra, como é seu costume, desde Ulisses e antes. Agora que a comparação seja verdadeira é que não. Seguramente há inimigos contíguos, mas também há amigos de perto e do peito. E o escritor esquecia (salvo se ainda não era do seu tempo) esquecia o adágio: longe dos olhos, longe do coração.  
[Machado de Assis, Dom Casmurro]

No trecho, "... eu duvido que o rei dissesse tal palavra nem que ela seja verdadeira", o termo DISSESSE expressa uma:

- continuidade.
- improbabilidade.
- simultaneidade.
- impossibilidade.
- alternância.

56) (Fuvest-2002) Estas duas estrofes encontram-se em O samba da minha terra, de Dorival Caymmi:

Quem não gosta de samba  
bom sujeito não é,  
é ruim da cabeça  
ou doente do pé.

Eu nasci com o samba,  
no samba me criei,  
do danado do samba  
nunca me separei.

- Reescreva a primeira estrofe, iniciando-a com a frase afirmativa *Quem gosta de samba* e fazendo as adaptações necessárias para que se mantenha a coerência do pensamento de Caymmi. **Não** utilize formas negativas.
- Reescreva os dois primeiros versos da segunda estrofe, substituindo as formas nasci e me criei, respectivamente, pelas formas verbais correspondentes de provir e conviver e fazendo as alterações necessárias.

57) (Fuvest-2000) As duas manas Lousadas! Secas, escuras e gárrulas como cigarras, desde longos anos, em Oliveira, eram elas as esquadrihadoras de todas as vidas, as espalhadoras de todas as maledicências, as tecedeiras de todas as intrigas. E na desditosa cidade, não existia nódoa, pecha, bule rachado, coração dorido, algibeira arrasada, janela entreaberta, poeira a um canto, vulto a uma esquina, bolo encomendado nas Matildes, que seus olhinhos furantes de azeviche sujo não descortinassem e que sua solta língua, entre os dentes ralos, não comentasse com malícia estridente.

(Eça de Queirós, *A ilustre Casa de Ramires*)

A correlação de tempos que, neste texto, se verifica entre as formas verbais **existia**, **descortinassem** e **comentasse**, mantém-se apenas em:

- a) não existe; não descortinem; não comente.
- b) não existiu; não teriam descortinado; não teria comentado.
- c) não existira; não tinham descortinado; não tinha comentado.
- d) não existirá; não tiverem descortinado; não tiver comentado.
- e) não existiria; não descortinavam; não comentava.

**58) (Fuvest-1997)** Assinale a alternativa em que a correlação de tempos e modos verbais NÃO é adequada ao contexto.

- a) Ainda aparecerá no Congresso alguém disposto a apresentar um projeto que fixe conseqüências para aqueles que enganem a sociedade.
- b) Tudo leva a crer que nesses cruzamentos de culturas a situação das áreas coloniais apresente um convívio de extremos.
- c) Não há dúvida de que, nos traumas sociais, os sujeitos da cultura popular sofrem abalos graves.
- d) More alguém nos bairros pobres da periferia de uma cidade grande e verá no que resultou essa condição do migrante.
- e) A sua conduta será de inconformismo e violência, até que um dia certas condições poderiam reconstituir sua vida familiar.

**59) (Fuvest-1998)** A única frase em que a correlação de tempos e modos NÃO foi corretamente observada é:

- a) Segundo os Correios, se a greve terminar amanhã, as entregas serão normalizadas em 13 dias.
- b) Para que o agricultor não se limitasse aos recursos oficiais, as fábricas também criaram suas próprias linhas de crédito.
- c) Um dos seus projetos de lei exigia que os professores e servidores das universidades fizessem exames antidoping.
- d) Na discussão do projeto, o deputado duvidou que o colega era o autor da emenda.
- e) A Câmara Municipal aprovou a lei que concede descontos a multas e juros que estão em atraso.

**60) (Fuvest-1997)** Conta Rubem Braga o conselho que um amigo lhe deu certa vez: "Olhe, Rubem, faça como eu, não tope parada com a gramática."

Tratando Rubem por TU e respeitando o padrão culto, o amigo deveria dizer:

- a) Olhai, Rubem, faz como eu, não enfrente a gramática.
- b) Olhai, Rubem, faze como eu, não te vás atemorizar com a gramática.
- c) Olha, Rubem, façás como eu, cuide de seguir a gramática.
- d) Olhe, Rubem, façás como eu, evita fugir à gramática.
- e) Olha, Rubem, faz como eu, não desafies a gramática.

**61) (Fuvest-2003)** Dos verbos assinalados, só está corretamente empregado o que aparece na frase:

- a) A atual administração quer **crescer** a arrecadação do IPTU em 40%.
- b) A economia latino-americana se modernizou sem que a estrutura de renda da região **acompanhou** as transformações.
- c) Se **fazer** previsões sobre a situação econômica já era difícil antes das eleições, agora ficou ainda mais complicado.
- d) A indústria ficará satisfeita só quando vender metade do estoque e **transpor** o obstáculo dos juros.
- e) Por mais que os leitores se **apropriam** de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa.

**62) (Fuvest-2003)** Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:

- a) Confira as receitas incríveis preparadas para você. Clica aqui!
- b) Mostra que você tem bom coração. Contribua para a campanha do agasalho!
- c) Cura-te a ti mesmo e seja feliz!
- d) Não subestime o consumidor. Venda produtos de boa procedência.
- e) Em caso de acidente, não siga viagem. Pede o apoio de um policial.

**63) (Fuvest-1995)** "(...) O antropólogo Claude Lévi-Strauss detestou a Baía de Guanabara  
Pareceu-lhe uma boca banguela.

E eu, menos a conhecera mais a amara?

Sou cego de tanto vê-la, de tanto tê-la estrela

O que é uma coisa bela?"

[CAETANO VELOSO, 'O Estrangeiro']

- a) Na linguagem literária, muitas vezes, o mais-que-perfeito do indicativo substitui outras formas verbais, como no verso: "E eu, menos a conhecera mais a amara?". Reescreva-o, usando as formas que o mais-que-perfeito substituiu.
- b) Tanto 'sou' como 'é' são formas do presente do indicativo. Apesar disso, a visão do tempo que elas transmitem não é a mesma em uma e outra. Em que consiste essa diferença?

**64) (Fuvest-2005)** Às seis da tarde

Às seis da tarde

As mulheres choram

No banheiro

Não choravam por isso

Ou por aquilo

Choravam porque o pranto subia

Garganta acima

Mesmo se os filhos cresciam

Com boa saúde

se havia comida no fogo  
e se o marido lhes dava  
do bom e do melhor  
choravam porque no céu  
além do basculante  
o dia se punha  
porque uma ânsia  
uma dor  
uma gastura  
era só o que sobrava  
dos seus sonhos.

Agora

Às seis da tarde

As mulheres regressam do trabalho

O dia se impõe

Os filhos crescem

O fogo espera

E elas não podem

Não querem

Chorar na condução.

(Marina Colasanti - Gargantas abertas)

Basculante = um tipo de janela.

Gastura = inquietação nervosa, aflição, mal-estar.

a) O texto faz ver que mudanças históricas ocorridas na situação de vida das mulheres não alteraram substancialmente sua condição subjetiva. Concorda com essa afirmação? Justifique sucintamente.

b) No poema, o emprego dos tempos do imperfeito e do presente do indicativo deixa claro que apenas um deles é capaz de indicar ações repetidas, durativas ou habituais. Concorda com essa afirmação? Justifique sucintamente.

65) (FUVEST-2007) O anúncio luminoso de um edifício em frente, acendendo e apagando, dava banhos intermitentes de sangue na pele de seu braço repousado, e de sua face. Ela estava sentada junto à janela e havia luar; e nos intervalos desse banho vermelho ela era toda pálida e suave.

Na roda havia um homem muito inteligente que falava muito; havia seu marido, todo bovino; um pintor louro e nervoso; uma senhora recentemente desquitada, e eu. Para que recensear a roda que falava de política e de pintura? Ela não dava atenção a ninguém. Quieta, às vezes sorrindo quando alguém lhe dirigia a palavra, ela apenas mirava o próprio braço, atenta à mudança da cor. Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo. “Muito!”, disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro - e disse mais algumas palavras; mas mudou um pouco a posição do braço e continuou a se mirar, interessada em si mesma, com um ar sonhador.  
*Rubem Braga, “A mulher que ia navegar”.*

“Muito!”, disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro.”

Se a pergunta a que se refere o trecho fosse apresentada em discurso direto, a forma verbal correspondente a “gostara” seria

- a) gostasse.
- b) gostava.
- c) gostou.
- d) gostará.
- e) gostaria.

66) (FUVEST-2007) Muitos políticos olham com desconfiança os que se articulam com a mídia. Não compreendem que não se faz política sem a mídia. Jacques Ellul, no século passado, afirmava que um fato só se torna político pela mediação da imprensa. Se 20 índios ianomâmis são assassinados e ninguém ouve falar, o crime não se torna um fato político. Caso apareça na televisão, o que era um mistério da floresta torna-se um problema mundial.

*Adaptado de Fernando Gabeira, Folha de S. Paulo.*

a) Explique a distinção, explorada no texto, entre dois tipos de fatos: um, relacionado a “mistério da floresta”; outro, relacionado a “problema mundial”.

b) Reescreva os dois períodos finais do texto, começando com “Se 20 índios fossem assassinados...” e fazendo as adaptações necessárias.

67) (FVG - SP-2007) Assinale a alternativa em que os verbos prever, intervir, propor e manter estão corretamente conjugados.

- a) Previu / interviu / propuser / mantesse.
- b) Prevesse / intervisse / proposse / mantesse.
- c) Previu / interveio / propusesse / mantera.
- d) Preveu / intervim / propuser / mantivesse.
- e) Previsse / intervier / propusesse / mantinha.

68) (FVG - SP-2007) Assinale a alternativa em que os verbos **impregnar**, **optar**, **suar** e **estrear** preenchem corretamente as lacunas das frases abaixo.

Esse tipo de tinta \_\_\_\_\_ de cheiro acre a roupa da loja.

O coronel sempre \_\_\_\_\_ pelo praça de maior destreza para dirigir a viatura.

Nos dias de calor, ele \_\_\_\_\_ o demais; por isso, o ar condicionado do carro.

O cantor \_\_\_\_\_ no teatro da Barra ontem, à noite. Um sucesso!

- a) Impreguina, opta, sua, estreiou.
- b) Impregna, opta, soa, estreiou.
- c) Impregna, opta, sua, estreou.
- d) Impreguina, opita, soa, estreiou.
- e) Impregna, opita, sua, estreiou.



69) (FVG - SP-2007)

Pastora de nuvens, fui posta a serviço por uma campina  
tão desamparada que não principia nem também termina,  
e onde nunca é noite e nunca madrugada.

(Pastores da terra, vós tendes sossego, que olhais para o  
sol e encontrais direção. Sabeis quando é tarde, sabeis  
quando é cedo. Eu, não.)

Cecília Meireles

Esse trecho faz parte de um poema de Cecília Meireles,  
intitulado *Destino*, uma espécie de profissão de fé da  
autora.

O tratamento utilizado na 2ª estrofe do poema se  
caracteriza por ser

- a) indireto de 3ª pessoa do singular.
- b) direto de 1ª pessoa do singular.
- c) direto de 2ª pessoa do plural.
- d) indireto de 2ª pessoa do plural.
- e) direto de 3ª pessoa do plural.

70) (Gama Filho-1997) Eu amo a noite solitária e muda,

Quando no vasto céu fitando os olhos,  
Além do escuro, que lhe tinge a face,  
Alcanço deslumbrado  
Milhões de sóis a divagar no espaço,  
Como em salas de esplêndido banquete  
Mil tochas aromáticas ardendo  
Entre nuvens d'incenso!

(...)

Eu amo a noite solitária e muda;  
Como formosa dona em régios paços,  
Trajando ao mesmo tempo luto e galas  
Majestosa e sentida;  
Se no dó atentais, de que se enluta,  
Certo **sentis** pesar de a ver tão triste;  
Se o rosto lhe **fitais**, sentis deleite  
De a ver tão bela e grave!  
Gonçalves Dias - "A Noite"

"fitais/sentis"

Passando as formas verbais acima para a 3ª pessoa do  
plural do imperativo afirmativo, teremos,  
respectivamente:

- a) fitem - sintam.
- b) fitem - sentissem.
- c) fitai - senti.
- d) fitam - sentem.

e) fitam - sintam.

71) (GV-2003) Leia atentamente o texto e responda à  
questão que a ele se refere.

Pode-se abordar o estudo das organizações asseverando a  
unicidade de toda estrutura social e evitando qualquer  
generalização, até que se tenha à mão prova empírica de  
similaridade bem aproximada. Foi esse o ponto de vista  
aconselhado à equipe de pesquisa da Universidade de  
Michigan pelos líderes de quase todas as organizações  
estudadas.- Nossa organização é única; de fato, não  
podemos ser comparados a qualquer outro grupo,  
declarou um líder ferroviário. Os ferroviários viam seus  
problemas organizacionais como diferentes de todas as  
demais classes; o mesmo acontecia com os altos  
funcionários do governo. Os dirigentes das companhias de  
seguros reagiam da mesma forma, o que também era feito  
pelos diretores de empresas manufactureiras, grandes e  
pequenas.

Entretanto, no momento em que começavam a falar de  
seus problemas, as reivindicações que faziam de sua  
unicidade tornavam-se invalidadas. Através de uma análise  
de seus problemas teria sido difícil estabelecer diferença  
entre o diretor de uma estrada de ferro e um alto  
funcionário público, entre o vice-presidente de uma  
companhia seguradora e seu igual de uma fábrica de  
automóveis. Conquanto haja aspectos únicos em qualquer  
situação social, também existem padrões comuns e,  
quanto mais nos aprofundamos, maiores se tornam as  
similaridades genotípicas.

Por outro lado, o teorista social global pode ficar tão  
envolvido em certas dimensões abstratas de todas as  
situações sociais que ele será incapaz de explicar as  
principais origens de variação em qualquer dada situação.  
O bom senso indica para esse problema a criação de uma  
tipologia. Nesse caso, são atribuídos às organizações certos  
tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações.  
Assim, existem organizações voluntárias e involuntárias,  
estruturas democráticas e autocráticas, hierarquias  
centralizadas e descentralizadas, associações de expressão  
e aquelas que agem como instrumentos. As organizações  
são classificadas de maneira ainda mais comum, de acordo  
com suas finalidades oficialmente declaradas, tais como  
educar, obter lucros, promover saúde, religião, bem-estar,  
proteger os interesses dos trabalhadores e recreação.  
Adaptado de KATZ, Daniel e KAHN, Robert L., p. 134-135.  
Psicologia Social das Organizações. São Paulo: Atlas, 1970.  
Obs.: Asseverando significa afirmando com certeza,  
assegurando.

Observe o seguinte período: "Nesse caso, são atribuídos às  
organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser  
feitas generalizações". Nele, ocorre voz passiva analítica; a  
voz ativa correspondente está indicada em:

- a) Nesse caso, são atribuídos (por alguém) certos tipos a  
respeito dos quais podem fazer-se certas generalizações.

- b) Nesse caso, (alguém) pode atribuir às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações.
- c) De fato, (alguém) não pode nos comparar a qualquer outro grupo.
- d) Nesse caso, (alguém) atribui às organizações certos tipos a respeito dos quais (alguém) pode fazer generalizações.
- e) Nesse caso, atribuem-se às organizações certos tipos a respeito dos quais se podem fazer generalizações.

72) (GV-2003) Em qual das alternativas **não** há a necessária correlação temporal das formas verbais?

- a) A festa aconteceu no mesmo edifício em que transcorrer o passamento de José Mateus, vinte anos antes.
- b) Quando Estela descer da carruagem, poderia acontecer-lhe uma desgraça se o cocheiro não dispuser adequadamente o estribo.
- c) Tendo visto o pasto verde, o cavalo pôs-se a correr sem que alguém pudesse controlá-lo.
- d) Pelo porte, pelo garbo, todos perceberam que Antônio Sé fora militar de alta patente.
- e) Se o policial não tivesse intervindo a tempo, teria ocorrido a queda do canhão.

73) (GV-2003) Assinale a alternativa em que todos os verbos estejam empregados de acordo com a norma culta.

- a) Você quer, depois de tudo o que me fez, que eu vou ao jantar com sua amiga?
- b) Não faz isso, que os meninos estão para chegar e eu ainda não preparei o almoço.
- c) Tende dó, meus filhos! Todos nós, pecadores, estamos sujeitos a essas tentações. Tende dó!
- d) Quem haveria de dizer que ele pode vim fazer esse concerto sem nenhuma dificuldade?
- e) Sai, que esse dinheiro é meu. Não me venha dizer que o viu primeiro.

74) (IBMEC-2006) Sapos, desculpas e proxenetas  
Do “vão ter que me engolir” à cafetina Jane:  
fecundos capítulos da novela do mensalão  
(fragmento)

Em Zagallo já era feio. O então técnico da seleção tinha o rosto transtornado de fúria, a voz cheia de rancor, e encarava a câmera de TV com ganas de pit bull ferido, quando despejou sua famosa frase: “VOCÊS VÃO TER QUE ME ENGOLIR!”. No presidente da República fica muito pior. O “eles vão ter que engolir” destinado pelo presidente Lula aos adversários na semana passada inscreve-se na galeria das grandes grosserias já disparadas pelos presidentes do Brasil. Lembra o “Me esqueçam” do general João Figueiredo quando, em sua última entrevista como presidente, o jornalista Alexandre Garcia lhe perguntou que palavras gostaria de endereçar naquele momento ao

povo brasileiro. Com a ameaça de adentrar goela abaixo de uma parcela de brasileiros, o “Lulinha paz e amor” dava abrupta marcha a ré em direção aos tempos espinhudos do sapo barbudo.

O presidente Lula tem andado exaltado em seus pronunciamentos. Um dia diz que “ninguém tem mais moral e ética” do que ele, no outro que a “elite brasileira” não vai fazê-lo baixar a cabeça. Por duas vezes, bateu na tecla de que, se se deve investigar até o fim as denúncias que sacodem o país e punir os culpados, deve-se, também, absolver os inocentes e pedir-lhes desculpas. “Que pelo menos a imprensa brasileira divulgue e peça desculpas àqueles que foram acusados injustamente”, disse, no mesmo discurso do “vão ter que me engolir”. É nessa hora que eleva o tom de voz e embica num fraseado compassado, sinal para a claqué dos comícios de que é hora de aplaudir. Fica a impressão de que a pregação que veio antes, de punição aos culpados, foi, além de obrigatório tributo à obviedade, mero contraponto ao apelo à absolvição, o ponto que realmente interessa ao presidente. “Vamos inocentar!”, isso, na verdade, é o que ele mais está querendo dizer.

(TOLEDO, Roberto Pompeu de. Revista Veja. *Ensaio*. São Paulo. Editora Abril. Ano 38, Nº- 32, 10 de agosto de 2005. p.142)

Assinale a alternativa que apresenta exemplo de verbo usado no sentido figurado caracterizando predicado nominal.

- a) “Vamos inocentar!”
- b) “eles vão ter que engolir”
- c) “O presidente Lula tem andado exaltado em seus pronunciamentos.”
- d) “... quando despejou sua famosa frase...”
- e) “... ‘ninguém tem mais moral e ética’ do que ele...”

75) (IBMEC-2006) JUVENTUDE ENCARCERADA

“Não adianta vocês fazerem rebeliões e quebrarem tudo porque dinheiro para realizar reformas e prendê-los aparece rapidamente”. Ao fazer essa declaração em caráter informal a um adolescente que cumpria medida sócio-educativa de internação, jamais poderia imaginar que essa mensagem passaria a nortear suas atitudes dali em diante.

As experiências vividas em unidades de internação e de semiliberdade do Degase (Departamento Geral de Ações Sócio-Educativas), órgão responsável pelos adolescentes em cumprimento de medidas sócio-educativas no Estado do Rio de Janeiro, respaldam minhas palavras sobre o tema em voga na mídia: a redução da maioria penal para 16 anos.

Poderia falar de vários fatos para justificar a minha opinião contrária à redução da maioria penal e também da adoção do Direito Penal Juvenil. Ambas, a meu ver, destoam das conquistas da sociedade brasileira garantidas



pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e por outros diplomas.

Adolescentes são apresentados à sociedade como mentores de crimes hediondos, traficantes perigosos, perturbadores da ordem pública e outras qualificações que em nada renovam as expressões utilizadas no início do século passado para justificar o encarceramento de adolescentes oriundos de classes populares.

A triste conclusão a que chego é a de que, infelizmente, não há um plano de inclusão na sociedade brasileira para essa enorme população de crianças e adolescentes originários das classes menos favorecidas. Portanto, surgem como alternativas o encarceramento, o extermínio e a exploração sexual e do trabalho dessa população. Estamos sensibilizados com a dor dos pais dos jovens assassinados em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Maranhão e em todos os recantos deste Brasil onde crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos são assassinados diariamente por pessoas de todas as classes sociais que se organizam em quadrilhas para ceifar vidas pelos motivos mais fúteis.

Quando tomo conhecimento de notícias envolvendo adolescentes e até mesmo crianças pergunto-me: quem estará semeando o desamor nesses corações? Por que não conseguimos impedir que os mentores dessa tragédia continuem atuando? Por que servimos banquetes a corruptos? Por que não anistiamos os adolescentes que cometeram atos leves e não reincidiram para que possamos cuidar com responsabilidade de casos mais graves? Por que as instituições responsáveis pelo atendimento não têm atenção devida do estado e de toda a sociedade?

“— É verdade, seu Sidney, para prender a gente o dinheiro aparece rapidinho. Eu não me meto nessa furada. Eu vou é pra escola.”

Ele foi para a escola, não aconteceu a rebelião e a sociedade ganhou mais um crítico do sistema. Jogado no sistema penitenciário, aquele jovem não teria tempo para desenvolver sua consciência crítica. Reduzir a maioria penal significa, também, anular a possibilidade de corrigirmos nossas falhas pelo desrespeito aos direitos de todas as crianças e adolescentes do Brasil.

(Silva, Sidney Teles da. “Revista Ocas” saindo das ruas. Número 19, fevereiro de 2004, p. 30)

O uso de verbos e pronomes na primeira pessoa do plural, no sexto parágrafo, evidencia, analogicamente, que o “nós” é equivalente a:

- a) o Estado.
- b) o sistema penitenciário.
- c) a sociedade.
- d) as instituições responsáveis.
- e) a família.

76) (IBMEC-2006) Assinale a alternativa **correta** quanto ao emprego das formas verbais.

- a) Para vires à minha casa, é preciso que vires à direita logo que vires a creche municipal.
- b) O advogado entrevistou no depoimento posto que as acusações voltavam-se contra seu cliente.
- c) Aceitaremos a proposta se ela nos convir.
- d) Pagarei minha dívida se eu reaver a soma roubada.
- e) O lançamento errado será facilmente encontrado se todos refazerem as contas.

77) (IBMEC-2007) Não há erro de conjugação verbal na alternativa

- a) Os ambientalistas vêm com bons olhos as causas indígenas.
- b) Por falta de oportunidade, o funcionário não entrevistou nos comentários do consultor.
- c) Se a testemunha depor a favor do réu, certamente ele será absolvido.
- d) Eles reaveram tudo o que tinham perdido.
- e) Se eu dispusesse de algum dinheiro, poderia ajudá-lo.

78) (IBMEC - SP-2007) Verbos defectivos não têm a conjugação completa.

Leia atentamente os períodos a seguir e assinale a alternativa em que o verbo, por ser defectivo, não pode ser conjugado na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo, nem no presente do subjuntivo.

- a) Creio que eu \_\_\_\_\_ mais que isso. (valer)
- b) Como presidente desta organização, eu \_\_\_\_\_ o 1.º artigo do Regimento. (abolir)
- c) Eu sempre coube neste lugar. Por que dizem que eu não \_\_\_\_\_ agora? (caber)
- d) Eu me \_\_\_\_\_ a todo instante. (contradizer)
- e) Hoje mesmo eu \_\_\_\_\_ minha matrícula nesta escola. (requerer)

79) (IBMEC - SP-2007) Samba do avião (Tom Jobim)

Minha alma canta  
Vejo o Rio de Janeiro  
Estou morrendo de saudades  
Rio, seu mar, praias sem fim,  
Rio, você foi feito pra mim  
Cristo Redentor  
Braços abertos sobre a Guanabara  
Este samba é só porque  
Rio, eu gosto de você  
A morena vai sambar  
Seu corpo todo balançar  
Rio de sol, de céu, de mar  
Dentro de um minuto  
estaremos no Galeão  
Rio de Janeiro,

Rio de Janeiro,  
Rio de Janeiro,  
Rio de Janeiro,  
Cristo Redentor  
Braços abertos sobre a Guanabara  
Este samba é só porque  
Rio, eu gosto de você  
A morena vai sambar  
Seu corpo todo balançar  
Aperte o cinto vamos chegar  
Água brilhando, olha a pista chegando  
E vamos nós  
aterrar

Levando em consideração o contexto, de acordo com a norma culta, os versos "Aperte o cinto vamos chegar/ Água brilhando, olha a pista chegando", deveriam ser substituídos por:

- Aperta o cinto vamos chegar/ Água brilhando, olhe a pista chegando
- Aperte o cinto vamos chegar/ Água brilhando, olhe a pista chegando
- Aperte o cinto vamos chegar/ Água brilhando, olha a pista chegando
- Aperta o cinto vamos chegar/ Água brilhando, olha a pista chegando
- Apertas o cinto vamos chegar/ Água brilhando, olhas a pista chegando

**80) (IBMEC - SP-2007)** Luísa, ao voltar para casa, veio a refletir naquela cena. Não - pensava -, já não era a primeira vez que ele mostrava um desprendimento muito seco por ela, pela sua reputação, pela sua saúde! Queria-a ali todos os dias, egoicamente. Que as más línguas falassem; que as soalheiras a matassem, que lhe importava? E para quê?... Porque enfim, saltava aos olhos, ele amava-a menos... As suas palavras, os seus beijos arrefeciam cada dia, mais e mais!... Já não tinha aqueles arrebatamentos do desejo em que a envolvia toda numa carícia palpitante, nem aquela abundância de sensação que o fazia cair de joelhos com as mãos trêmulas como as de um velho!... Já se não arremessava para ela, mal ela aparecia à porta, como sobre uma presa estremeçada!... Já não havia aquelas conversas pueris, cheias de risos, divagadas e tontas, em que se abandonavam, se esqueciam, depois da hora ardente e física, quando ela ficava numa lassitude doce, com o sangue fresco, a cabeça deitada sobre os braços nus! - Agora! Trocado o último beijo, acendia o charuto, como num restaurante ao fim do jantar! E ia logo a um espelho pequeno que havia sobre o lavatório dar uma penteadela no cabelo com um pentezinho de algibeira. (O que ela odiava o pentezinho!) Às vezes até olhava o relógio!... E enquanto ela se arranjava não vinha, como nos primeiros tempos, ajudá-la, pôr-lhe o colarinho, picar-se nos seus alfinetes, rir em volta dela, despedir-se com

beijos apressados da nudez dos seus ombros antes que o vestido se apertasse. Ia rufar nos vidros - ou sentado, com um ar macambúzio, bamboleava a perna!  
E depois positivamente não a respeitava, não a considerava... Tratava-a por cima do ombro, como uma burguesinha, pouco educada e estreita, que apenas conhece o seu bairro. E um modo de passear, fumando, com a cabeça alta, falando no "espírito de madame de tal", nas "toaletes da condessa de tal"! Como se ela fosse estúpida, e os seus vestidos fossem trapos! Ah, era secante! E parecia, Deus me perdoe, parecia que lhe fazia uma honra, uma grande honra em a possuir...  
Imediatamente lembrava-lhe Jorge, Jorge que a amava com tanto respeito! Jorge, para quem ela era decerto a mais linda, a mais elegante, a mais inteligente, a mais cativante!... E já pensava um pouco que sacrificara a sua tranqüilidade tão feliz a um amor bem incerto!  
Enfim, um dia que o viu mais distraído, mais frio, explicou-se abertamente com ele. Direita, sentada no canapé de palhinha, falou com bom senso, devagar, com um ar digno e preparado: Que percebia bem que ele se aborrecia; que o seu grande amor tinha passado; que era portanto humilhante para ela verem-se nessas condições, e que julgava mais digno acabarem...  
Basílio olhava-a, surpreendido da sua solenidade; sentia um estudo, uma afetação naquelas frases; disse muito tranqüilamente, sorrindo:  
- Trazias isso decorado!  
Luísa ergueu-se bruscamente; encarou-o, teve um movimento desdenhoso dos lábios.  
- Tu estás doida, Luísa?  
- Estou farta. Faço todos os sacrifícios por ti; venho aqui todos os dias; comprometo-me, e para quê? Para te ver muito indiferente, muito secado...  
- Mas meu amor...  
Ela teve um sorriso de escárnio.  
- Meu amor! Oh! São ridículos esses fingimentos!  
Basílio impacientou-se.  
- Já isso cá me faltava, essa cena! - exclamou impetuosamente. E cruzando os braços diante dela: - Mas que queres tu? Queres que te ame como no teatro, em São Carlos? Todas sois assim! Quando um pobre diabo ama naturalmente, como todo o mundo, com o seu coração, mas não tem gestos de tenor, aqui del rei que é frio, que se aborrece, é ingrato... Mas que queres tu? Queres que me atire de joelhos, que declame, que revire os olhos, que faça juras, outras tolices?  
- São tolices que tu fazias...  
- Ao princípio! - respondeu ele brutalmente. - Já nos conhecemos muito para isso, minha rica.  
E havia apenas cinco semanas!  
- Adeus! - disse Luísa.  
(Eça de Queirós, O primo Basílio)  
Analise as formas verbais destacadas nos fragmentos a seguir:  
I. "E já pensava um pouco que sacrificara a sua tranqüilidade tão feliz a um amor bem incerto!"

II. “Que percebia bem que ele se aborrecia; que o seu grande amor tinha passado...”  
É correto afirmar que  
a) todos os verbos estão conjugados no pretérito imperfeito do modo indicativo e expressam a idéia de ação concluída.  
b) “pensava”, ao contrário de “sacrificara”, expressa, no texto, uma ação habitual no passado.  
c) os dois verbos destacados no enunciado I expressam eventos posteriores à fala da personagem.  
d) “sacrificara” está conjugado no mesmo tempo verbal que “tinha passado”: pretérito mais que perfeito do modo indicativo.  
e) “percebia” reforça a noção de simultaneidade e “aborrecia” revela a idéia de anterioridade a “tinha passado”.

81) (IME-1996) a) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.  
"A polícia não entrevistou a tempo de evitar o roubo."  
b) "Havia bastante razões para confiarmos no teu amigo."

82) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.  
a) "Se você requeresse e o seu amigo intervisse, talvez você reavesse esses bens."  
b) "A algum tempo, São Paulo era quasi uma provincia."

83) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.  
a) "Enviamos anexo os dados solicitados por V. Sa. e nos colocamos à vossa inteira disposição para qualquer outros pedidos."  
b) "O diretor havia aceito a tarefa de reformar a escola."

84) (ITA-2002) O trecho publicitário a seguir apresenta uma transgressão gramatical bastante comum:

*Esta empresa se preocupa com economia de energia muito antes que você se preocupasse com isso.*

Leia as frases abaixo e assinale a opção adequada ao padrão formal da língua:

- I. Esta empresa se preocupava com energia muito antes que você se preocupasse com isso.
- II. Esta empresa se preocuparia com economia de energia muito antes que você se preocupasse com isso.
- III. Esta empresa se preocupou com economia de energia muito antes que você se preocupe com isso.
- IV. Esta empresa se preocupara com economia de energia muito antes que você se preocupasse com isso.

V. Esta empresa se preocupa com economia de energia muito antes que você tivesse se preocupado com isso.

- a) Apenas I.
- b) I, II e III..
- c) I e III.
- d) II, III e V.
- e) II e IV

85) (ITA-2002) Ela saltou no meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca encontra fundo. Depois, como se voltasse à vida soltava um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar os quadris, e em seguida sapateava, miúdo e cerrado, freneticamente, erguendo e abaixando os braços, que dobrava, ora um, ora outro, sobre a nuca enquanto a carne lhe fervia toda, fibra por fibra, titilando.  
(AZEVEDO, Aluísio. O Cortiço, 25ª ed. São Paulo, Ática, 1992, p. 72-3.)

Neste trecho, o efeito de movimento rápido é obtido por verbos empregados no tempo ou modo:

- a) pretérito perfeito do indicativo.
- b) pretérito imperfeito do subjuntivo.
- c) presente do indicativo.
- d) infinitivo.
- e) gerúndio.

86) (ITA-2001) Os versos abaixo são da letra da música Cobra, de Rita Lee e Roberto de Carvalho:

*Não me cobre ser existente  
Cobra de mim que sou serpente*

Com relação ao emprego do imperativo nos versos, podemos afirmar que

- a) a oposição imperativo negativo e imperativo afirmativo justifica a mudança do verbo cobre/cobra.
- b) a diferença de formas (cobre/cobra) não é registrada nas gramáticas normativas, portanto há inadequação na flexão do segundo verbo (cobra).
- c) a diferença de formas (cobre/cobra) deve-se ao deslocamento da 3ª para a 2ª pessoa do sujeito verbal.
- d) o sujeito verbal (3ª pessoa) mantém-se o mesmo, portanto o emprego está adequado.
- e) o primeiro verbo no imperativo negativo opõe-se ao segundo verbo que se encontra no presente do indicativo.

87) (ITA-1996) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas.

Se \_\_\_\_\_ as conseqüência, não \_\_\_\_\_ na discussão. Entretanto não \_\_\_\_\_, e \_\_\_\_\_.

- a) previsse - teria intervindo - titubeou - interveio.
- b) prevesse - interviria - se conteve - interviu.
- c) tivesse previsto - interferiria - hesitou - interviu.
- d) predissesse - teria intervindo - se absteve - interveio
- e) previsse - se intrometeria - titubiu - interferiu.

88) (ITA-1998) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.

Quando os dirigentes \_\_\_\_\_ às funcionárias que se \_\_\_\_\_ das cervejinhas e que \_\_\_\_\_ seus passatempos e diversões \_\_\_\_\_, muitas delas não se \_\_\_\_\_; pegaram seus pertences e retiraram-se.

- a) proporam - abstessesem - revessem - preferidos - contiveram
- b) propuseram - abstivessem - revissem - preferidos - conteram
- c) proporam - abstenham - revejam - preferidas - conteram
- d) proporem - abstenhem - revejam - preferidos - contêm
- e) propuseram - abstivessem - revissem - preferidos - contiveram

89) (ITA-1998) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

I. \_\_\_\_\_ os amigos, jamais \_\_\_\_\_ sua atenção e confiança.

II. \_\_\_\_\_ dos políticos que dizem que os recursos públicos não \_\_\_\_\_ do povo.

- a) destratando - se granjeiam - divirjamos - provêm
- b) distratando - se granjeiam - divirjamos - provêm
- c) distratando - granjeamos - diverjamos - provêem
- d) destratando - grangeamos - divirjamos - provêem
- e) distratando - se granjeia - diverjamos - provêm

90) (ITA-1995) Indique a alternativa em que há erro gramatical:

- a) Eles se entreteram, contando piadas.
- b) Entrevi uma solução em todo este emaranhado.
- c) Para que não caiais em tentação, rezai.
- d) Ele se proveu do necessário e partiu.
- e) Quando o vir de novo, reconheçê-lo-ei.

91) (ITA-2003) João e Maria

Agora eu era herói  
E o meu cavalo só falava inglês  
A noiva do cowboy  
Era você além das outras três  
Eu enfrentava os batalhões  
Os alemães e os seus canhões  
Guardava o meu bodoque

Ensaiaava o rock

Para as matinês (...)

(CHICO BUARQUE DE HOLANDA)

Quanto ao tempo verbal, é CORRETO afirmar que, no texto anterior,

- a) a relação cronológica, no primeiro verso, entre o momento da fala e "ser herói" é de anterioridade.
- b) o pretérito imperfeito indica um processo concluído num período definido no passado.
- c) o pretérito imperfeito é usado para instaurar um mundo imaginário, próprio do universo infantil.
- d) o conflito entre a marca do presente - no advérbio "agora" - e a do passado - nos verbos - leva à intemporalidade.
- e) o pretérito imperfeito é usado para exprimir cortesia.

92) (Mack-2002) Embalo da canção

01 Que a voz adormeça

02 que canta a canção!

03 Nem o céu floresça

04 nem floresça o chão.

05 (Só - minha cabeça,

06 Só - meu coração.

07 Solidão.)

08 Que não alvoreça

09 nova ocasião!

10 Que o tempo se esqueça

11 de recordação!

12 (Nem minha cabeça

13 nem meu coração.

14 Solidão!)

Cecília Meireles

Assinale a alternativa correta sobre o texto.

- a) As formas verbais presentes na primeira estrofe expressam certezas.
- b) A redundância de paralelismos concretiza o ritmo sugerido no título do poema.
- c) O uso dos travessões (versos 5 e 6) atenua o sentido de solidão.
- d) Na terceira estrofe, a recordação do passado é ironizada pelo eu.
- e) Na terceira estrofe, nova ocasião e recordação referem-se a experiências vividas num mesmo momento do passado.

93) (Mack-2002) Tanto de meu estado me acho incerto,

Que em vivo ardor tremendo estou de frio;

Sem causa, juntamente choro e rio;

O mundo todo abarco e nada aperto.

Camões

No verso *Que em vivo ardor tremendo estou de frio* **NÃO** ocorre:

- a) paradoxo.
- b) ordem inversa dos termos na oração.
- c) relação de conseqüência com a oração anterior.
- d) emprego de verbo no gerúndio.
- e) equivalência sintática entre *de frio* e “poema **de Camões**”.

**94) (Mack-2001) A MENINA E A CANTIGA**

... trarilará... trarila...

A menina esganiçada magriça com a saía voejando por cima dos joelhos em nó vinha meia dansando cantando no crepúsculo escuro. Batia compasso com a varinha na peira da calçada.

... trarilará... trarila...

De repente voltou-se prá negra velha que vinha trôpega atrás, enorme trouxa de roupas na cabeça:

- Qué mi dá, vó?

- Não.

... trarilará... trarila...

*Mário de Andrade*

De repente voltou-se prá negra velha que vinha trôpega atrás, enorme trouxa de roupas na cabeça.

O fragmento acima apresenta:

- a) aliteração expressiva, que intensifica o modo de andar da personagem.
- b) antítese na caracterização da negra velha.
- c) eufemismo na caracterização de trouxa de roupas.
- d) uso de expressão irreverente na caracterização da avó.
- e) tempo e modo verbais que expressam ações contínuas no passado.

**95) (Mack-1996) Assinale a alternativa que apresenta total correção quanto à ortografia e à acentuação ortográfica dos verbos destacados.**

- a) Quando você o VIR, notará que, no passado, ele creu nos homens, já PÔDE portanto, ser feliz um dia.
- b) Os tios PROVÊM a casa com alimentos e frutas, convém que as crianças dêem valor a tudo.
- c) Ele INTERVEIO na discussão para que nós REAVÉSSEMOS o dinheiro perdido e VÍSSEMOS uma saída.
- d) Se você REPUSER o que gastou, prometo que o advogado não mais INTERVIRÁ em nossas vidas, como também DESFAZERÁ os mal-entendidos com a sua família.
- e) Hoje, enquanto ENXAGÚO a louça, ABENÇÔO a água e REÚNO forças para enfrentar a luta.

- 96) (Mack-1997) I** - Quando ele vir para cá e ver que os convidados ainda não chegaram, ficará desapontado.  
**II** - Ele não entrevistou na discussão, porque era amigo de ambos.

III - Quando o governo propor reformas, o Congresso deverá ponderar muito antes de votá-las.

Quanto aos períodos anteriores, assinale:

- a) se apenas I está correta.
- b) se todas estão incorretas.
- c) se apenas II está correta.
- d) se apenas III está correta.
- e) se todas estão corretas.

**97) (Mack-2005)** <sup>01</sup> Aurélia pousara a mão no ombro do marido (...), colocou-se

<sup>02</sup> diante de seu cavaleiro e entregou-lhe a cintura mimosa.

<sup>03</sup> Era a primeira vez, e já tinham mais de seis meses de casados; era

<sup>04</sup> a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava a cintura de Aurélia. Explica-

<sup>05</sup> se pois o estremecimento que ambos sofreram ao mútuo contacto (...).

<sup>06</sup> As senhoras não gostam da valsa, senão pelo prazer de

<sup>07</sup> sentirem-se arrebatadas no turbilhão.(...) Mas é justamente aí que o

<sup>08</sup> está perigo. Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher

<sup>09</sup> palpitante, inebriada, às tentações do cavaleiro, delicado embora,

<sup>10</sup> mas homem, que ela sem querer está provocando com o casto requebro

<sup>11</sup> de seu talhe e traspassando com as tépidas emanações de seu corpo.

*José de Alencar*

Assinale a alternativa correta.

- a) No primeiro parágrafo, entregou é forma verbal que expressa ação realizada no passado antes de outra ocorrida também no passado.
- b) O advérbio já (linha 03) está empregado com o mesmo sentido de “ainda”.
- c) As expressões de Seixas (linha 04), de Aurélia (linha 04) e da valsa (linha 06) exercem a mesma função sintática: objeto indireto.
- d) Substituindo senão (linha 06) por “unicamente”, o sentido original não é prejudicado.
- e) O emprego de justamente (linha 07) revela o desejo de precisão na indicação feita.

**98) (Mack-2004)** Euclides da Cunha morreu, aos 43 anos de idade, em 15 de agosto de 1909, por volta das dez e meia de uma manhã chuvosa de domingo, em tiroteio com os cadetes Dinorá e Dilermando Cândido de Assis, amante de sua mulher. Saía no mesmo dia a entrevista que dera para Viriato Corrêa, da Ilustração Brasileira, em sua casa na Rua Nossa Senhora de Copacabana. A entrevista foi dada em

um domingo, Viriato e Euclides conversaram, almoçaram e passearam descalços na praia. Era sol e era azul.

Sobre as formas verbais morreu, saía e dera, é correto afirmar:

- as ações a que se referem ocorreram na ordem em que as formas aparecem no texto.
- as duas primeiras expressam ações anteriores à descrita pela última.
- saía, ao contrário de morreu, expressa, no texto, uma ação habitual no passado.
- saía reforça a noção de simultaneidade e dera expressa anterioridade em relação a morreu.
- morreu e dera expressam eventos posteriores ao descrito em saía.

### 99) (Mack-2004) Texto I

(...) estás sempre aí, bruxo alusivo e zombeteiro, que revolves em mim tantos enigmas.

Carlos Drummond de Andrade (em poema dedicado a Machado de Assis)

### Texto II

Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro

(...). Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas (...). Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos.

Machado de Assis

Em Há casos e Há cavalheiros (texto II), o verbo “haver” foi usado de forma impessoal, de acordo, portanto, com a norma culta da língua.

Assinale a alternativa em que também se encontra forma verbal adequada a essa norma.

- Deve haver cavalheiros.
- Devem haver cavalheiros.
- Deve existir cavalheiros.
- Existe cavalheiros.
- Haviam cavalheiros.

### 100) (Mack-2006) Capítulo 1

De como Itaguaí ganhou uma casa de Orates

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em

Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

— A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isso, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência [...]. Foi então que um dos recantos desta [*da medicina*] lhe chamou especialmente a atenção, — o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de “louros imarcescíveis”, — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

*Machado de Assis — O alienista*

*Obs.: orate = indivíduo louco*

*imarcescível = que não murcha*

Assinale a alternativa correta.

- Transpondo-se a frase — A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único (linha 05) para o discurso indireto, a forma correta é: “Ele disse a Sua Majestade: a ciência é o meu emprego único”.
- Para que não se altere o sentido original, considerado o contexto, a oração Dito isso (linha 06) só pode ser desenvolvida desta forma: “Porque disse isso”.
- Em **mal** explorada (linhas 08 e 09), o termo em negrito está empregado de acordo com a norma padrão, assim como em “Ele é notório pelo seu mal humor”.
- O vocábulo compreendeu (linha 09) está corretamente separado em sílabas assim: com-preen-deu.
- Se o verbo “convir” (linha 11) fosse empregado na terceira pessoa do plural, a forma correta seria “convêm”.

101) (Mack-2007) Os ponteiros do relógio imitam as jornadas do Sol e da Lua e a seqüência cíclica das estações do ano. Ninguém acredita, no entanto, na falsa promessa de renovação que eles expressam a cada 12 horas, quando voltam inseqüentemente ao ponto de partida. O mundo está cheio de ferramentas que enferrujaram, tecidos que desbotaram e cabelos que embranqueceram a mostrar que o tempo avança, não roda, e que ele deixa marcas indelévels. A humanidade há muito aprendeu que o único instrumento cronométrico digno de confiança é a memória e, para frear a volatilização de suas lembranças e preservar sua noção do tempo, empregou todos os recursos a sua disposição, desde marcas em troncos de árvores até calendários precisos e tratados enciclopédicos de história.

Nas últimas décadas, o advento de outra memória, a dos computadores, teve impactos sem precedentes sobre nossa concepção do tempo. Sem que percebêssemos, um novo ritmo se apossou das mentes e já começa a alterar o comportamento. É ainda cedo para prever as dimensões

da mudança que está a caminho, mas não para refletir sobre sua origem e suas primeiras manifestações.  
Luiz Nunes de Oliveira

No texto,

- a) o segmento A humanidade há muito aprendeu que o único instrumento cronométrico digno de confiança é a memória (linhas 07 a 09) deve ser lido com tom de severa advertência, como se estivesse explícita a seguinte idéia: “e isso não deve ser esquecido”.
- b) a correlação entre desde e até (linha 11) foi empregada para caracterizar os recuos da humanidade na construção de seus precisos objetos de medição do tempo.
- c) o autor valeu-se da expressão está cheio (linha 05) para denotar, em linguagem coloquial, que as pessoas não suportam mais produzir objetos que se revelam sensíveis à passagem do tempo.
- d) a mostrar (linha 06) é oração que introduz a finalidade das ações referidas anteriormente.
- e) a caracterização de ferramentas, tecidos (linha 05) e cabelos (linha 06) se realizou com a utilização de verbos que implicam a idéia de processo.

**102) (Mack-2007)** Quando morre algum dos seus põem-lhe sobre a sepultura pratos, cheios de viandas, e uma rede (...) mui bem lavada. Isto, porque crêem, segundo dizem, que depois que morrem tornam a comer e descansar sobre a sepultura. Deitam-nos em covas redondas, e, se são principais, fazem-lhes uma choça de palma. Não têm conhecimento de glória nem inferno, somente dizem que depois de morrer vão descansar a um bom lugar. (...) Qualquer cristão, que entre em suas casas, dão lhe a comer do que têm, e uma rede lavada em que durma. São castas as mulheres a seus maridos.  
Padre Manuel da Nóbrega

Assinale a alternativa correta.

- a) Substituindo-se o verbo “crer” pelo verbo “ver”, em porque crêem (linha 02), teríamos, de acordo com a norma culta, a forma verbal “vêm”.
- b) Em Quando morre algum dos seus põem-lhe (linha 01), a forma verbal destacada evidencia caso de sujeito inexistente.
- c) A distinção entre os pronomes nos (linha 04) e lhes (linha 05) sinaliza que são diferentes os seres a que se referem.
- d) Em São castas as mulheres (linhas 08 e 09), o adjetivo destacado, no contexto em que se insere, significa “especiais”.
- e) A forma verbal durma (linha 08) pode ser substituída por “possa dormir”, sem prejuízo do sentido original.

**103) (Mack-2007)** José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou

dos equívocos de nossa política imigratória. As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. (...) Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter.

(...) Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. (...) – não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem plantar cidades no Brasil Central.

É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. (...) e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu apetite de vida.

Rubem Braga, Rio de Janeiro, janeiro de 1952

Assinale a alternativa correta.

- a) Em onde ficam os imigrantes (linhas 01 e 02), a substituição do pronome relativo por “que” mantém a correção gramatical da frase.
- b) Em Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas, a substituição do verbo assinalado por “haverão de ter” mantém a correção gramatical da frase.
- c) No contexto, as palavras imigrantes (linha 02) e emigraram (linha 17) poderiam, sem prejuízo do sentido original, ser substituídas por “emigrantes” e “imigraram”, respectivamente.
- d) Nas palavras insensato e imigrar os prefixos assinalados expressam o mesmo sentido.
- e) O substantivo que tem a mesma raiz do adjetivo insensato está corretamente grafado assim: “insensatês”.

**104) (PUC - SP-2007)** Leia atentamente o texto abaixo, a fim de responder às duas questões que o seguem.

**Yahoo tenta comprar AOL e barrar avanço do Google**

O Yahoo negocia com a Time Warner a compra do site America Online (AOL), segundo a revista Fortune. A compra seria uma tentativa de chamar atenção dos investidores e tirar o foco do Google. O Yahoo era líder em buscas na internet até a chegada do Google, que detém o domínio desse mercado.

(O Estado de São Paulo, 30 out. 2006)

Em relação aos verbos destacados no texto, é possível afirmar que

- a) todos estão no modo subjuntivo e, por isso, expressam os fatos como possibilidades.

- b) todos estão no modo indicativo, no entanto, “seria” expressa o fato como possibilidade.
- c) “negocia” e “detém” estão no modo indicativo, ao passo que “seria” e “era” estão no subjuntivo; por isso, os primeiros expressam os fatos como verdades, enquanto os últimos os expressam como possibilidades.
- d) “negocia” e “detém” estão no modo imperativo, ao passo que “seria” e “era” estão no modo indicativo; por isso, os primeiros expressam os fatos como ordens, enquanto os últimos os expressam como verdades.
- e) “negocia”, “era” e “detém” estão no modo indicativo, ao passo que “seria” está no modo subjuntivo; por isso, os primeiros expressam os fatos como possibilidades, enquanto o último o expressa como verdade.

- 105) (PUC - SP-2007) Considere o trecho “...que detém o domínio desse mercado”. Se o sujeito do verbo deter estivesse no plural, a escrita correta para o trecho seria
- a) ...que detém o domínio desse mercado.
- b) ...que detem o domínio desse mercado.
- c) ...que detêem o domínio desse mercado.
- d) ...que detêm o domínio desse mercado.
- e) ...que detêem o domínio desse mercado.

- 106) (PUCCamp-1995) Indique a frase em que o verbo (indicado entre parênteses) esteja conjugado INCORRETAMENTE.
- a) Poderia haver acordo se eles repusessem a quantia gasta indevidamente. (REPOR)
- b) Queria pedir-lhe que revisse minha última questão da prova. (REVER)
- c) Se eles intervissem com mais calma, não teria ocorrido o tumulto. (INTERVIR)
- d) Poderíamos ter ido todos juntos, seoubéssemos no meu carro. (CABER)
- e) Se eles sempre nos contradissem, já esperaríamos seu indeferimento ao projeto, mas nunca houve discordâncias entre nós. (CONTRADIZER)

- 107) (PUCCamp-1998) A frase em que o verbo está incorretamente conjugado é:
- a) O aparelho mal regulado não mói direito os cereais.
- b) Até que enfim reouvemos tudo o que havíamos perdido indevidamente.
- c) Se você o ver antes de mim, conduza-o ao salão nobre.
- d) Eles se mantiveram calados praticamente durante todo o julgamento.
- e) Espero que caibamos todos naquele espaço tão restrito.

- 108) (UECE-2002) OUTRO NOME DO RACISMO

Odeio surtos de bom-mocismo, remorsos súbitos, arrastões morais. Abomino a retórica politicamente correta, paternalismos vesgos, equívocos bem-intencionados.

Assisto pois com fastio e espanto às discussões sobre a implantação de um sistema de cotas, na universidade, para estudantes de pele negra. No Ceará, baseado no mesmo voluntarismo míope, tramita na Assembléia projeto que garante cotas no vestibular para estudantes da escola pública. As duas propostas padecem do mesmo pecado original: pretendem remediar uma injustiça histórica através de outra.

A perversa desigualdade brasileira tem raízes profundas, construídas ao longo de 500 anos de exploração, preconceito e exclusão. Portanto, não será resolvida na base de decretos e canetadas oficiais. O tal sistema de cotas aponta no alvo errado. Em vez de combater o problema em suas causas primeiras, procura apaziguar nossas consciências cívicas investindo contra o que, na verdade, é só uma conseqüência.

Se queremos, de fato, estabelecer políticas compensatórias a favor dos excluídos, que apontemos então nossa indignação para o coração da desigualdade: é preciso investir maciçamente na educação básica, elevando efetivamente o nível da escola pública. Ao adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça. Ressuscitaríamos assim, quem sabe, as teses de Nina Rodrigues. Reforçaríamos a idéia anacrônica de que as raças são naturais e, por conseqüência, que uma pode realmente ser superior às outras. Assim, só alimentaríamos ainda mais o preconceito. Oficializaríamos o gueto e a discriminação. Os adeptos da idéia se defendem com nova pérola do pensamento politicamente correto. Falam de uma tal "discriminação positiva". Em bom português, não passa de uma outra forma de racismo. Um racismo às avessas. Mas o mais puro e insuportável racismo. (Lira Neto. O POVO: 14/9/2001)

Sobre o uso dos tempos verbais no quinto parágrafo, pode-se afirmar:

- I. o futuro do pretérito poderia ser substituído pelo futuro do presente sem prejuízo para o sentido do texto
- II. a alta freqüência de formas verbais no futuro do pretérito imprime às informações um caráter de possibilidades remotas, o que reforça o espanto revelado pelo autor no segundo parágrafo
- III. no discurso de Nina Rodrigues, que é referido pelo autor, as formas do presente do indicativo - *são* e *pode (...)* *ser* - expressam verdades universais
- Está correto o que se afirma
- a) em I e II
- b) apenas em II
- c) apenas em III



d) em II e III

### 109) (UECE-1996) PARA QUEM QUER APRENDER A GOSTAR

01 "Talvez seja tão simples, tolo e natural que você nunca tenha parado para pensar: aprenda a fazer bonito o seu amor. Ou fazer o seu amor ser ou ficar bonito.

Aprenda, apenas, a tão difícil arte de amar bonito. Gostar é tão fácil que ninguém aceita aprender.

02 Tenho visto muito amor por aí. Amores mesmo, bravios, gigantescos, descomuns, profundos, sinceros, cheios de entrega, doação e dádiva. Mas esbarram na dificuldade de se tornar bonitos. Apenas isso: bonitos, belos ou embelezados, tratados com carinho, cuidado e atenção. Amores levados com arte e ternura de mãos jardineiras.

03 Aí esses amores que são verdadeiros, eternos e descomuns de repente se percebem ameaçados apenas e tão somente porque não sabem ser bonitos: cobram, exigem; rotinizam; descuidam; reclamam; deixam de compreender; necessitam mais do que oferecem; precisam mais do que atendem; enchem-se de razões. Sim, de razões. Ter razão é o maior perigo do amor. Quem tem razão sempre se sente no direito (e o tem) de reivindicar, de exigir justiça, equidade, equiparação, sem atinar que o que está sem razão talvez passe por um momento de sua vida no qual não possa ter razão. Nem queira. Ter razão é um perigo: em geral enfeia o amor, pois é invocado com justiça, mas na hora errada. Amar bonito é saber a hora de ter razão.

04 Ponha a mão na consciência. Você tem certeza de que está fazendo o seu amor bonito? De que está tirando do gesto, da ação, da reação, do olhar, da saudade, da alegria do encontro, da dor do desencontro a maior beleza possível? Talvez não. Cheio ou cheia de razões, você espera do amor apenas aquilo que é exigido por suas partes necessitadas, quando talvez dele devesse pouco esperar, para valorizar melhor tudo de bom que de vez em quando ele pode trazer. Quem espera mais do que isso sofre, e sofrendo deixa de amar bonito. Sofrendo, deixa de ser alegre, igual, irmão, criança. E sem soltar a criança, nenhum amor é bonito.

05 Não tema o romantismo. Derrube as cercas da opinião alheia. Faça coroas de margaridas e enfeite a cabeça de quem você ama. Saia cantando e olhe alegre. Recomendam-se: encabulamentos, ser pego em flagrante gostando; não se cansar de olhar, e olhar; não atrapalhar a convivência com teorizações; adiar sempre, se possível com beijos, 'aquela conversa importante que precisamos ter'; arquivar, se possível, as reclamações pela pouca atenção recebida. Para quem ama, toda atenção é sempre pouca. Quem ama feio não sabe que pouca atenção pode ser toda a atenção possível. Quem ama bonito não gasta o tempo dessa atenção cobrando a que deixou de ter.

06 Não teorize sobre o amor (deixe isso para nós, pobres escritores que vemos a vida como a criança de

nariz encostado na vitrina cheia de brinquedos dos nossos sonhos); não teorize sobre o amor; ame. Siga o destino dos sentimentos aqui e agora.

07 Não tenha medo exatamente de tudo o que você teme, como: a sinceridade; não dar certo; depois vir a sofrer (sofrerá de qualquer jeito); abrir o coração; contar a verdade do tamanho do amor que sente.

08 Jogue por alto todas as jogadas, estratégias, golpes, espertezas, atitudes sabidamente eficazes (não é sábio ser sabido): seja apenas você no auge de sua emoção e carência, exatamente aquele você que a vida impede de ser. Seja você cantando desafinado, mas todas as manhãs. Falando besteira, mas criando sempre. Gaguejando flores. Sentindo coração bater como no tempo do Natal infantil. Revivendo os carinhos que intuiu em criança. Sem medo de dizer eu quero, eu gosto, eu estou com vontade.

09 Talvez aí você consiga fazer o seu amor bonito, ou fazer bonito o seu amor, ou bonitar fazendo o seu amor, ou amar fazendo o seu amor bonito (a ordem das frases não altera o produto), sempre que ele seja a mais verdadeira expressão de tudo o que você é, e nunca: deixaram, conseguiu, soube, pôde, foi possível, ser.

10 Se o amor existe, seu conteúdo já é manifesto. Não se preocupe mais com ele e suas definições. Cuide agora da formas. Cuide da voz. Cuide da fala. Cuide do cuidado. Cuide do carinho. Cuide de você. Ame-se o suficiente para ser capaz de gostar do amor e só assim poder começar a tentar fazer o outro feliz".

(TÁVOLA, Arthur da. Para quem quer aprender a amar. In: COSTA, Dirce Maura Lucchetti et al. Estudo de texto: estrutura, mensagem, re-criação. Rio, DIMAC, 1987. P. 25-6)

Flexiona-se como "enfeia", parágrafo 3, o verbo:

- a) afiar.
- b) agraciar.
- c) balbuciar.
- d) galantear.

### 110) (UECE-2002) AS IRACEMAS DO CEARÁ

Em pleno domingo, ao pino do sol, procurávamos, entre o pouco verde que ainda resta, entre as pequenas estradas de Caucaia, a índia que recebera o mesmo nome da virgem dos lábios de mel de José de Alencar. Ao encontrá-la, algumas semelhanças nos vêm à mente. Os cabelos são negros como asa de graúna só que ficam presos no topo da cabeça. O pé é pequeno e grácil, mas não aparece nu e sim calçado em uma chinela de borracha. Está ali uma outra Iracema, está ali também o retrato das índias de agora, longe do traço romanesco do poeta-romancista. Esta Iracema, de sobrenome Matos Mesquita, traça uma história diferente daquela dos seus

antepassados (...). Até pouco tempo atrás ensinava os guris da aldeia da Lagoa, embaixo de uma cajazeira. Iracema trocou os livros e as cantigas de meninas para tornar-se agente de saúde. “O trabalho da índia não é mais diferente do da mulher branca. Antes, ela ia para a mata, plantava e fazia artesanato. Agora, algumas vendem frutas e peixes em Fortaleza e outras ou são professoras ou apenas domésticas”, explica Iracema. Da antiga imagem das mulheres de seios de fora, saia de palha e cocar na cabeça resta muito pouco. As mulheres indígenas não esperam mais aquilo que a terra sob os pés tem a oferecer. (...) Apenas algumas índias conhecem a saga da virgem dos lábios de mel. “Nós fomos abandonados como a Iracema do livro. Só que abandonados pelas autoridades. Hoje, a situação está mudando um pouco porque não ficamos mais calados e descobrimos que temos direitos. E estamos lutando por eles”, enfatiza a Iracema dos Tapebas. (Ana Naddaf e Marisa A. de Britto Xavier. O POVO. (18/4/1999)

No texto, que constitui um relato, supõe-se que todos os fatos referidos ocorreram num tempo anterior ao da enunciação (o momento da produção do relato). Considerando-se então a perspectiva das autoras, pode-se dizer que as formas verbais procurávamos, recebera e vêm indicam, respectivamente,

- a) passado remoto, passado recente, passado intermediário
- b) passado intermediário, passado remoto, presente
- c) passado remoto, passado intermediário, presente
- d) passado intermediário, passado remoto, passado recente

#### 111) (UECE-2002) HERANÇA

- Vamos brincar de Brasil?  
Mas sou eu quem manda  
Quero morar numa casa grande  
... Começou desse jeito a nossa história.

Negro fez papel de sombra.

E foram chegando soldados e frades  
Trouxeram as leis e os Dez-Mandamentos  
Jabutí perguntou:  
“- Ora é só isso?”

Depois vieram as mulheres do próximo  
Vieram imigrantes com alma a retalho  
Brasil subiu até o 10º andar

Litoral riu com os motores  
Subúrbio confraternizou com a cidade

Negro coçou piano e fez música

Vira-bosta mudou de vida  
Maitacas se instalaram no alto dos galhos

No interior  
o Brasil continua desconfiado  
A serra morde as carretas  
Povo puxa bendito pra vir chuva

Nas estradas vazias  
cruzes sem nome marcam casos de morte  
As vinganças continuam  
Famílias se entredevoram nas tocaias

Há noites de reza e cata-piolho

Nas bandas do cemitério  
Cachorro magro sem dono uiva sozinho

De vez em quando  
a mula-sem-cabeça sobe a serra  
ver o Brasil como vai  
*Raul Bopp*

Considerando-se as formas verbais empregadas no poema, constata-se que o pretérito perfeito dialoga com o presente, de modo a permitir a divisão do texto em duas partes: a primeira parte, do verso 1 ao 17, e a segunda, do verso 18 ao 31. Sobre essas duas partes podemos afirmar:

- a) a primeira retrata a realidade brasileira do tempo da colonização; a segunda, os primeiros anos do século XX
- b) a primeira sugere o processo de formação da cultura brasileira; a segunda, a manifestação, no presente, de valores do passado
- c) a primeira enfoca o passado numa perspectiva a-histórica; a segunda, o presente em contradição com o passado
- d) a primeira focaliza o legado cultural herdado pelo povo brasileiro; a segunda, as marcas de um passado esquecido

112) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada. Todos esperam que, reaberto o diálogo entre Governo e professores, os ânimos se .....

- a) apaziguem.
- b) apazigúem.
- c) apazigüem.
- d) apazíguem.
- e) apaziguém.

113) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada. Assim que ..... o resultado do concurso, ..... aqui te informar.

- a) vermos - viremos.
- b) vírmos - viéssemos.
- c) vejamos - viéramos.

- d) vejamos - viemos.  
e) virmos - viremos.

114) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.  
Se os diretores ..... e ..... as partes interessadas, é possível que não mais..... a punição.

- a) intervierem - satisfizerem - receemos.  
b) intervirem - satisfizerem - receemos.  
c) intervierem - satisfizerem - receemos.  
d) intervirem - satisfizerem - receemos.  
e) intervirem - satisfizerem - receemos.

115) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Eles se ..... conosco quando os ..... em casa para sondar suas intenções.

- a) indispuseram - retivemos.  
b) indispuseram - retemos.  
c) indisporam - retivemos.  
d) indisporam - retemos.  
e) indispuseram - retêramos.

116) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Se você não ..... o que sacou da minha conta e se eu não ..... meu crédito junto à gerência, ..... responder a um processo.

- a) repuser - reaver - caber-lhe-á.  
b) repuser - reouver - caber-lhe-á.  
c) repor - reouver - couber-lhe-á.  
d) repor - reaver - caber-lhe-á.  
e) repuser - reouver - couber-lhe-á.

117) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

O professor, ..... que alguém ..... resultados negativos, ..... a tempo.

- a) receando - previsse - interveio.  
b) receiando - prevesse - interveio.  
c) receiando - previsse - interviu.  
d) receando - prevesse - interviu.  
e) receando - previsse - interviu.

118) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Daquela escola ..... recursos para que os funcionários se ..... contra novas crises e ..... a cantina.

- a) provieram - precavissem - provissem.  
b) provieram - precavesses - provesses.

- c) proviram - precavesses - provesses.  
d) proviram - precavissem - provissem.  
e) provieram - precavissem - provesses.

119) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Tomar medidas tão violentas me .....; creio que melhor ..... com toda a diplomacia.

- a) parecem imprudentes - seria negociarmos.  
b) parece imprudente - seríamos negociar.  
c) parece imprudente - seria negociarmos.  
d) parecem imprudentes - seríamos negociar.  
e) parece imprudente - seríamos negociarmos.

120) (UEL-2006) Filho de Eriberto, o motorista que desmontou o esquema PC Farias e foi peça chave no *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, André Vinícius colheu bem mais elogios do que hostilidades. Na época, ele tinha cinco anos e não entendia o que acontecia. Sofria, apenas, porque os pais o levavam para dormir com os avós, por precaução. "Eu não gostava da noite porque me separava deles. Era triste", lembra. Com o tempo, ele passou a ser cumprimentado pela atitude heróica do pai. "Tenho orgulho. Ele foi corajoso. Mexeu com gente importante e era a parte mais fraca. Normalmente, as pessoas falam dele de forma respeitosa. Exceto um 'seu pai é dedo-duro!', dito de brincadeira, o resto é elogio."

(Os filhos do país dos escândalos. In: *Istoé*, n. 1868, p. 40, 30 ago. 2005.)

Assinale a alternativa que transmite apenas idéias de ações realizadas no passado, de forma duradoura e repetitiva.

- a) "O motorista que desmontou o esquema PC Farias e foi peça chave" ...  
b) "Tenho orgulho. Ele foi corajoso".  
c) "Eu não gostava da noite porque me separava deles. Era triste."  
d) "Normalmente, as pessoas falam dele de forma respeitosa."  
e) "Mexeu com gente importante e era a parte mais fraca."

121) (UEPB-2006) "Se não houver um basta nesta desenfreada corrupção, vamos dar razão a quem afirmou um dia que este país cresce quando a grande maioria dos gestores públicos e políticos **dormem**".  
(Correio da Paraíba, 24/05/05)

Análise a flexão número/pessoal do verbo DORMIR nesse excerto, e, em seguida, assinale a alternativa que justifica corretamente a concordância nas construções partitivas:

- a) De acordo com a norma gramatical, a única possibilidade de concordância nas construções partitivas é a flexão do verbo com o adjunto adnominal, de forma que a estrutura citada está correta.

- b) De acordo com a norma gramatical, a única possibilidade de concordância nas construções partitivas é a flexão do verbo com o núcleo do sujeito, de forma que a estrutura citada está errada.
- c) De acordo com a norma gramatical, o verbo nas construções partitivas tanto pode concordar com o adjunto como com o núcleo do sujeito, de forma que a estrutura citada está correta.
- d) A norma gramatical estabelece que nas construções partitivas o verbo deve permanecer sempre no singular, de forma que a estrutura citada está errada.
- e) A norma gramatical estabelece que nas construções partitivas o verbo sempre, por atração, concorda com o adjunto, de forma que a estrutura citada está correta.

### 122) (UFC-1999)

Frase	Modo gramatical	Tempo gramatical	Atitude do falante
Vou <u>arder</u> como os galhos das marés, quando ela chegar.	(1)	Presente	Intenção
Amanhã, já <u>tenho encontrado</u> minha amada e farei uma serenata para ela.	Indicativo	(2)	Certeza
Quem me dera, amada, que <u>estivesse</u> aqui, agora.	Subjuntivo	Preterito	(3)
Onde <u>estará</u> minha amada agora?	Indicativo	Futuro	Dúvida

Observe o quadro, em que, para cada frase apresentada, são dados o modo e tempo gramaticais, a atitude do falante e a idéia de tempo.

Assinale a opção que completa as lacunas do quadro na sequência correta:

- a) (1) indicativo, (2) presente, (3) dúvida, (4) futuro;  
 b) (1) subjuntivo, (2) futuro, (3) dúvida, (4) presente;  
 c) (1) subjuntivo, (2) futuro, (3) intenção, (4) futuro;  
 d) (1) indicativo, (2) pretérito, (3) desejo, (4) futuro;  
 e) (1) indicativo, (2) pretérito, (3) desejo, (4) presente.

### 123) (UFC-2007) Texto 1

Leitor, veja o grande azar  
 filha querida  
 do nordestino emigrante  
 uma ilusão  
 que anda atrás de melhorar  
 prostituída  
 da sua terra distante  
 perdição  
 nos centros desconhecidos  
 grande desgraça  
 depressa vê corrompidos  
 privações que ela passa  
 os seus filhos inocentes  
 atrasa e lhe inflama  
 na populosa cidade  
 preso em flagrante  
 de tanta imoralidade  
 insignificante

A sua  
 vai pra  
 padecer  
 na vala da  
 e além da  
 das  
 que lhe  
 sabe que é  
 por coisa

e costumes diferentes  
 seu filho a quem tanto ama  
 ASSARÉ, Patativa do. Emigração. In: \_\_\_\_\_. *Cordéis e outros poemas*. Fortaleza: Edições UFC, 2006, p. 114.

### Texto 2

Pobre mãe! Mulher da vida, vendendo o corpo por uma migalha! Aquilo, saber daquilo, ouvir falar naquilo, magoava-o fundamente. Mas a mãe era uma mulher boa, limpa, honesta. Que podia fazer? Abandonada no mundo pelos pais que fugiram na seca, errou de casa em casa, molecota solta, sem rumo, sem uma pessoa para cuidar dela. Dizem que era bonita, muito bonita. E terminou resvalando, caindo.  
 BEZERRA, João Clímaco. A vinha dos esquecidos. Fortaleza: Edições UFC, 2005, p. 26.

O termo resvalando (texto 2, linha 04) pode ser substituído, mantendo o significado, por:

- a) escorregando.  
 b) amaldiçoando.  
 c) lamentando.  
 d) resgatando.  
 e) chorando.

### 124) (UFCE-1996) Cecília Meireles escreveu: "Eu não lhe DIGO nada..."

- a) Acrescentando apenas um prefixo ao verbo em maiúsculo na frase anterior, forme outros CINCO verbos que lhe sejam cognatos.  
 b) Escolha QUATRO destes verbos e escreva uma frase com cada um dos escolhidos, observando a conjugação adequada.

### 125) (UFF-1998) Texto I

#### OS TUMULTOS DA PAZ

O amor ao próximo está longe de representar um devaneio beato e piedoso, conto da carochinha para enganar crianças, desavisados e inquilinos de sacristia. Trata-se de uma essencial exigência pessoal e política, sem cujo atendimento não nos poremos a serviço, nem de nós mesmos, nem de ninguém. Amar ao Próximo como a si mesmo é, por excelência, a regra de ouro, cânon fundador da única prática pela qual poderemos chegar a um pleno amor por nós próprios. Sou o primeiro e mais íntimo Próximo de mim, e esta relação de mim para comigo passa, inevitavelmente, pela existência do Outro. Este é o termo terceiro, a referência transcendente por cuja mediação passo a construir a minha auto-estima.  
 Eis aí o modelo da paz.

(PELLEGRINO, Hélio. A burrice do demônio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 94)

Texto II

### PENSAMENTO DE AMOR

Quero viver de esperança  
Quero tremer e sentir!  
Na tua trança cheirosa  
Quero sonhar e dormir.

Álvares de Azevedo

.....  
Todo o amor que em meu peito repousava,  
Como o orvalho das noites ao relento,  
A teu seio elevou-se, como as névoas,  
Que se perdem no azul do firmamento.

Aqui...além...mais longe, em toda a parte,  
Meu pensamento segue o passo teu.  
Tu és a minha luz, - sou tua sombra,  
Eu sou teu lago, - se tu és meu céu.

.....  
À tarde, quando chegas à janela,  
A trança solta, onde suspira o vento,  
Minha alma te contempla de joelhos...  
A teus pés vai gemer meu pensamento.

.....  
Oh! diz' me, diz' me, que ainda posso um dia  
De teus lábios beber o mel dos céus;  
Que eu te direi, mulher dos meus amores:  
- Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!

Bahia, 1865.

(ALVES, Castro. Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1976. p. 415-6)

Texto III

### RONDÓ PRA VOCÊ

De você, Rosa, eu não queria  
Receber somente esse abraço  
Tão devagar que você me dá,  
Nem gozar somente esse beijo  
Tão molhado que você me dá...  
Eu não queria só porque  
Por tudo quanto você me fala  
Já reparei que no seu peito  
Soluça o coração bem feito  
De você.

Pois então eu imaginei  
Que junto com esse corpo magro

Moreninho que você me dá,  
Com a boniteza a faceirice  
A risada que você me dá  
E me enrabicham como o que,  
Bem que eu podia possuir também  
O que mora atrás do seu rosto, Rosa,  
O pensamento a alma o desgosto  
De você.

(ANDRADE, Mário de. Poesias completas. São Paulo / Belo Horizonte: Martins / Itatiaia, 1980. V. 1. p. 121 )

Texto IV

### O AMOR E O TEMPO

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atrave-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera ! São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença é porque o tempo tira a novidade às coisas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor ?! O mesmo amar é causa de não amar e o ter amado muito, de amar menos.

(VIEIRA, Antônio. Apud: PROENÇA FILHO, Domício. Português. Rio de Janeiro: Linceu, 1972. V5. p.43)

Assinale a opção em que o fragmento sublinhado não é um exemplo de locução verbal:

- a) " **faz**-lhe **crescer** as asas"
- b) "certo sinal de **haverem de durar** pouco"
- c) "que **terem** durado muito"
- d) "não há amor tão robusto que **chegue a ser** velho"
- e) "basta que **sejam usadas**"

126) (UFF-1998) Texto I

### OS TUMULTOS DA PAZ

O amor ao próximo está longe de representar um devaneio beato e piedoso, conto da carochinha para enganar crianças, desavisados e inquilinos de sacristia. Trata-se de uma essencial exigência pessoal e política, sem cujo atendimento não nos poremos a serviço, nem de nós mesmos, nem de ninguém. Amar ao Próximo como a si

mesmo é, por excelência, a regra de ouro, cânon fundador da única prática pela qual poderemos chegar a um pleno amor por nós próprios. Sou o primeiro e mais íntimo Próximo de mim, e esta relação de mim para comigo passa, inevitavelmente, pela existência do Outro. Este é o termo terceiro, a referência transcendente por cuja mediação passo a construir a minha auto-estima.

Eis aí o modelo da paz.

(PELLEGRINO, Hélio. A burrice do demônio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 94)

Texto II

#### PENSAMENTO DE AMOR

Quero viver de esperança  
Quero tremer e sentir!  
Na tua trança cheirosa  
Quero sonhar e dormir.

Álvares de Azevedo

.....

Todo o amor que em meu peito repousava,  
Como o orvalho das noites ao relento,  
A teu seio elevou-se, como as névoas,  
Que se perdem no azul do firmamento.

Aqui...além...mais longe, em toda a parte,  
Meu pensamento segue o passo teu.  
Tu és a minha luz, - sou tua sombra,  
Eu sou teu lago, - se tu és meu céu.

.....

À tarde, quando chegas à janela,  
A trança solta, onde suspira o vento,  
Minha alma te contempla de joelhos...  
A teus pés vai gemer meu pensamento.

.....

Oh! diz' me, diz' me, que ainda posso um dia  
De teus lábios beber o mel dos céus;  
Que eu te direi, mulher dos meus amores:  
- Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!

Bahia, 1865.

(ALVES, Castro. Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1976. p. 415-6)

Texto III

#### RONDÓ PRA VOCÊ

De você, Rosa, eu não queria  
Receber somente esse abraço

Tão devagar que você me dá,  
Nem gozar somente esse beijo  
Tão molhado que você me dá...  
Eu não queria só porque  
Por tudo quanto você me fala  
Já reparei que no seu peito  
Soluça o coração bem feito  
De você.

Pois então eu imaginei  
Que junto com esse corpo magro  
Moreninho que você me dá,  
Com a boniteza a faceirice  
A risada que você me dá  
E me enrabicham como o que,  
Bem que eu podia possuir também  
O que mora atrás do seu rosto, Rosa,  
O pensamento a alma o desgosto  
De você.

(ANDRADE, Mário de. Poesias completas. São Paulo / Belo Horizonte: Martins / Itatiaia, 1980. V. 1. p. 121 )

Texto IV

#### O AMOR E O TEMPO

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atrave-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera ! São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença é porque o tempo tira a novidade às coisas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor ?! O mesmo amar é causa de não amar e o ter amado muito, de amar menos.

(VIEIRA, Antônio. Apud: PROENÇA FILHO, Domício. Português. Rio de Janeiro: Linceu, 1972. V5. p.43)

Assinale a opção correta para a reescritura dos versos 15 e 16, do texto II, na terceira pessoa do singular, segundo a norma culta.

- a) Que eu vos direi, mulher dos meus amores:  
- Amar-vos ainda é melhor do que ser Deus !
- b) Que eu lhe direi, mulher dos meus amores:  
- Amá-la ainda é melhor do que ser Deus !

- c) Que eu a direi, mulher dos meus amores:  
- Amar-lhe ainda é melhor do que ser Deus !
- d) Que eu te direi, mulher dos meus amores:  
- Amar-te ainda é melhor do que ser Deus !
- e) Que eu a direi, mulher dos meus amores:  
- Ama-a ainda é melhor do que ser Deus !

**127) (UFF-2001) Mãos Dadas**

Não serei o poeta de um mundo caduco.  
Também não cantarei o mundo futuro.  
Estou preso à vida e olho meus companheiros.  
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.  
Entre eles, considero a enorme realidade.  
O presente é tão grande, não nos afastemos.  
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.  
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,  
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,  
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,  
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.  
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,  
a vida presente.  
ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988, p.68

Toda noite - tem auroras,  
Raios - toda a escuridão.  
Moços, creiamos, não tarda  
A aurora da redenção.  
Castro Alves. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976. p. 212

- a) O fragmento de Castro Alves e o poema de Carlos Drummond de Andrade apresentam verbos no modo imperativo:  
" Moços, creiamos, não tarda" (v.3)  
" Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas." (v.7)  
Justifique o emprego do imperativo, correlacionando as semelhanças temáticas entre os versos destacados.
- b) Explique, com frases completas, que características da poesia socialmente engajada do Romantismo estão presentes no texto de Castro Alves e no de Carlos Drummond de Andrade.

**128) (UFMT-1996) SE NÃO HOUVESSE montanhas!**

Se não houvesse paredes!  
Se o sonho tecesse malhas  
e os braços colhessem rêdes!

Se a noite e o dia passassem  
como nuvens, sem cadeias,  
e os instantes da memória  
fossem vento nas areias!

Se não houvesse saudade,  
solidão nem despedida...  
Se a vida inteira não fôsse, além de breve, perdida!

Eu tinha um cavalo de asas,  
que morreu sem ter pascigo.  
E em labirintos se movem  
os fantasmas que persigo.  
(Canções - Cecília Meireles)

Na(s) questão(ões) a seguir assinale nos parênteses (V) se for verdadeiro e (F) se for falso.

- Julgue os itens.
- ( ) Trocando o verbo haver (v. 1) pelo verbo existir, ficaria: Se não existisse montanhas.
- ( ) O sujeito do verbo haver no segundo verso é paredes.
- ( ) As formas verbais houvesse (v. 1) e tinha (v. 13) estão no mesmo tempo, mas não no mesmo modo.

**129) (UFPA-1997)** "Concordei, para dizer alguma coisa, para sair da espécie de sono magnético, ou o que quer que era que me tolhia a língua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversação: fazia esforço para arredar os olhos dela, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas a idéia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua, o silêncio era completo."  
(Missa do Galo - Machado de Assis)

A forma verbal mais usada (pretérito imperfeito do indicativo) traduz no texto:

- a) incerteza  
b) fatos passados em relação ao momento da narração e presentes em relação ao momento da conversação.  
c) ações repetidas.  
d) fatos presentes em relação ao momento da narração, passados em relação a outros fatos  
e) fatos totalmente passados.

**130) (UFPE-1996)** Observe os fragmentos (CARTA AO PREFEITO, de Rubem Braga, com adaptações). Assinale o par de frases cujos verbos estejam atendendo ao tratamento de 2ª pessoa do plural.

- a) - Sou um destes estranhos animais com "habitat" no Rio de Janeiro.  
- O carioca é, antes de tudo, um forte.
- b) - Ouvi-me, pois, com o devido respeito.  
- Prometestes, senhor, acabar em 30 dias com as inundações do Rio de Janeiro.
- c) - ... para agradecer a providência que vossa administração tomou nestas últimas quatro noites.  
- Embora vós administreis à maneira suíça...
- d) - Para dizer isto, escrevo a Vossa Excelência...  
- Não sei se a fizestes adquirir na Suíça para vosso uso permanente...

- e) - Sabeis que o (...) ar dos escapamentos abertos...  
- É que atacaste, senhor, o mal pela raiz.

131) (UFPE-1996) Assinale a alternativa em que a forma verbal esteja de acordo com a norma-padrão.

- a) Presentei com amor!  
b) O Governador pediu que o Secretário intervisse na liberação dos recursos.  
c) Saborei os nossos petiscos.  
d) Se o treinador vir o nível dos atletas, com certeza não irá aceitá-los.  
e) As crianças entreteram-se com o espetáculo de danças.

132) (UFRJ-2003) Almeida e Costa comprão para remeterem para fora da Província, huma escrava que seja perfeita costureira, engomadeira, e que entenda igualmente de cozinha, sendo mossã, de bôa figura, e afiançada conduta para o que não terão duvida pagala mais vantajosamente; quem a tiver e queira dispor, pode dirija-se ao escriptorio dos mesmos na rua da fonte dos Padres, N. 91.

(*Gazeta Commercial da Bahia*, 19 de setembro de 1832)

Do Texto:

- a) selecione 2 (dois) verbos e 2 (dois) substantivos que apresentem forma ou emprego diferentes da atual;  
b) reescreva-os na forma vigente.

133) (UFRJ-2006) O sentido do tempo mudou. Essa transformação definiu o século XX e dentro de seu campo de

possibilidades pode-se pensar no ingresso no novo milênio. O instantâneo, o imediato, o encurtamento da espera (...) (Beatriz Sarlo)

Todos os textos desta prova relacionam-se, em alguma medida, ao conteúdo do fragmento acima, no que se refere à percepção do sentido do tempo pelo homem. Vamos aos textos; não percamos tempo!

TEXTO I

Na contramão dos carros ela vem pela calçada, solar e musical, pára diante de um pequeno jardim, uma folhagem, na entrada de um prédio, colhe uma flor inesperada, inspira e ri, é a própria felicidade - passando a cem por hora pela janela. Ainda tento vela no espelho mas é tarde, o eterno relance. Sua imagem quase embriaga, chego no trabalho e hesito, por que não posso conhecer aquilo? - a plenitude, o perfume inusitado no meio do asfalto, oculto e óbvio. Sempre minha cena favorita. Ela chegaria trazendo esquecimentos, a flor no cabelo. Eu estaria à espera, no jardim. E haveria tempo.

(CASTRO, Jorge Viveiros de. *De todas as únicas maneiras & outras*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002. p.113)

Ao longo do texto I, utilizam-se dois tempos verbais.

**Identifique-os e justifique** o emprego de cada um, considerando a experiência narrada no texto.

134) (UFSCar-2001)



(QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 264.)

Para que um ato de comunicação obtenha sucesso, é muito importante que haja um conhecimento comum, partilhado entre as pessoas. A graça nos quadrinhos apresentados reside no fato de haver informações não partilhadas entre as personagens.

- a) Considerando todas as informações da história, explicito o que a personagem Susanita quis dizer, com sua frase no quarto quadrinho, e o que a personagem Manolito entendeu.  
b) Percebe-se, no quarto quadrinho, uma oscilação no emprego de pessoas gramaticais. Reescreva a frase da personagem, utilizando uma única pessoa gramatical.

135) (UFSCar-2001) O trocano ribombou, derramando longe pela amplidão dos vales e pelos ecos das montanhas a pocema do triunfo.

Os tacapes, vibrados pela mão pujante dos guerreiros, bateram nos largos escudos retinindo. Mas a voz possante da multidão dos guerreiros cobriu o imenso rumor, clamando:

- Tu és Ubirajara, o senhor da lança, o vencedor de Pojuçã, o maior guerreiro da nação tocantim.

(...)

Quando parou o estrondo da festa e cessou o canto dos guerreiros, avançou Camacã, o grande chefe dos araguaiaias. (...)

Assim falou o ancião:

- Ubirajara, senhor da lança, é tempo de empunhares o grande arco da nação araguaia, que deve estar na mão do mais possante. **Camacã o conquistou no dia em que escolheu por esposa Jaçanã, a virgem dos olhos de fogo, em cujo seio te gerou seu primeiro sangue. Ainda hoje, apesar da velhice que lhe mirrou o corpo, nenhum guerreiro ousaria disputar o grande arco ao velho chefe,** que não sofresse logo o castigo de sua audácia. Mas Tupã ordena que o ancião se curve para a terra, até desabar como o tronco carcomido; e que o mancebo se eleve para o céu como a árvore altaneira. Camacã revive em ti; a glória de ser o maior guerreiro cresce com a glória de ter gerado um guerreiro ainda maior do que ele.



(ALENCAR, José de. *Ubirajara*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1984, p. 31-2.)

**Vocabulário:**

- **pocema**: canto selvagem, clamor.

No texto de Alencar, registra-se o discurso do índio.

a) Na fala do chefe Camacã, vê-se que ele se projeta numa terceira pessoa, como se falasse de um outro. Reescreva o trecho destacado em negrito no texto, passando-o para a primeira pessoa.

b) Atualmente, nota-se cada vez mais um emprego reduzido do pronome “cujo”. Que forma gramatical tem substituído esse pronome? Reescreva o trecho “a virgem dos olhos de fogo, em cujo seio te gerou seu primeiro sangue”, substituindo “cujo” por essa forma gramatical.

**136) (UFSCar-2004)** As pessoas que admitem, por razões que consideram moralmente justificáveis, a eutanásia, o fato de acelerar ou mesmo de provocar a morte de um ente querido, para lhe abreviar os sofrimentos causados por uma doença incurável ou para terminar a existência miserável de uma criança monstruosa, ficam escandalizadas com o fato de que, do ponto de vista jurídico, a eutanásia seja assimilada, pura e simplesmente, a um homicídio. Supondo-se que, do ponto de vista moral, se admita a eutanásia, não se atribuindo um valor absoluto à vida humana, sejam quais forem as condições miseráveis em que ela se prolonga, devem-se pôr os textos legais em paralelismo com o juízo moral? Seria uma solução perigosíssima, pois, em direito, como a dúvida normalmente intervém em favor do acusado, corre-se o risco de graves abusos, promulgando uma legislação indulgente nessa questão de vida ou de morte. Mas constatou-se que, quando o caso julgado reclama mais a piedade do que o castigo, o júri não hesita em recorrer a uma ficção, qualificando os fatos de uma forma contrária à realidade, declarando que o réu não cometeu homicídio, e isto para evitar a aplicação da lei. Parece-me que esse recurso à ficção, que possibilita em casos excepcionais evitar a aplicação da lei - procedimento inconcebível em moral -, vale mais do que o fato de prever expressamente, na lei, que a eutanásia constitui um caso de escusa ou de justificação.

(Perelman, *Ética e Direito*.)

Assinale a alternativa em que está empregado o mesmo modo verbal de se admita a eutanásia.

- a) que admitem
- b) para lhe abreviar
- c) sejam quais forem
- d) devem-se pôr os textos legais
- e) seria uma solução perigosíssima

**137) (UFSCar-2007)** Monsenhor Caldas interrompeu a narração do desconhecido:

— Dá licença? é só um instante.

Levantou-se, foi ao interior da casa, chamou o preto velho que o servia, e disse-lhe em voz baixa:

— João, vai ali à estação de urbanos, fala da minha parte ao comandante, e pede-lhe que venha cá com um ou dois homens, para livrar-me de um sujeito doido. Anda, vai depressa.

E, voltando à sala:

— Pronto, disse ele; podemos continuar.

— Como ia dizendo a Vossa Reverendíssima, morri no dia vinte de março de 1860, às cinco horas e quarenta e três minutos da manhã. Tinha então sessenta e oito anos de idade. Minha alma voou pelo espaço, até perder a terra de vista, deixando muito abaixo a lua, as estrelas e o Sol; penetrou finalmente num espaço em que não havia mais nada, e era clareado tão-somente por uma luz difusa. Continuei a subir, e comecei a ver um pontinho mais luminoso ao longe, muito longe. O ponto cresceu, fez-se sol. Fui por ali dentro, sem arder, porque as almas são incombustíveis.

A sua pegou fogo alguma vez?

— Não, senhor.

— São incombustíveis. Fui subindo, subindo; na distância de quarenta mil léguas, ouvi uma deliciosa música, e logo que cheguei a cinco mil léguas, desceu um enxame de almas, que me levaram num palanquim feito de éter e plumas.

(Machado de Assis, *A segunda vida*. Obras Completas, vol. II, p. 440-441.)

O imperativo utilizado por Monsenhor Caldas, ao dar as ordens ao preto velho, emprega

- a) uma forma indireta.
- b) a terceira pessoa do singular.
- c) a primeira pessoa do plural.
- d) a segunda pessoa do singular.
- e) a segunda pessoa do plural.

**138) (UFSCar-2007)** Suave Mari Magno

Lembra-me que, em certo dia,

Na rua, ao sol de verão,

Envenenado morria

Um pobre cão.

Arfava, espumava e ria,

De um riso espúrio e bufão,

Ventre e pernas sacudia

Na convulsão.

Nenhum, nenhum curioso

Passava, sem se deter,

Silencioso,

Junto ao cão que ia morrer,

Como se lhe desse gozo

Ver padecer.

(Machado de Assis, Obra Completa, vol. III, p. 161.)

Seqüência

Eu era pequena. A cozinheira Lizarda tinha nos levado ao mercado, minha irmã, eu. Passava um homem com um abacate na mão e eu inconsciente:  
 “Ome, me dá esse abacate...”  
 O homem me entregou a fruta madura. Minha irmã, de pronto: “vou contar pra mãe que ocê pediu abacate na rua.”  
 Eu voltava trocando as pernas bambas. Meus medos, crescidos, enormes...  
 A denúncia confirmada, o auto, a comprovação do delito. O impulso materno...conseqüência obscura da escravidão passada, o ranço dos castigos corporais.  
 Eu, aos gritos, esperneando.  
 O abacate esmagado, pisado, me sujando toda. Durante muitos anos minha repugnância por esta fruta trazendo a recordação permanente do castigo cruel. Sentia, sem definir, a recreação dos que ficaram de fora, assistentes, acusadores.  
 Nada mais aprazível no tempo, do que presenciar a criança indefesa  
 espernear numa coça de chineladas.  
 “é pra seu bem,” diziam, “doutra vez não pedi fruta na rua.”

(Cora Coralina, Vintém de cobre, p. 131-132.)

No poema de Cora Coralina, há uma frase sem verbo: Durante muitos anos minha repugnância por esta fruta.

- Qual o sentido dessa frase?
- “Reconstrua” essa frase, colocando um verbo.

139) (UFTM-2007)



(O recruta Zero)

- Ocorre quebra da uniformidade de tratamento no texto, própria de soluções da língua coloquial,
- na escolha do tratamento “você” para referir-se aos dois interlocutores.
  - na combinação de “-los” (em “distraí-los”) com “cobrir você”.
  - no emprego de “vai” associado ao pronome de 3.ª pessoa “você”.
  - no emprego indistinto de verbos em 3.ª pessoa para os dois interlocutores.

e) na intercalação de frases declarativas e exclamativas, aleatoriamente.

140) (UFU-2006) Tenho desprezo por gente que se orgulha da própria raça. Nem tanto pelo orgulho, sentimento menos nobre, porém inerente à natureza humana, mas pela estupidez. Que mérito pessoal um pobre de espírito pode pleitear por haver nascido branco, negro ou amarelo, de olhos azuis ou lilases?

Tradicionalmente, o conceito popular de raça está ligado a características externas do corpo humano, como cor da pele, formato dos olhos e as curvas que o cabelo faz ou deixa de fazer. Existe visão mais subjetiva? Na Alemanha nazista, bastava ter a pele morena para o cidadão ser considerado de uma raça inferior à dos que se proclamavam arianos. Nos Estados Unidos, são classificadas como negras pessoas que no Brasil consideramos brancas; lá, os mineiros de Governador Valadares são rotulados de hispânicos. Conheci um cientista português que se orgulhava de descender diretamente dos godos!

Há cerca de 100 mil anos, seres humanos de anatomia semelhante à da mulher e à do homem moderno migraram da África, berço de nossa espécie, para os quatro cantos do mundo. Tais ondas migratórias criaram forte pressão seletiva sobre nossos ancestrais. Não é difícil imaginar as agruras de uma família habituada ao sol da savana etíope, obrigada a adaptar-se à escuridão do inverno russo; ou as dificuldades de adaptação de pessoas acostumadas a dietas vegetarianas ao migrar para regiões congeladas.

Apesar de primatas aventureiros, éramos muito mais apegados à terra natal nessa época em que as viagens precisavam ser feitas a pé; a maioria de nossos antepassados passava a existência no raio de alguns quilômetros ao redor da aldeia natal. Como descendemos de um pequeno grupo de homínídeos africanos e o isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas, traços externos como a cor da pele, dos olhos e dos cabelos tornaram-se característicos de determinadas populações.

Mas seria possível estabelecer critérios genéticos mais objetivos para definir o que chamamos de raça? Em outras palavras: além dessa meia dúzia de aspectos identificáveis externamente, o que diferenciaria um negro de um branco ou de um asiático?

Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada um. Lembrando que os genes nada mais são do que pequenos fragmentos da molécula de DNA, a tecnologia atual permite que semelhanças e disparidades porventura existentes entre dois genes sejam detectadas com precisão.

Tecnicamente, essas diferenças recebem o nome de polimorfismos. É na análise desses polimorfismos que se

baseia o teste de DNA para exclusão de paternidade, por exemplo.

Na Universidade de Stanford, Noah Rosemberg e Jonathan Pritchard testaram 375 polimorfismos genéticos em 52 grupos de habitantes da Ásia, África, Europa e das Américas. Através da comparação, conseguiram dividi-los em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, como desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos: os africanos da região abaixo do deserto do Saara, os asiáticos do leste, os europeus e asiáticos que vivem a oeste dos Himalaias, os habitantes da Nova Guiné e Melanésia e os indígenas das Américas.

No entanto, quando os autores tentaram atribuir identidade genética aos habitantes do sul da Índia, verificaram que seus traços eram comuns a europeus e a asiáticos, observação consistente com a influência exercida por esses povos naquela área do país.

A conclusão é que só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas quando descendem de populações isoladas por barreiras que impediram a miscigenação. Mas o conceito popular de raça está distante da complexidade das análises de polimorfismos genéticos: para o povo, raça é questão de cor da pele, tipo de cabelo e traços fisionômicos.

Nada mais primário!

Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa espécie, eliminou os menos aptos. Pessoas com mesma cor de pele podem apresentar profundas divergências genéticas, como é o caso de um negro brasileiro comparado com um aborígine australiano ou com um árabe de pele escura.

Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem adquirir aparências diversas. Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.

Excluídos os gêmeos univitelinos, entre os 6 bilhões de seres humanos não existem dois indivíduos geneticamente idênticos. Dos 30 mil genes que formam nosso genoma, os responsáveis pela cor da pele e pelo formato do rosto não passam de algumas dezenas.

Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consanguíneos; entre um negro brasileiro e um branco argentino, do que entre dois negros sul-africanos ou dois brancos noruegueses.

Dráuzio Varela. *Folha de S. Paulo*, 1º de abril de 2006.

No primeiro período do 5º parágrafo, o pretérito imperfeito do indicativo é usado para indicar que os fatos

- eram permanentes.
- aconteciam habitualmente.

- ocorreram antes dos outros fatos relatados.
- foram concluídos no passado.

141) (UFV-1996) Certos verbos recebem um "i" eufônico depois da última vogal do tema toda vez que sobre ela incide a tônica. Eis dois exemplos nas palavras em maiúsculo:

- "Namorado não PRECISA ser o mais bonito..." - "... sua frio e quase DESMAIA."
- "... quem se deixa ACARICIAR sem vontade..." - "... ânsia enorme de VIAJAR..."
- "... quem não gosta de DORMIR agarrado..." - "... nem de FICAR horas e horas olhando..."
- "... quem não se CHATEIA com o fato..." - "... PASSEIE de mãos dadas..."
- "... SAIA do quintal de si mesma..." - "... SORRIA lírios para quem passe debaixo de sua janela."

142) (UFV-2005) O tabaco consome dinheiro público. Bilhões de reais saem do bolso do contribuinte para tratar a dependência do tabaco e as graves doenças que ela causa. A dependência do tabaco também aumenta as desigualdades sociais porque muitos trabalhadores fumantes, além de perderem a saúde, gastam com cigarros o que poderia ser usado em alimentação e educação. Em muitos casos, com o dinheiro de um maço de cigarros pode-se comprar, por exemplo, um litro de leite e sete pães. Para romper com esse perverso círculo de pobreza, países no mundo inteiro estão se unindo através da Convenção-Quadro de Controle do Tabaco para conter a expansão do tabagismo e os graves danos que causa, sobretudo nos países em desenvolvimento. Incluir o Brasil nesse grupo interessa a todos os brasileiros. É um passo importante para criar uma sociedade mais justa. (Propaganda do Ministério da Saúde. Brasil um país de todos. Governo Federal, 2004.)

"A dependência do tabaco também aumenta as desigualdades sociais porque muitos trabalhadores fumantes, além de perderem a saúde, gastam com cigarros o que poderia ser usado em alimentação e educação." Os tempos verbais assumem vários valores semânticos. Na passagem acima, a forma verbal "poderia" exprime:

- ação costumeira e habitual.
- ação relativa ao passado.
- ação de suposição.
- ação definitiva.
- ação de ordem ou pedido.

143) (UFV-2005) Cair no vestibular é muito mais do que um escritor menos-que-perfeito pode aspirar na vida.

Escritores menos-que-perfeitos, caso você não saiba, são aqueles que se negam a usar a forma sintética do mais-que-perfeito. Um escritor menos-que-perfeito jamais "fizera", nunca "ouvira" e em hipótese nenhuma "falara".

Em no Brasil, se você é um sujeito que “escrevera”, você é respeitado; mas, se você apenas “tinha escrito”, então você não é nada, e só cai no vestibular por engano. (FREIRE, Ricardo. Xongas. **Época**. São Paulo, 28 jun 2004.)

a) No texto, o autor distingue escritores menos-que-perfeitos de escritores mais-que-perfeitos. Por que o autor se define como um escritor menos-que-perfeito? Que justificativa o autor teria para optar por uma forma verbal coloquialmente mais simples?

b) “Cair no vestibular é muito mais do que um escritor menos-que-perfeito pode aspirar na vida.” Explique o emprego do termo **aspirar** no fragmento acima.

**144) (UFV-2005)** Levando em consideração seus conhecimentos lingüísticos, preencha CORRETAMENTE as lacunas abaixo, utilizando a forma adequada dos verbos entre parênteses. Faça as alterações necessárias:

a) Só com muita paixão é possível fazer o que mil exércitos não \_\_\_\_\_ (conseguir): conquistar Atenas. A Brasil Telecom parabeniza e agradece a seus atletas patrocinados por terem chegado a Atenas e \_\_\_\_\_ (poder) proporcionar o sonho de vitória a todos os brasileiros.

b) O filme O Dia depois de Amanhã retrata não só uma ficção, mas uma realidade do que será nosso planeta caso não \_\_\_\_\_ (haver) uma preocupação maior por parte dos governantes de se \_\_\_\_\_ (propor) a fazer uma política de preservação ambiental, e não apenas \_\_\_\_\_ (ter) ambições econômicas.

**145) (Unep-1997)** Antes que elas cresçam

Há um período em que os pais vão ficando órfãos dos próprios filhos. É que as crianças crescem. Independentemente de nós, como árvores tagarelas e pássaros estabados, elas crescem sem pedir licença. Crescem como a inflação independente do governo e da vontade popular. Entre os estupros dos preços, os disparos dos discursos e o assalto das estações, elas crescem com uma estridência alegre e, às vezes, com alardeada arrogância.

Mas não crescem todos os dias, de igual maneira: crescem, de repente. Um dia se assentam perto de você no terraço e dizem uma frase de tal maturidade, que você sente que não pode mais trocar as fraldas daquela criatura.

Ela está crescendo num ritual de obediência orgânica e desobediência civil. E você agora está ali, na porta da discoteca esperando que ela não apenas cresça, mas apareça. Ali estão muitos pais, ao volante, esperando que saiam esfuziantes sobre patins, cabelos soltos sobre as ancas. Essas são as nossas filhas, em pleono cio, lindas potranças.

(...) Essas são as filhas que conseguimos gerar apesar dos golpes dos ventos, das colheitas das notícias e das ditaduras das horas. E elas crescem, meio amestradas, vendo como redigimos nossas teses e nos doutorados nos nossos erros.

Há um período em que os pais vão ficando órfãos dos próprios filhos.

(...) Passou o tempo do balé, da cultura francesa e inglesa. Saíram do banco de trás e passaram para o volante das próprias vidas. (...)

Deveríamos ter ido mais vezes à cama delas ao anoitecer, para ouvir sua alma respirando conversas e confidências entre os lençóis da infância e os adolescentes cobertos naquele quarto cheio de colagens, posters e agendas coloridas de pilot. (...)

No princípio, subiam a serra ou iam à casa de praia entre embrulhos, comidas, engarrafamentos, natais, páscoas, piscinas e amiguinhas. (...) Depois chegou à idade em que subir para a casa de campo com os pais começou a ser um esforço, um sofrimento, pois era impossível largar a turma aqui na praia e os primeiros namorados. (...) Agora é hora de os pais nas montanhas terem a solidão que queriam, mas, de repente, exalarem contagiosa saudade daquelas pestes.

O jeito é esperar. Qualquer hora podem nos dar netos. O neto é a hora do caminho ocioso e estocado, não exercido nos próprios filhos, e que não pode morrer conosco. Por isto os avós são tão desmesurados e distribuem tão incontrolável afeição. Os netos são a última oportunidade de reeditar o nosso afeto.

Por isto é necessário fazer alguma coisa a mais, antes que elas cresçam.

SANT'ANA, Affonso Romano de. Antes que elas cresçam. Diálogo Médico. S. Paulo, Ano 20, n. 5, p. 52, nov./dez. 1994.

"E elas crescem, meio amestradas, vendo como redigimos nossas teses e nos doutoramos nos nossos erros."

O trecho em destaque contém:

- 1) uma forma verbal flexionada no modo subjuntivo.
- 2) duas formas nominais de gerúndio.
- 3) três formas verbais flexionadas no plural.
- 4) quatro formas verbais no presente do indicativo.
- 5) todas as formas verbais de 1ª conjugação.

**146) (Unicamp-2004)** Em 28/11/2003, quando muito se noticiava sobre a reforma ministerial, a Folha de S. Paulo publicou uma matéria intitulada “Lula sugere que Walfrido e Agnelo ficam.”. Considerando as relações entre as palavras que compõem o título da matéria, justifique o uso do verbo “ficar” no presente do indicativo.

**147) (UNICAMP-2006)** Leia a seguinte passagem de Os Cus de Judas, de António Lobo Antunes:

Deito um centímetro mentolado de guerra na escova de dentes matinal, e cuspo no lavatório a espuma verde-escura dos eucaliptos de Ninda, a minha barba é a floresta do Chalala a resistir ao napalm da gillete, um grande rumor de trópicos ensangüentados cresce-me nas vísceras, que protestam.

(Antonio Lobo Antunes, Os cus de Judas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 213.)

- A que guerra se refere o narrador?
- Por que o narrador utiliza o presente do indicativo ao falar sobre a guerra?
- Que recurso estilístico ele utiliza para aproximar a guerra de seu cotidiano? Cite dois exemplos.

148) (Unifesp-2003) A questão a seguir baseia-se em duas tirinhas de quadrinhos, de Maurício de Sousa (1935-), e na “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias (1823-1864).

#### Primeira tirinha



(Estúdio Maurício de Sousa. *Bihu Especial*. São Paulo: Abril, 1975)

#### Segunda tirinha



(Estúdio Maurício de Sousa. *Bihu Especial*. São Paulo: Abril, 1975)

#### Canção do Exílio

(...)

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar - sozinho, à noite -  
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.  
Não permita Deus que eu morra,

Sem que eu volte para lá;

Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

(Antônio Gonçalves Dias, Primeiros Cantos)

Na frase “Cada um tem o time que quiser”, da segunda tirinha, o verbo querer se apresenta conjugado:

- no infinitivo impessoal.
- no modo subjuntivo, tempo pretérito imperfeito, primeira pessoa do singular.
- no modo indicativo, tempo futuro do pretérito, terceira pessoa do singular.
- no modo subjuntivo, tempo futuro, terceira pessoa do singular.
- no infinitivo pessoal, terceira pessoa do singular.

149) (Unifesp-2003) A questão a seguir toma por base a primeira estrofe de “O menino da porteira”, de Teddy Vieira (1922-1965) e Luís Raimundo (1916-), o Luisinho, e a letra de “Meu bem-querer”, de Djavan (1949-).

#### O Menino da Porteira

Toda a vez que eu viajava  
Pela estrada de Ouro Fino,  
De longe eu avistava  
A figura de um menino,  
Que corria abri[r] a porteira  
Depois vinha me pedindo:  
- Toque o berrante, seu moço,  
Que é p'ra mim ficá[ar] ouvindo.

.....  
(Luisinho, Limeira e Zezinha, 1955)

#### Meu bem querer

Meu bem-querer  
É segredo, é sagrado,  
Está sacramentado  
Em meu coração.  
Meu bem-querer  
Tem um quê de pecado  
Acariciado pela emoção.  
Meu bem-querer, meu encanto,  
Tô sofrendo tanto, amor.

E o que é o sofrer  
Para mim, que estou  
Jurado p'ra morrer de amor?  
(Djavan. Alumbramento. Emi-Odeon. 1980)

Há certos verbos cujas flexões se desviam do paradigma de sua conjugação. São considerados, por isso, irregulares. Alguns deles são: dar, estar, fazer, ser e ir. Na estrofe de “O menino da porteira”, ocorrem verbos dessa natureza. A alternativa que os contém é

- a) “Toda vez que eu viajava” e “De longe eu avistava”.
- b) “De longe eu avistava” e “Que corria abri[r] a porteira”.
- c) “Que corria abri[r] a porteira” e “ - Toque o berrante, seu moço,”
- d) “Que corria abri[r] a porteira” e “Que é p’ra mim ficá[r] ouvindo.”
- e) “Depois vinha me pedindo:” e “Que é p’ra mim ficá[r] ouvindo”.

150) (UNIFESP-2005) Senhor feudal

*Se Pedro Segundo*

*Vier aqui*

*Com história*

*Eu boto ele na cadeia.*

*Oswald de Andrade*

A correlação entre os tempos verbais está correta em:

- a) Se Pedro Segundo viesse aqui com história eu botaria ele na cadeia.
- b) Se Pedro Segundo vem aqui com história eu botava ele na cadeia.
- c) Se Pedro Segundo viesse aqui com história eu boto ele na cadeia.
- d) Se Pedro Segundo vinha aqui com história eu botara ele na cadeia.
- e) Se Pedro Segundo vier aqui com história eu terei botado ele na cadeia.

151) (UNIFESP-2004) TEXTO 1

... a serpente mostrava ser a mais cautelosa de todos os animais selváticos do campo, que Jeová Deus havia feito. Assim, ela começou a dizer à mulher: “É realmente assim que Deus disse, que não deveis comer de toda árvore do jardim?” A isso a mulher disse à serpente: “Do fruto das árvores do jardim podemos comer. Mas quanto a comer do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: ‘Não deveis comer dele, não, nem deveis tocar nele, para que não morrais.’” A isso a serpente disse à mulher: “Positivamente não morrereis. Porque Deus sabe que, no mesmo dia que em que comerdes dele, forçosamente se abrirão os vossos olhos e forçosamente sereis como Deus, sabendo o que é bom e o que é mau.”

Conseqüentemente, a mulher viu que a árvore era boa para alimento e que era algo para os olhos anelarem, sim, a árvore desejável para se contemplar. De modo que começou a tomar do seu fruto e a comê-lo. Depois deu também dele a seu esposo, quando estava com ela, e ele começou a comê-lo. Abriam-se então os olhos e começaram a perceber que estavam nus. Por isso coseram folhas de figueira e fizeram para si coberturas para os lombos.

(Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas.)

TEXTO 2

Você já ouviu a história de Adão e Eva?

Se não leu, certamente ouviu alguém contar, e deve se lembrar do que aconteceu com os dois. Com os dois e com a serpente, é claro.

Conta a Bíblia que Adão e Eva viviam muito felizes no Paraíso, onde só havia uma proibição: eles não podiam experimentar o gosto da maçã.

Adão, mais obediente, bem que não queria comer a tal da maçã. Mas Eva falou tão bem dela, fez com que parecesse tão gostosa, que o pobre coitado não resistiu.

Foi dar a primeira mordida e perder o lugar no Paraíso...

Se Eva vivesse hoje, seria uma ótima publicitária, uma profissional de propaganda. Afinal, ela soube convencer Adão de que valia a pena pagar um preço tão alto por uma simples maçã.

Mas, se a gente pensar bem, Eva não foi a primeira publicitária.

Antes dela, houve uma outra, a serpente. Simbolizando o demônio, foi a serpente que criou, na mulher, o desejo de experimentar o fruto proibido.

E, assim, nasceu a propaganda.

(André Carvalho & Sebastião Martins. Propaganda.)

A frase “... Deus disse: ‘Não deveis comer dele, não, nem deveis tocar nele, para que não morrais.’”, em que há as falas de Eva e de Deus no texto 1, em discurso indireto corresponde a

- a) Deus disse que não se deve comer dele, nem se deve tocar nele, para que não morrámos.
- b) Deus disse que não devíamos comer dele, nem tocar nele, para que não morreremos.
- c) Deus disse que não devemos comer dele, nem devemos tocar nele, para não morreremos.
- d) Deus disse que não deveremos comer dele, nem deveremos tocar nele, para que não morrêssemos.
- e) Deus disse que não devemos comer dele, nem tocar nele, para que não morremos.

152) (UNIFESP-2007) Entrevista de Adélia Prado, em O coração disparado

Um homem do mundo me perguntou:

O que você pensa de sexo?

Uma das maravilhas da criação, eu respondi.

Ele ficou atrapalhado, porque confunde as coisas

E esperava que eu dissesse maldição,

Só porque antes lhe confiara: o destino do homem é a santidade.

Assinale a alternativa em que a frase do segundo quadrinho está corretamente expressa na primeira pessoa do plural.

- a) E se nós se concentrarmos em sexo e virmos como o organismo reage?!
- b) E se nós nos concentrar em sexo e vir como o organismo reage?!

- c) E se nós nos concentrarmos em sexo e virmos como o organismo reage?!
- d) E se nós nos concentrarmos em sexo e vermos como o organismo reage?!
- e) E se nós se concentrarmos em sexo e vermos como o organismo reage?!

153) (UNIFESP-2007) Leia o poema de Bocage

Olha, Marília, as flautas dos pastores  
 Que bem que soam, como estão cadentes!  
 Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes  
 Os Zéfiros brincar por entre flores?  
 Vê como ali, beijando-se, os Amores  
 Incitam nossos ósculos ardentes!  
 Ei-las de planta em planta as inocentes,  
 As vagas borboletas de mil cores.  
 Naquele arbusto o rouxinol suspira,  
 Ora nas folhas a abelhinha pára,  
 Ora nos ares, sussurrando, gira:  
 Que alegre campo! Que manhã tão clara!  
 Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira,  
 Mais tristeza que a morte me causara.

Leia os versos e analise as considerações sobre as formas verbais neles destacadas.

- I. *Olha*, Marília, as flautas dos pastores... — Como o eulírico faz um convite à audição das flautas dos pastores, poderia ser empregada a forma *Ouçá*, no lugar de *Olha*.
- II. *Vê* como ali, beijando-se, os Amores... — A forma verbal, no imperativo, expressa um convite do eu-lírico para que a amada se delicie, junto a ele, com o belo cenário.
- III. Mas ah! Tudo o que *vês*... — A forma verbal, também no imperativo, sugere que, neste ponto do poema, a amada já viu tudo o que o seu amado lhe mostrou.
- Está correto o que se afirma apenas em
- a) I.  
 b) II.  
 c) III.  
 d) I e II.  
 e) I e III.

154) (UNIUBE-2002) A questão abaixo refere-se ao texto retirado de “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, transcrito abaixo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os

olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

- Continue, disse eu acordando.  
 - Já acabei, murmurou ele.  
 - São muito bonitos.

Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado.

No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me “Dom Casmurro”. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Conteí a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: “Dom Casmurro, domingo vou jantar com você.” “\_\_\_ Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo.” “\_\_\_ Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispense do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça.” Não consultes dicionários. “Casmurro” não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. “Dom” veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração \_\_\_ se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo ranço. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

Numere a 2ª coluna de acordo com a 1ª.

- I. “...**encontrei** num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu.”
- II. “Os vizinhos, que não **gostam** dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha....”
- III. “Há livros que apenas **terão** isso dos seus autores...”
- IV. “...**estava** amuado...”

- ( ) o tempo verbal está sendo utilizado para denotar uma declaração que ocorre no momento em que se fala.  
 ( ) o tempo verbal está sendo usado para denotar uma ação em curso no passado.  
 ( ) o tempo verbal está sendo usado para indicar um fato consumado.  
 ( ) o tempo verbal está sendo usado para denotar um fato provável, posterior ao momento em que se fala.
- A seguir, assinale a alternativa que apresenta a seqüência correta.

- a) II, I, IV, III  
 b) II, IV, I, III  
 c) I, III, IV, II  
 d) III, II, I, IV

155) (Vunesp-2002) INSTRUÇÃO: A questão abaixo toma por base as primeiras quatro estrofes da **Canção do Tamoio**, do poeta romântico Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), um trecho da **Oração aos Moços**, de Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923), e o **Hino do Deputado**, do poeta modernista Murilo Monteiro Mendes (1901-1975).

### Canção do Tamoio

I  
Não chores, meu filho;  
Não chores, que a vida  
É luta renhida:  
Viver é lutar.  
A vida é combate,  
Que os fracos abate,  
Que os fortes, os bravos,  
Só pode exaltar.

II  
Um dia vivemos!  
O homem que é forte  
Não teme da morte;  
Só teme fugir;  
No arco que entesa  
Tem certa uma presa,  
Quer seja tapuia,  
Condor ou tapir.

III  
O forte, o cobarde  
Seus feitos inveja  
De o ver na peleja  
Garboso e feroz;  
E os tímidos velhos  
Nos graves concelhos,  
Curvadas as frentes,  
Escutam-lhe a voz!

IV  
Domina, se vive;  
Se morre, descansa  
Dos seus na lembrança,  
Na voz do porvir.  
Não cures da vida!  
Sê bravo, sê forte!  
Não fujas da morte,  
Que a morte há de vir!  
(GONÇALVES DIAS, Antônio. Obras Poéticas. Tomo II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944, p. 42-43.)

### Oração aos Moços

Magistrados ou advogados sereis. Suas duas carreiras quase sagradas, inseparáveis uma da outra, e, tanto uma

como a outra, imensas nas dificuldades, responsabilidades e utilidades.

Se cada um de vós meter bem a mão na consciência, certo que tremerá da perspectiva. O tremer próprio é dos que se defrontam com as grandes vocações, e são talhados para as desempenhar. O tremer, mas não o descorçoar. O tremer, mas não o renunciar. O tremer, com o ousar. O tremer, com o empreender. O tremer, com o confiar. Confiai, senhores. Ousai. Reagi. E haveis de ser bem sucedidos. Deus, pátria e trabalho. Metei no regaço essas três fés, esses três amores, esses três signos santos. E segui, com o coração puro. Não hajais medo a que a sorte vos ludibrie. [...]

Idealismo? Não: experiência da vida. Não há forças, que mais a senhoreiem, do que essas. Experimentai-o, como eu o tenho experimentado. Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado. Mas meramente para variar de posto, e, em vos sentindo incapazes de uns, buscar outros, onde vos venha ao encontro o dever, que a Providência vos haja reservado.

(BARBOSA, Rui. Oração aos moços [discurso de paraninfo dos formandos da Faculdade de Direito de S. Paulo, em 1920]. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956, p. 58-59.)

### Hino do Deputado

Chora, meu filho, chora.  
Ai, quem não chora não mama,  
Quem não mama fica fraco,  
Fica sem força pra vida,  
A vida é luta renhida,  
Não é sopa, é um buraco.  
Se eu não tivesse chorado  
Nunca teria mamado,  
Não estava agora cantando,  
Não teria um automóvel,  
Estaria caceteado,  
Assinando promissória,  
Quem sabe vendendo imóvel  
A prestação ou sem ela,  
Ou esperando algum tigre  
Que talvez desse amanhã,  
Ou dando um tiro no ouvido,  
Ou sem olho, sem ouvido,  
Sem perna, braço, nariz.  
Chora, meu filho, chora,  
Anteontem, ontem, hoje,  
Depois de amanhã, amanhã.  
Não dorme, filho, não dorme,  
Se você toca a dormir  
Outro passa na tua frente,  
Carrega com a mamadeira.  
Abre o olho bem aberto,  
Abre a boca bem aberta,  
Chore até não poder mais.



(MENDES, Murilo. História do Brasil, XLIII. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, p. 177-178.)

Nos três textos apresentados identifica-se a presença relevante da função conativa da linguagem, como se pode verificar formalmente pelo emprego de numerosos verbos no modo imperativo. Em **Canção do Tamoio** e **Hino do Deputado**, uma personagem aconselha outra a assumir certos comportamentos; em **Oração aos Moços**, o próprio orador faz aconselhamento a seus discípulos. Releia os três textos com atenção e, a seguir,

a) aponte a diferença existente entre os trechos da **Canção do Tamoio** e da **Oração aos Moços**, no que diz respeito à flexão dos verbos no modo imperativo;

b) reescreva o verso 29 do poema **Hino do Deputado**, fazendo com que o verbo "chorar" se flexione na mesma pessoa em que está flexionado o verbo "abrir", nos versos 27 e 28.

#### 156) (Vunesp-1998) INSTRUÇÃO:

As questões se baseiam nos parágrafos iniciais do romance Iracema, de José de Alencar (1829-1877), na letra da guarânia Índia, escrita em Língua Portuguesa pelo cantor, poeta e dramaturgo popular José Fortuna (1923-1983) e na letra de A Índia e o Traficante, realizada pelo escritor contemporâneo Luiz Carlos Góes.

#### IRACEMA

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação Tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

(...)

Iracema saiu do banho: o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva.

Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

ALENCAR, José de. Iracema. São Paulo: Saraiva, 1956, p. 13.

#### ÍNDIA

J.A.Flores/M.O.Guerrero/José Fortuna

Índia, seus cabelos nos ombros caídos,  
Negros como a noite que não tem luar;  
Seus lábios de rosa para mim sorrindo  
E a doce meiguice desse seu olhar.

Índia da pele morena,  
Sua boca pequena  
Eu quero beijar.

Índia, sangue tupi,  
Tem o cheiro da flor;  
Vem, que eu quero lhe dar,  
Todo o meu grande amor.  
Quando eu for embora para bem distante,  
E chegar a hora de dizer-lhe adeus,  
Fica nos meus braços só mais um instante,  
Deixa os meus lábios se unirem aos seus.

Índia, levarei saudade  
Da felicidade  
Que você me deu.  
Índia, a sua imagem,  
Sempre comigo vai;  
entro do meu coração,  
Flor do meu Paraguai!

in: Sucessos Inesquecíveis de Cascatinha e Inhana. LP 0.34.405.432, Phonodisc, 1987.

#### A ÍNDIA E O TRAFICANTE

Eduardo Dusek / Luiz Carlos Góes

Noite malandra, um luar de espelho,  
No meio da terra a índia colhe o brilho,  
Som de suor, cheirada musical,

Palmeira que se verga em meio ao vendaval.  
Sentia macia floresta,  
Bolívia, montanha, seresta...

Índia guajira já colheu sua noite  
Volta para a tribo meio injuriada,  
Uma figueira numa encruzilhada

Felina, um olho de paixão danada,  
Era Leão, famoso traficante,  
Um outdoor, bandido elegante,

Que a levou para um apart-hotel  
Que tem em Cuiabá.

Índia, na estrada, largou a tribo  
Comprou um vestido, aprendeu a atirar,  
Índia virada, alucinada pelo cara-pálida do Pantanal,  
Índia guajira e o traficante  
Loucos de amor, trocavam o seu mel,

Era um amor tipo 45,  
E tiroteios rasgando o vestido,  
Em quartos de motel.

Explode o amor, adióis para o pudor,  
Guajira e o traficante passam a escancarar,  
Rolam papéis, nos bares, nos bordéis,  
Os dois de Bonnie and Clyde, assunto dos cordéis,  
Maíra, pivete, amazônia,  
Esqueceu Tupã, a sem-vergonha...

Dentro de um Cessna, bebendo champagne  
Leão e seu bando a fazem sua chefona,  
Índia fichada, retrata falada,  
A loto esperada pelos federais,  
Mas ela gosta de fotografia  
E vira capa dos jornais do dia,

Enquanto espera uma tonelada da pura alegria.  
Índia, sujeira, foi dedurada  
Por um sertanista que era amigo seu,  
Índia traída - "mim tô passada" -

Ela lamentava num mal português,  
A Índia, deu um ganho, num Landau negro,  
Chapa oficial, que era da Funai,  
Passou batido pela fronteira,  
Uma rajada de metralhadora...  
Morta no Paraguai!  
Dusek na Sua. LP 829218-1, PolyGram, 1986.

De acordo com a gramática normativa, a guarânia Índia apresentaria "erros" de concordância verbal. Revelando forte presença do registro informal da linguagem e sua espontaneidade, formas de tratamento em segunda e terceira pessoas se mesclam no mesmo contexto, com vistas a um efeito estilístico de aproximação entre as personagens. Tomando como modelo a concordância estabelecida na primeira estrofe, releia cuidadosamente o texto e, a seguir:

- identifique os versos que configurariam "erros" de concordância verbal, na terceira estrofe;
- reescreva os mesmos versos identificados no item a, de acordo com o que estabelece a gramática normativa.

157) (Vunesp-2003) As questão abaixo toma por base o poema *Lisbon Revisited*, do heterônimo Álvaro de Campos do poeta modernista português Fernando Pessoa (1888-1935), e a letra da canção *Metamorfose Ambulante*, do cantor e compositor brasileiro Raul Seixas (1945-1989).

### **Lisbon Revisited**

(1923)

Não: não quero nada.  
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!  
A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!  
Não me falem em moral!

Tirem-me daqui a metafísica!  
Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas  
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) -  
Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-na!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.

Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.  
Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?  
Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?  
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.  
Assim, como sou, tenham paciência!  
Vão para o diabo sem mim,  
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!  
Para que havemos de ir juntos?

Não me peguem no braço!  
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.  
Já disse que sou sozinho!  
Ah, que maçada quererem que eu seja da companhia!

Ó céu azul - o mesmo da minha infância -  
Eterna verdade vazia e perfeita!  
Ó macio Tejo ancestral e mudo,  
Pequena verdade onde o céu se reflete!  
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!  
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...  
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!

(Fernando Pessoa, *Ficções do Interlúdio/4*: poesias de Álvaro de Campos)

### **Metamorfose Ambulante**

Prefiro ser essa metamorfose ambulante  
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes  
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Sobre o que é o amor  
Sobre que eu nem sei quem sou

Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou  
Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor  
Lhe tenho amor  
Lhe tenho horror  
Lhe faço amor  
eu sou um ator...

É chato chegar a um objetivo num instante  
Eu quero viver nessa metamorfose ambulante  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Sobre o que é o amor  
Sobre que eu nem sei quem sou  
Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou  
Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor  
Lhe tenho amor  
Lhe tenho horror  
Lhe faço amor  
eu sou um ator...

Eu vou desdizer aquilo tudo que eu lhe disse antes  
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Do que ter aquela velha velha velha velha opinião formada  
sobre tudo...  
Do que ter aquela velha velha opinião formada sobre  
tudo...  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo...  
(Raul Seixas, Os grandes sucessos de Raul Seixas)

Atentando para o fato de que a função conativa da linguagem é orientada para o destinatário da mensagem,  
a) identifique o modo verbal que, insistentemente empregado pelo eu-poemático, torna muito intensa a orientação para o destinatário no poema de Fernando Pessoa;

b) considerando que, no verso de número 12, Raul Seixas, adotando o uso popular, empregou os pronomes te e lhe para referir-se a uma mesma pessoa, apresente duas alternativas que teria o poeta para escrever esse verso segundo a norma culta.

158) (Vunesp-2003) Texto para a questão a seguir.

Procura da Poesia

Não faça versos sobre acontecimentos,  
Não há criação nem morte perante a poesia.  
Diante dela, a vida é um sol estático,  
não aquece nem ilumina.

As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.

(...)

Penetra surdamente no reino das palavras.

Lá estão os poemas que esperam ser escritos.  
(...)

Chega mais perto e contempla as palavras.  
Cada uma  
tem mil faces secretas sob a face neutra  
e te pergunta, sem interesse pela resposta  
pobre ou terrível, que lhe deres:  
Trouxeste a chave?  
(Carlos Drummond de Andrade)

Nos fragmentos do poema, há vários verbos empregados na 2.a pessoa do modo imperativo, pressupondo o sujeito tu.

a) Transcreva esses verbos.

b) Ponha os verbos transcritos, na 3.a pessoa, pressupondo o sujeito você.

159) (Vunesp-2005) O Cabeleira

Eles atravessaram a vau o rio, e foram ter à graciosa habitação (de Felisberto), que no meio daquele deserto atestava a existência de uma civilização rudimentar no lugar onde havia caído, sem tentativa de proveito para a sociedade que o sucedera, o gentilismo guarani digno de melhor sorte.

Do alto onde fora construída a habitação via-se o rio que corria na distância de umas dezenas de braças, e desaparecia por entre umas lajes brancas no rumo de leste; do lado do ocidente mostravam-se as lavouras de Felisberto desde as proximidades da casa até onde a vista alcançava.

Felisberto aplicava-se quase exclusivamente à cultura da roça. No perímetro de vinte léguas em derredor era o lavrador que desmanchava mais mandioca, que competia no mercado do Recife com a farinha de Moribeca, já então afamada. Havia anos em que ele mandava para o Recife cerca de duzentos alqueires.

Um negro, uma negra, duas negrotas e três molecotes filhos dos dois primeiros faziam prodígios de valor na cultura das terras. Amanheciam no cabo da enxada e só se recolhiam quando faltava uma braça para o Sol se esconder no horizonte. Estes escravos viviam porém felizes tanto quanto é possível viver feliz na escravidão. Não lhes faltava que comer e que vestir. Dormiam bem, e nos domingos trabalhavam nos seus roçados. Em algum dia grande faziam seu batuque, ao qual concorriam os negros das vizinhanças.

Quando Felisberto se casou com a filha de Lourenço Ribeiro, mestre de açúcar do engenho Curcuranas, teve a feliz idéia de ir estabelecer-se naquele sítio que comprara com algumas economias que lhe legara um tio que vivera de arrematar dízimos de gado. Essas economias deram-lhe também para comprar duas moradinhas de casas e o negro André. Com a negra Maria, que a mulher lhe trouxera em dote, casou Felisberto o seu negro, na esperança de que em poucos anos a família escrava estaria aumentada, e por conseguinte aumentada também a fortuna do casal. Essa esperança foi brilhantemente confirmada.

(...)

Frutos do trabalho honesto e esforçado, o qual é sempre favorecido pela Providência, não tinham sido de todo destruídos pela grande seca os roçados do Felisberto. Ele já enumerava muitos prejuízos, mas olhando em torno de si via ainda muito com que contar na tremenda crise que reduzira o geral da população da província a extrema penúria.

(Franklin Távora, O Cabeleira. 1ª- edição: 1876.)

Vidas Secas

A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre.

Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinheiro que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido.

Saíram de madrugada. (...)

Desceram a ladeira, atravessaram o rio seco, tomaram rumo para o Sul. Com a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio, quatro sombras no caminho estreito coberto de seixos miúdos - os meninos à frente, conduzindo trouxas de roupas, Sinhá Vitória sob o baú de folha pintada e a cabaça de água, Fabiano atrás de facão de rasto e faca de ponta, a cuia pendurada por uma correia amarrada ao cinturão, o aió a tiracolo, a espingarda de pederneira num ombro, o saco da matalotagem no outro. Caminharam bem três léguas antes que a barra do nascente aparecesse.

Fizeram alto. E Fabiano depôs no chão parte da carga, olhou o céu, as mãos em pala na testa. Arrastara-se até ali na incerteza de que aquilo fosse realmente mudança.

Retardara-se e repreendera os meninos, que se adiantavam, aconselhara-os a poupar forças. A verdade é que não queria afastar-se da fazenda. A viagem parecia - lhe sem jeito, nem acreditava nela. Preparara-a lentamente, adiara-a, tornara a prepará-la, e só se resolvera a partir quando tudo estava definitivamente perdido. Podia continuar a viver num cemitério? Nada o prendia àquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se.

(Graciliano Ramos, Vidas Secas. 1ª- edição: 1938.)

No último parágrafo de Vidas Secas, depois de empregar três verbos no pretérito perfeito, o enunciador utiliza uma sucessão de verbos flexionados no pretérito mais-que-perfeito. Com base nessa constatação,

a) explique a diferença de emprego entre esses dois tempos verbais e sua importância para o texto;

b) reescreva o segundo período desse último parágrafo do texto mencionado, flexionando os verbos no pretérito mais-que-perfeito.

160) (VUNESP-2006) Se os seus dotes culinários equivalem a seus conhecimentos sobre química e física, das duas, uma: ou está na hora de colocá-los em prática — juntos — ou de aprender — e misturar — os três. Unir essas diferentes áreas do conhecimento é a proposta de uma nova forma de preparo de alimentos, a “gastronomia molecular”, nome criado pelos cientistas Hervé This e Nicholas Kurti. O termo deu origem ao título de um livro sobre o tema, lançado nos Estados Unidos no começo do ano e ainda não publicado no Brasil.

Pode parecer assustador misturar culinária com duas áreas tantas vezes temidas e odiadas, mas trata-se de uma ótima maneira para descobrir que, por trás de cada ovo cozido borrachento e outros desastres corriqueiros, existe uma explicação científica. E que, entendendo um, pode-se evitar o outro. Mais que a preocupação com a composição e estrutura dos alimentos (área de estudo conhecida como “ciência gastronômica”), a gastronomia molecular lida com as transformações culinárias e os fenômenos sensoriais associados ao paladar.

Uma das formas de um texto se constituir como tal está no emprego de uma rede de termos de uma mesma área, que ajudam a identificar e a fixar o tema. Admitindo que, no fragmento transcrito, é possível observar essa característica, instaurada por meio do uso de vocábulos relacionados à culinária (alimentos, dotes culinários, preparo, paladar),

a) identifique um verbo, repetido nos dois parágrafos do texto, o qual é normalmente utilizado na área de culinária;

b) explique qual o conceito que geralmente se tem de física e química, segundo o enunciador do texto.

161) (VUNESP-2007) Um velho

– Por que empalideces, Solfieri? – A vida é assim. Tu o sabes como eu o sei. O que é o homem? É a espuma que ferve hoje na torrente e amanhã desmaia, alguma coisa de louco e movediço como a vaga, de fatal como o sepulcro! O que é a existência? Na mocidade é o caleidoscópio das ilusões, vive-se então da seiva do futuro. Depois envelhecemos: quando chegamos aos trinta anos e o suor das agonias nos grisalhou os cabelos antes do tempo e murcharam, como nossas faces, as nossas esperanças, oscilamos entre o passado visionário e este amanhã do velho, gelado e ermo – despido como um cadáver que se banha antes de dar à sepultura! Miséria! Loucura! – Muito bem! Miséria e loucura! – interrompeu uma voz. O homem que falara era um velho. A fronte se lhe descalvara, e longas e fundas rugas a sulcavam: eram as ondas que o vento da velhice lhe cavara no mar da vida... Sob espessas sobranceiras grisalhas lampejavam-lhe olhos

pardos e um espesso bigode lhe cobria parte dos lábios. Trazia um gibão negro e roto e um manto desbotado, da mesma cor, lhe caía dos ombros.

- Quem és, velho? – perguntou o narrador.
- Passava lá fora, a chuva caía a cântaros, a tempestade era medonha, entrei. Boa noite, senhores! Se houver mais uma taça na vossa mesa, enchei-a até às bordas e beberei convosco.
- Quem és?
- Quem sou? Na verdade fora difícil dizê-lo: corri muito mundo, a cada instante mudando de nome e de vida. (...) – Quem eu sou? Fui um poeta aos vinte anos, um libertino aos trinta – sou um vagabundo sem pátria e sem crenças aos quarenta.

A linguagem do fragmento, a qual reflete o estilo romântico, caracteriza-se por um léxico típico, às vezes por um tratamento em segunda pessoa e por uma sintaxe peculiar. Com base nessa reflexão, aponte um segmento de Um velho em que há inversão na ordem sujeito-verbo. Reescreva o seguinte trecho, passando o verbo que está no imperativo para a terceira pessoa do plural e fazendo as adequações de concordância necessárias: Se houver mais uma taça na vossa mesa, enchei-a até às bordas e beberei convosco.

#### 162) (VUNESP-2007) A velha contrabandista

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

– Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo, e respondeu:

– É areia!

Aí quem riu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e lá só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai!

O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

– Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

– Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

– Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

– O senhor promete que não “espáia”? – quis saber a velhinha.

– Juro – respondeu o fiscal.

– É lambreta.

(Primo Altamirando e Elas.)

O texto explora bastante um estilo coloquial, informal, marcado por um uso deliberado de gíria e expressões distensas (tudo malandro velho, muamba, manjo, pra burro, diz que era, pra ela, chateou). Entretanto, em certas passagens, o enunciador emprega um vocabulário mais formal, imprevisível e em contraste com as características gerais do texto. Admitindo essas premissas, identifique um substantivo, usado no texto, que representa essa quebra de expectativa, em virtude de seu caráter mais formal e tenso. Além disso, comente por que o tempo pretérito mais-que-perfeito do verbo “adquirir” também reflete um emprego inusitado, quando considerado o todo textual.

163) (Covest-1997) Preencha os espaços com os substantivos correspondentes aos verbos indicados entre parênteses:

I. A \_\_\_\_\_ (PERSUADIR) é necessária no jogo argumentativo.

II. O cinema é uma das mais populares formas de \_\_\_\_\_ (ENTRETER).

III. A \_\_\_\_\_ (DENUNCIAR) do Procurador foi acatada.

IV. O seqüestrador conseguiu o resgate mediante \_\_\_\_\_ (EXTORQUIR)

V. A \_\_\_\_\_ (DELINQUÏR) infanto-juvenil é um dos problemas das grandes cidades.

164) (Covest-1997) Reescreva a frase abaixo na VOZ PASSIVA, passando para o PLURAL os substantivos compostos (sublinhados):

O pesquisador capturou o peixe-boi e o gavião-do-mangue e transportou-os para a reserva biológica do IBAMA, a fim de reintegrá-los ao ambiente.

165) (ETEs-2007) A poluição causada pelo som é um dos maiores problemas ambientais da vida moderna e se dá por meio do ruído, que é o som indesejado. Segundo a Organização Mundial da Saúde, o limite tolerável ao ouvido humano é de 65 dB. Acima disso, nosso organismo sofre estresse, o qual aumenta o risco de doenças. Com ruídos acima de 85 dB aumenta o risco de comprometimento auditivo. Essa situação pode ser revertida aplicando-se as tecnologias de controle, que desenvolvem produtos específicos, recursos para identificação e análise das fontes de ruído, objetivando a previsão de sua redução por meio de programas de simulação e o desenvolvimento de máquinas menos ruidosas.

(Adaptado de: <http://www.ambientebrasil.com.br> acessado em: fev. 2007.)

Assinale a alternativa cujas palavras completam correta e respectivamente a frase a seguir.

O aparelho capaz de medir o nível de intensidade \_\_\_\_\_ é denominado \_\_\_\_\_ e mede, precisamente, áreas de ruídos e outros níveis de som.

- a) ruidosa – calorímetro
- b) auditiva – multímetro
- c) acústica – termômetro
- d) sonora – decibelímetro
- e) melodiosa – velocímetro

166) (FGV-2002) Ao gado formado de vacas, chamamos vacum. Aponte cada um dos adjetivos utilizados para designar o gado formado de:

- a) cabras;
- b) ovelhas.

167) (Fuvest-2004) Texto para a questão a seguir

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma coisa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa

independência política, e do meu primeiro cativo pessoal.

(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

A enumeração de substantivos expressa gradação ascendente em

- a) “menino mais gracioso, inventivo e travesso”.
- b) “trazia-o amimado, asseado, enfeitado”.
- c) “gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas”.
- d) “papel de rei, ministro, general”.
- e) “tinha garbo (...), e gravidade, certa magnificência”.

168) (Fuvest-1998) Segundo a ONU, os subsídios dos **ricos** prejudicam o Terceiro Mundo de várias formas:

1. mantêm baixos os preços internacionais, desvalorizando as exportações dos países **pobres**;
  2. excluem os **pobres** de vender para os mercados **ricos**;
  3. expõem os produtores pobres à concorrência de produtos mais baratos em seus próprios países.
- (Folha de S. Paulo, 02/11/97, E-12)

Neste texto, as palavras sublinhadas rico e pobre pertencem a diferentes classes de palavras, conforme o grupo sintático em que estão inseridas.

- a) Obedecendo à ordem em que aparecem no texto, identifique a classe a que pertencem, em cada ocorrência sublinhada, as palavras rico e pobre.
- b) Escreva duas frases com a palavra brasileiro, empregando-a cada vez em uma dessas classes.

169) (Fuvest-2000) Cultivar amizades, semear empregos e preservar a cultura fazem parte da nossa natureza.

- a) Explique o efeito expressivo que, por meio da seleção lexical, se obteve nesta frase.
- b) Reescreva a frase, substituindo por substantivos cognatos os verbos cultivar, semear e preservar, fazendo também as adaptações necessárias.

170) (FVG - SP-2007) Assinale a alternativa em que a flexão dos compostos esteja de acordo com a norma culta.

- a) Leões-de-chácara, prontos-socorros, quartas-feiras, guardas-noturnos.
- b) Leões-de-chácaras, pronto-socorros, quartas-feira, guarda-noturnos.
- c) Leões-de-chácara, pronto-socorros, quartas-feiras, guardas-noturno.
- d) Leões-de-chácaras, prontos-socorros, quartasfeiras, guardas-noturnos.
- e) Leões-de-chácara, pronto-socorros, quarta-feiras, guardas-noturno.

171) (IBMEC-2006) Me devolva o Neruda (que você nem leu)

Quando o Chico Buarque escreveu o verso acima, ainda não tinha o “que você nem leu”. A palavra Neruda - prêmio Nobel, chileno, de esquerda - era proibida no Brasil. Na sala da Censura Federal o nosso poeta negociou a proibição. E a música foi liberada quando ele acrescentou o “que você nem leu”, pois ficava parecendo que ninguém dava bola para o Neruda no Brasil. Como eram burros os censores da ditadura militar! E coloca burro nisso!!! Mas a frase me veio à cabeça agora, porque eu gosto demais dela. Imagine a cena. No meio de uma separação, um dos cônjuges (me desculpe a palavra) me solta esta: me devolva o Neruda que você nem leu! Pense nisso. Pois eu pensei exatamente nisso quando comecei a escrever esta crônica, que não tem nada a ver com o Chico, nem com o Neruda e, muito menos, com os militares.

É que eu estou aqui para dizer um tchau. Um tchau breve porque, se me aceitarem - você e o diretor da revista -, eu volto daqui a dois anos. Vou até ali escrever uma novela na Globo (o padrão vai continuar o mesmo) e depois eu volto. Esperando que você já tenha lido o Neruda. Mas aí você vai dizer assim: pó, escrever duas crônicas por mês, fora a novela, o cara não consegue? O que é uma crônica? Uma página e meia. Portanto, três páginas por mês e o cara me vem com esse papo de Neruda? Preguiçoso, no mínimo.

Quando faço umas palestras por aí, sempre me perguntam o que é necessário para se tornar um escritor. E eu sempre respondo: talento e sorte. Entre os 10 e 20 anos, recebia na minha casa O Cruzeiro, Manchete e o jornal Última Hora. E lá dentro eu lia (me invejem): Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Fernando Sabino, Millôr Fernandes, Nelson Rodrigues, Stanislaw Ponte Preta, Carlos Heitor Cony. E pensava, adolescentemente: quando eu crescer, vou ser cronista.

Bem ou mal, consegui meu espaço. E agora, ao pedir de volta o livro chileno, fico pensando em como eu me sentiria se, um dia, um desses aí acima escrevesse que iria dar um tempo. Eu matava o cara! Isso não se faz com o leitor (desculpe, minha amiga, não estou me colocando no mesmo nível deles, não!)

E deixo aqui uns versinhos do Neruda para as minhas leitoras de 30 e 40 anos (e para todas):

Escuchas otras voces en mi voz dolorida  
Llanto de viejas bocas, sangre de viejas súplicas,  
Amame, compañera. No me abandones. Sigüeme,  
Sigüeme, compañera, en esa ola de angústia.  
Pero se van tiñendo con tu amor mis palabras  
Todo lo ocupas tú, todo lo ocupas  
Voy haciendo de todas un collar infinito  
Para tus blancas manos, suaves como las uvas.  
Desculpe o mau jeito: tchau!

(Prata, Mario. Revista Época. São Paulo. Editora Globo, Nº-324, 02 de agosto de 2004, p. 99)

É exemplo de frase em que o sujeito é representado por um substantivo sobrecomum:

- a) “E deixo aqui uns versinhos do Neruda para as minhas leitoras de 30 e 40 anos (e para todas):”
- b) “Eu matava o cara!”
- c) “Mas a frase me veio à cabeça agora, porque eu gosto demais dela.”
- d) “Quando o Chico Buarque escreveu o verso acima, ainda não tinha o ‘que você nem leu’.”
- e) “No meio de uma separação, um dos cônjuges (me desculpe a palavra) me solta esta...”

172) (IBMEC-2006) Um homem de consciência  
“Chamava-se João Teodoro, só. O mais pacato e modesto dos homens. Honestíssimo e lealíssimo, com um defeito apenas: não dar o mínimo valor a si próprio. Para João Teodoro, a coisa de menos importância no mundo era João Teodoro.

Nunca fora nada na vida, nem admitia a hipótese de vir a ser alguma coisa. E por muito tempo não quis nem sequer o que todos ali queriam: mudar-se para terra melhor. Mas João Teodoro acompanhava com aperto de coração o deperecimento visível de sua Itaoca.

Isto já foi muito melhor, dizia consigo. Já teve três médicos bem bons — agora só um e bem ruinzote. Já teve seis advogados e hoje mal dá serviço para um rábula ordinário como o Tenório. Nem circo de cavalinhas bate mais por aqui. A gente que presta se muda. Fica o restolho. Decididamente, a minha Itaoca está se acabando...

João Teodoro entrou a incubar a idéia de também mudar-se, mas para isso necessitava dum fato qualquer que o convencesse de maneira absoluta de que Itaoca não tinha mais concerto ou arranjo possível.

— É isso, deliberou lá por dentro. Quando eu verificar que tudo está perdido, que Itaoca não vale mais nada de nada de nada, então arrumo a trouxa e boto-me fora daqui. Um dia aconteceu a grande novidade: a nomeação de João Teodoro para delegado. Nosso homem recebeu a notícia como se fosse uma porretada no crânio. Delegado ele! Ele que não era nada, nunca fora nada, não queria ser nada, não se julgava capaz de nada...

Ser delegado numa cidadezinha daquelas é coisa seriíssima. Não há cargo mais importante. É homem que prende os outros, que solta, que manda dar sovas, que vai à capital falar com o governo. Uma coisa colossal ser delegado — e estava ele, João Teodoro, de-le-ga-do de Itaoca!...

João Teodoro caiu em meditação profunda. Passou a noite em claro, pensando e arrumando as malas. Pela madrugada botou-os num burro, montou no seu cavalo magro e partiu.

— Que é isso, João? Para onde se atira tão cedo, assim de armas e bagagens?

— Vou-me embora, respondeu o retirante. Verifiquei que Itaoca chegou mesmo ao fim.

— Mas, como? Agora que você está delegado?

— Justamente por isso. Terra em que João Teodoro chega a delegado, eu não moro. Adeus.

E sumiu.”

(Lobato, Monteiro. Cidades Mortas. São Paulo, Editora Brasiliense, 2004, 26ª edição, p. 167-8)

Assinale o período que apresenta, respectivamente, substantivo e adjetivo flexionados em grau.

- a) “Já teve três médicos bem bons — agora só um e bem ruinzote.”
- b) “Ser delegado numa cidadinha daquelas é coisa seriíssima.”
- c) “Honestíssimo e lealíssimo, com um defeito apenas: não dar o mínimo valor a si próprio.”
- d) “O mais pacato e modesto dos homens.”
- e) “Pela madrugada botou-as num burro, montou no seu cavalo magro e partiu.”

### 173) (IBMEC-2006) A busca da felicidade

Ser feliz é provavelmente o maior desejo de todo ser humano. Na prática, ninguém sabe definir direito a palavra felicidade. Mas todos sabem exatamente o que ela significa. Nos últimos tempos, psicólogos, neurocientistas e filósofos têm voltado sua atenção de modo sistemático para esse tema que sempre fascinou, intrigou e desafiou a humanidade.

As últimas conclusões a que eles chegaram são o tema de uma densa reportagem escrita pelo redator-chefe de ÉPOCA, David Cohen, em parceria com a editora Aida Veiga. O texto, conduzido com uma dose incomum de bom humor, inteligência e perspicácia, contradiz várias noções normalmente tidas como verdade pela maior parte das pessoas. A felicidade, ao contrário do que parece, não é mais fácil para os belos e ricos.

A maioria dos prazeres ao alcance daqueles que possuem mais beleza ou riqueza tem, segundo as pesquisas, um impacto de curtíssima duração. Depois de usufruí-los, as pessoas retornam a seu nível básico de satisfação com a vida. Por isso, tanta gente parece feliz à toa, enquanto tantos outros não perdem uma oportunidade de reclamar da existência.

Mesmo quem passa por experiências de impacto decisivo, como ganhar na loteria ou perder uma perna, costuma voltar a seu estado natural de satisfação. Seria então a felicidade um dado da natureza, determinado exclusivamente pelo que vem inscrito na carga genética? De acordo com os estudos, não é bem assim. Muitas práticas vêm tendo sua eficácia comprovada para tornar a vida mais feliz: ter amigos, ter atividades que exijam concentração e dedicação completas, exercer o controle sobre a própria vida, ter um sentido de gratidão para com as coisas ou pessoas boas que apareçam, cuidar da saúde, amar e ser amado. Uma das descobertas mais fascinantes dos pesquisadores é que parece não adiantar nada ir atrás de todas as conquistas que, segundo julgamos, nos farão mais felizes. Pelo contrário, é o fato de sermos mais felizes que nos ajuda a conquistar o que desejamos.

Nada disso quer dizer que os cientistas tenham descoberto a fórmula mágica nem que tenha se tornado fácil descobrir a própria felicidade. Olhando aqui de fora, até que David e Aida parecem felizes com o resultado do trabalho que fizeram. Agora, é esperar que esse resultado também ajude você a se tornar mais feliz.

(Gurovitz, Hélio. Revista ÉPOCA. Editora Globo, São Paulo. Número 412, 10 de abril de 2006, p. 6)

Sobre a palavra felicidade é **correto** afirmar que:

- a) É um substantivo abstrato formado por derivação sufixal e composto por dez letras e dez fonemas.
- b) É um substantivo derivado formado por derivação imprópria e composto por dez letras e cinco fonemas.
- c) É um adjetivo formado por derivação imprópria e composto por dez letras e dez fonemas.
- d) É um adjetivo formado por derivação progressiva e composta por dez letras e dez fonemas.
- e) É um substantivo comum formado por derivação parassintética e composto por dez letras e nove fonemas.

### 174) (ITA-2002) Beber é mal, mas é muito bom.

(FERNANDES, Millôr. Mais! Folha de S. Paulo, 5 ago. 2001, p. 28.)

A palavra “mal”, no caso específico da frase de Millôr, é:

- a) adjetivo.
- b) substantivo.
- c) pronome.
- d) advérbio.
- e) preposição.

175) (ITA-2003) Durante a Copa do Mundo deste ano, foi veiculada, em programa esportivo de uma emissora de TV, a notícia de que um apostador inglês acertou o resultado de uma partida, porque seguiu os prognósticos de seu burro de estimação. Um dos comentaristas fez, então, a seguinte observação: “Já vi muito comentarista burro, mas burro comentarista é a primeira vez.”

Percebe-se que a classe gramatical das palavras se altera em função da ordem que elas assumem na expressão.

Assinale a alternativa em que isso **NÃO** ocorre:

- a) obra grandiosa
- b) jovem estudante
- c) brasileiro trabalhador
- d) velho chinês
- e) fanático religioso

176) (Mack-2007) Há exatamente dois anos, parei de fumar. Desde então, só fumei uns três charutos incompletos. Em casamentos. E dos bons.

Depois de um ano, você é considerado um ex por muitos pneumologistas. A vontade passou. Você está com outra cara. A pele melhorou. O otimismo reacende. Você até



acha que o Brasil tem jeito, que o pessoal reclama de barriga cheia. Falando em barriga...  
 Você não se importa em engordar um pouquinho?  
 Marcelo Rubens Paiva

Afirma-se, com correção, que:

- o adjetivo *bons* (linha 02) só pode se referir a casamentos, apesar de charutos ser outra forma no masculino e no plural presente no parágrafo.
- em *uns três* (linha 02), o termo destacado confere precisão à quantificação apresentada.
- exatamente (linha 01) pode ser substituído por “corretamente”, sem alterar o sentido original.
- ex* (linha 03) tem valor de substantivo, como em “O novo campeão cumprimentou o *ex*”.
- até (linha 05) indica um limite físico extremo, como em “Está envolvido, até o pescoço, em irregularidades”.

177) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

É nas ..... do Palácio que ocorrem, por motivos ....., as disputas do poder de influência sobre o Presidente.

- antes-sala - quaisquer.
- ante-salas - qualquer.
- antes-salas - quaisquer.
- antes-salas - qualquer.
- ante-salas - quaisquer.

178) (UEPB-2006) “Como agravante temos nessa região pobre uma taxa de crescimento demográfico mais rápido do país e dificilmente igualada.” (Correio da Paraíba, 24/05/05)

A compreensão do fragmento acima está prejudicada devido a uma ambigüidade na estrutura oracional, provocada pela inadequada distribuição dos substantivos e adjetivos em destaque no texto. Apresentamos, abaixo, outras versões (de I a IV) para expressar a informação.

I. “Como agravante, temos, nessa região pobre do país, uma alta taxa de crescimento demográfico, dificilmente igualada.”

II. “Como agravante, temos nessa região pobre do país um rápido crescimento demográfico, dificilmente igualado.”

III. “Como agravante temos nessa região pobre uma taxa de crescimento demográfico do país mais rápido e dificilmente igualada.”

IV. “Como agravante, temos nessa região pobre uma taxa de crescimento demográfico mais rápida do país e dificilmente igualado.”

Indique a alternativa que contém a(s) versão(ões) que expressa(m), claramente, a informação do texto:

- Apenas II e IV.
- Apenas I.
- Apenas III e IV.

- Apenas I e II.
- Apenas III.

179) (UFSCar-2005) Tanta Tinta

Ah! menina tonta,  
 toda suja de tinta  
 mal o sol desponta!  
 (Sentou-se na ponte, muito desatenta ...  
 E agora se espanta:  
 Quem é que a ponte pinta  
 com tanta tinta?...)  
 A ponte aponta  
 e se desaponta.  
 A tontinha tenta  
 limpar a tinta,  
 ponto por ponto  
 e pinta por pinta ...  
 Ah! a menina tonta  
 Não viu a tinta da ponte!  
 (Cecília Meireles, Ou isto ou aquilo.)

Esse poema faz parte de uma coleção dedicada por Cecília Meireles às crianças.

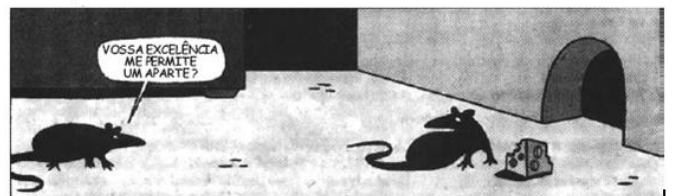
- Cite um dos principais recursos estilísticos nele utilizados. Exemplifique.
- A que classe de palavra pertence a palavra *tontinha*, no texto? Cite uma de suas funções na construção desse texto.

180) (UNICAMP-2006) Os quadrinhos a seguir fazem parte de um material publicado na Folha de S. Paulo em 17 de agosto de 2005, relativo à crise política brasileira, que teve início em maio do mesmo ano.

CHICLETE COM BANANA - Angeli



OS PESCOÇUDDOS - Caco Galhardo



No quadrinho de Caco Galhardo, outras associações com a crise política podem ser observadas.

- “Vossa Excelência me permite um aparte” é uma expressão típica de um espaço institucional. Qual é esse espaço e quais as palavras que permitem essa identificação?

b) A expressão ‘um aparte’ pode ser segmentada de outra maneira. Qual a expressão resultante dessa segmentação? Explique o sentido de cada uma das expressões.  
 c) Levando em consideração as relações entre as imagens e as palavras, explique como se constrói a interpretação do quadrinho.

181) (Unifesp-2003) A questão a seguir baseia-se em duas tirinhas de quadrinhos, de Maurício de Sousa (1935-), e na “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias (1823-1864).

**Primeira tirinha**



(Estúdio Maurício de Sousa. *Bihu Especial*. São Paulo: Abril, 1975)

**Segunda tirinha**



(Estúdio Maurício de Sousa. *Bihu Especial*. São Paulo: Abril, 1973)

**Canção do Exílio**

(...)

Minha terra tem palmeiras,  
 Onde canta o Sabiá;  
 As aves, que aqui gorjeiam,  
 Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
 Nossas várzeas têm mais flores,  
 Nossos bosques têm mais vida,  
 Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
 Mais prazer encontro eu lá;  
 Minha terra tem palmeiras,  
 Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
 Que tais não encontro eu cá;  
 Em cismar - sozinho, à noite -  
 Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,  
 Onde canta o Sabiá.  
 Não permita Deus que eu morra,  
 Sem que eu volte para lá;

Sem que desfrute os primores  
 Que não encontro por cá;  
 Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
 Onde canta o Sabiá.  
 (Antônio Gonçalves Dias, *Primeiros Cantos*)

Observe com atenção a segunda tirinha, na qual também há referências à “Canção do exílio”. Caso os balões dessa tirinha não estivessem com todas as falas dos personagens escritas em letras maiúsculas, a palavra palmeiras, que aparece em uma frase entre aspas, no segundo quadrinho, deveria ser escrita

- a) com inicial maiúscula, por se tratar de um substantivo próprio, nome do famoso time brasileiro de futebol.
- b) com inicial minúscula, por se tratar de um substantivo comum, nome da planta referida por Gonçalves Dias, na “Canção do exílio”.
- c) com inicial maiúscula, por se tratar de um substantivo comum, nome da planta referida por Gonçalves Dias.
- d) com inicial minúscula, por se tratar de um substantivo com valor de adjetivo, a designar um time brasileiro de futebol.
- e) com inicial minúscula, por se tratar de um substantivo próprio, nome da planta referida na “Canção do exílio”.

182) (UNIFESP-2005) De gramática e de linguagem

E havia uma gramática que dizia assim:

“Substantivo (concreto) é tudo quanto indica Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta”.

Eu gosto é das cousas. As cousas, sim!...

As pessoas atrapalham. Estão em toda parte. Multiplicam-se em excesso.

As cousas são quietas. Bastam-se. Não se metem com ninguém.

Uma pedra. Um armário. Um ovo. (Ovo, nem sempre, Ovo pode estar choco: é inquietante...)

As cousas vivem metidas com as suas cousas.

E não exigem nada.

Apenas que não as tirem do lugar onde estão.

E João pode neste mesmo instante vir bater à nossa porta.

Para quê? não importa: João vem!

E há de estar triste ou alegre, reticente ou falastrão.

Amigo ou adverso... João só será definitivo

Quando esticar a canela. Morre, João...

Mas o bom, mesmo, são os adjetivos,

Os puros adjetivos isentos de qualquer objeto.

Verde. Macio. Áspero. Rente. Escuro. Luminoso.

Sonoro. Lento. Eu sonho

Com uma linguagem composta unicamente de adjetivos

Como decerto é a linguagem das plantas e dos animais.

Ainda mais:

Eu sonho com um poema

Cujas palavras sumarentas escorram

Como a polpa de um fruto maduro em tua boca,

Um poema que te mate de amor

Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido:

Basta provares o seu gosto...

Para o poeta, a linguagem deve

- a) ser inquietante e misteriosa como um ovo que, quando choco, guarda sentidos desconhecidos.
- b) ser composta pelos substantivos concretos e pelos adjetivos para assemelhar-se à linguagem das plantas e dos animais.
- c) conseguir matar as pessoas que, como diz o poeta, atrapalham. Por isso ele afirma: "Morre, João..."
- d) excluir o amor, uma vez que esse sentimento a destitui do verdadeiro e misterioso sentido abrigado nas palavras.
- e) bastar-se a si mesma, pois há de conter a essência do sentido na sua constituição.

**183) (UNIFESP-2004)** Na frase que acompanha a imagem, os substantivos próprios que compõem a mensagem indicam

- a) referência indefinida ao animal e ao estilo de música, visto com reservas por boa parte do público. A informação equivale a Um acidente trágico tira a vida de uma égua.
- b) informação como crítica à situação caótica do trânsito nas cidades, levando à morte trágica um ídolo musical. Poderia ser redigida assim: Éguas são vítimas de trânsito caótico.
- c) metáfora do fim trágico de um estilo musical, bastante discutido na mídia, equivalendo a Acidente trágico vítima égua.
- d) informação apresentada satiricamente a partir de um elemento já conhecido, podendo ser redigida da seguinte forma: Acidente trágico mata a Égua Pocotó.
- e) morte da Égua para representar a violência humana aos animais. A idéia equivale a O acidente trágico mata a Égua Pocotó.

**184) (Vunesp-2002)** Trovas  
*a uma dama que lhe jurara  
sempre por seus olhos.*

Quando me quer enganar  
a minha bela perjura,  
para mais me confirmar  
o que quer certificar,  
pelos seus olhos mo jura.  
Como meu contentamento  
todo se rege por eles,  
imagina o pensamento  
que se faz agravo a eles  
não crer tão grão juramento.

Porém, como em casos tais  
ando já visto e corrente,  
sem outros certos sinais,  
quanto me ela jura mais

tanto mais cuidado que mente.

Então, vendo-lhe ofender  
uns tais olhos como aqueles,  
deixo-me antes tudo crer,  
só pela não constranger  
a jurar falso por eles.  
(CAMÕES, Luís de. Lírica. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1982, p. 56-57.)

Você só... mente  
Não espero mais você,  
Pois você não aparece.  
Creio que você se esquece  
Das promessas que me faz...  
E depois vem dar desculpas  
Inocentes e banais.  
É porque você bem sabe  
Que em você desculpo  
Muita coisa mais...  
O que sei somente  
É que você é um ente  
Que mente inconscientemente,  
Mas finalmente,  
Não sei por que  
Eu gosto imensamente de você.

E invariavelmente,  
Sem ter o menor motivo,  
Em um tom de voz altivo,  
Você, quando fala, mente  
Mesmo involuntariamente.  
Faço cara de contente,  
Pois sua maior mentira  
É dizer à gente  
Que você não mente.

O que sei somente  
É que você é um ente  
Que mente inconscientemente,  
Mas finalmente,  
Não sei por que  
Eu gosto imensamente de você.

(In: Noel pela primeira vez. Coleção organizada por Miguel Jubran. São Paulo: MEC/FUNARTE/VELAS, 2000, Vol. 4, CD 7, faixa 01.)

Os homônimos homófonos e homógrafos, ou seja, vocábulos que apresentam a mesma pronúncia e a mesma grafia, são comuns na Língua Portuguesa. No verso "pelos seus olhos mo jura", o vocábulo *jura* é um verbo empregado como núcleo do predicado verbal; mas podemos construir a frase "Ele quebrou sua jura e foi para longe" em que o homônimo *jura* é empregado como substantivo em função de núcleo do objeto direto. Com base nesta informação, releia os dois poemas e, em seguida,

a) estabeleça a classe de palavra a que pertence "grão", no décimo verso do poema de Camões e escreva uma frase em que apareça um homônimo homófono e homógrafo dessa palavra;

b) aponte o efeito expressivo, relacionado com o tema e com a rima, que o emprego de advérbios como somente, inconscientemente, etc., produz na letra de Noel Rosa.

**185) (Vunesp-2003) INSTRUÇÃO:** A questões abaixo toma por base um fragmento da crônica *Conversa de Bastidores*, do ficcionista brasileiro Graciliano Ramos (1892-1953), e um trecho da narrativa *O Burrinho Pedrês*, do ficcionista brasileiro João Guimarães Rosa (1908-1967).

### Conversa de Bastidores

[...]

Em fim de 1944, Ildefonso Falcão, aqui de passagem, apresentou-me J. Guimarães Rosa, secretário de embaixada, recém-chegado da Europa.

- O senhor figurou num júri que julgou um livro meu em 1938.

- Como era o seu pseudônimo?

- Viator.

- Ah! O senhor é o médico mineiro que andei procurando. Ildefonso Falcão ignorava que Rosa fosse médico, mineiro e literato. Fiz camaradagem rápida com o secretário de embaixada.

- Sabe que votei contra o seu livro?

- Sei, respondeu-me sem nenhum ressentimento.

Achando-me diante de uma inteligência livre de mesquinhez, estendi-me sobre os defeitos que guardara na memória. Rosa concordou comigo. Havia suprimido os contos mais fracos. E emendara os restantes, vagaroso, alheio aos futuros leitores e à crítica. [...]

Vejo agora, relendo Sagarana (Editora Universal - Rio - 1946), que o volume de quinhentas páginas emagreceu bastante e muita consistência ganhou em longa e paciente depuração. Eliminaram-se três histórias, capinaram-se diversas coisas nocivas. As partes boas se aperfeiçoaram: *O Burrinho Pedrês*, *A Volta do Marido Pródigo*, *Duelo*, *Corpo Fechado*, sobretudo *Hora e Vez de Augusto Matraga*, que me faz desejar ver Rosa dedicar-se ao romance. Achariam aí campo mais vasto as suas admiráveis qualidades: a vigilância na observação, que o leva a não desprezar minúcias na aparência insignificante, uma honestidade quase mórbida ao reproduzir os fatos. Já em 1938 eu havia atentado nesse rigor, indicara a Prudente de Moraes numerosos versos para efeito onomatopaico intercalados na prosa. [...]

A arte de Rosa é terrivelmente difícil. Esse antimodernista repele o improvisado. Com imenso esforço escolhe palavras simples e nos dá impressão de vida numa nesga de caatinga, num gesto de caboclo, uma conversa cheia de provérbios matutos.

O seu diálogo é rebuscadamente natural: desdenha o recurso ingênuo de cortar ss, ll e rr finais, deturpar flexões,

e aproximar-se, tanto quanto possível, da língua do interior.

Devo acrescentar que Rosa é um animalista notável: fervilham bichos no livro, não convenções de apólogo, mas irracionais, direitos exibidos com peladuras, esparavões e os necessários movimentos de orelha e de rabos. Talvez o hábito de examinar essas criaturas haja aconselhado o meu amigo a trabalhar com lentidão bovina.

Certamente ele fará um romance, romance que não lerei, pois, se for começado agora, estará pronto em 1956, quando os meus ossos começarem a esfarelar-se.

(Graciliano Ramos, *Conversa de bastidores*. In: *Linhas tortas*)

### O Burrinho Pedrês

[...]

Nenhum perigo, por ora, com os dois lados da estrada tapados pelas cercas. Mas o gado gordo, na marcha contraída, se desordena em turbulências. Ainda não abaixaram as cabeças, e o trote é duro, sob vez de aguilhoadas e gritos.

- Mais depressa, é para esmoer?! - ralha o Major. - Boiada boa!...

Galhudos, gaiolos, estrelas, espácios, combucos, cubetos, lobunos, lompardos, caldeiros, cambraias, chamurros, churriados, corombos, cornetos, bocalvos, borralhos, chumbados, chitados, vareiros, silveiros... E os tocos da testa do mocho macheado, e as armas antigas do boi cornalão...

- P'ra trás, boi-vaca!

- Repele Juca... Viu a brabeza dos olhos? Vai com sangue no cangote...

- Só ruindade e mais ruindade, de em-desde o redemunho da testa até na volta da pá! Este eu não vou perder de olho, que ele é boi espirrador...

Apuram o passo, por entre campinas ricas, onde pastam ou ruminam outros mil e mais bois. Mas os vaqueiros não esmorecem nos eias e cantigas, porque a boiada ainda tem passagens inquietantes: alarga-se e recomprime-se, sem motivo, e mesmo dentro da multidão movediça há giros estranhos, que não os deslocamentos normais do gado em marcha - quando sempre alguns disputam a colocação na vanguarda, outros procuram o centro, e muitos se deixam levar, empurrados, sobrenadando quase, com os mais fracos rolando para os lados e os mais pesados tardando para trás, no coice da procissão.

- Eh, boi lá!... Eh-ê-ê-eh, boi!... Tou! Tou! Tou...

As ancas balançam, e as vagas de dorsos, das vacas e touros, batendo com as caudas, mugindo no meio, na massa embolada, com atritos de couros, estralos de guampas, estrondos e baques, e o berro queixoso do gado junqueira, de chifres imensos, com muita tristeza, saudade dos campos, querência dos pastos de lá do sertão...

"Um boi preto, um boi pintado,

cada um tem sua cor.

Cada coração um jeito

de mostrar o seu amor."

Boi bem bravo, bate baixo, bota baba, boi berrando...  
Dança doido, dá de duro, dá de dentro, dá direito... Vai,  
vem, volta, vem na vara, vai não volta, vai varando...  
"Todo passarinh' do mato  
tem seu pio diferente.  
Cantiga de amor doido  
não carece ter rompante...".  
Pouco a pouco, porém, os rostos se desempanam e os  
homens tomam gesto de repouso nas selas, satisfeitos.  
Que de trinta, trezentos ou três mil, só está quase pronta a  
boiada quando as alimárias se aglutinam em bicho inteiro -  
centopeia -, mesmo prestes assim para surpresas más.  
(João Guimarães Rosa, O burrinho pedrês. In: Sagarana)

Muitas palavras podem atuar nas frases como  
representantes de diferentes classes e exercer, portanto,  
diferentes funções sintáticas. Tendo em mente esta  
informação,  
a) determine, com base em características formais da frase  
em que se encontra, a classe de palavras em que se  
enquadra a palavra **eias**, empregada por Guimarães Rosa  
no sétimo parágrafo do trecho citado;  
b) considerando que, no quarto período do antepenúltimo  
parágrafo de seu texto, Graciliano Ramos representou três  
palavras visualmente por meio das letras dobradas rr, ll e  
ss, reescreva esse período, substituindo tais letras  
dobradas pelas palavras correspondentes.

**186) (Vunesp-2003)** Na morte dos rios  
Desde que no Alto Sertão um rio seca,  
a vegetação em volta, embora de unhas,  
embora sabres, intratável e agressiva,  
faz alto à beira daquele leito tumba.  
Faz alto à agressão nata: jamais ocupa  
o rio de ossos areia, de areia múmia.  
(João Cabral de Melo Neto)

João Cabral de Melo Neto pretendeu criar uma linguagem  
para seus poemas que se afastasse um pouco da  
linguagem usual, por meio de pequenos desvios. Para isso,  
empregou, às vezes, palavras fora das classes morfológicas  
a que pertencem.  
a) Transcreva os fragmentos em que isso acontece.  
b) Identifique a classe original das palavras e a classe em  
que João Cabral as utilizou em seu poema.

**187) (Vunesp-Ilha Solteira-2001)** Determinada instituição  
bancária enviou aos seus clientes uma carta, na qual lhes  
propõe uma linha de crédito pessoal para o Dia das Mães.

Considere os seguintes trechos desse documento:

*"Por ter feito de você esta grande pessoa, o crédito é todo  
para ela."  
"Por tornar este Dia das Mães simplesmente inesquecível,  
o crédito é todo seu."*

A partir da leitura dos dois trechos da carta, responda:

- A quem se referem os pronomes "ela" e "seu"?
- Quais as interpretações que podem ser feitas da palavra  
"crédito" nos trechos da carta?

**188) (Faap-1997) AS POMBAS**

Vai-se a primeira pomba despertada...  
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas  
De pombas vão-se dos pombais, apenas  
Raia sangüínea e fresca a madrugada

E à tarde, quando a rígida nortada  
Sopra, aos pombais, de novo, elas, serenas  
Rufando as asas, sacudindo as penas,  
Voltam todas em bando e em revoadas...

Também dos corações onde abotoam,  
Os sonhos, um por um, céleres voam  
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,  
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam  
E eles aos corações não voltam mais...  
(Raimundo Correia)

"... um por um, CÉLERES voam" ou seja:

- ... um por um, magoados voam.
- ... um por um, dernorteados voam.
- ... um por um, velozes voam.
- ... um por um, frustrados voam.
- ... um por um, cordiais voam.

**189) (FEI-1997)** "Não é o homem um mundo pequeno que  
está dentro do mundo grande, mas é um mundo grande  
que está dentro do pequeno. Baste \*por prova o coração  
humano, que sendo uma pequena parte do homem,  
excede na capacidade a toda a grandeza do mundo. (...) O  
mar, com ser um monstro,\* indômito, chegando às areias,  
pára; as árvores, onde \*as põem, não se mudam; os peixes  
contentam-se com o mar, as aves com o ar, os outros  
animais com a terra. Pelo contrário, o homem, monstro ou  
quimera de todos os elementos, em nenhum lugar \*pára,  
com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição ou  
apetite o falta: tudo confunde e como é maior que o  
mundo, não cabe nele".

Observe as palavras indicadas no texto: "por" (ref. 1);  
"indômito" (ref. 2); "as" (ref. 3); "pára" (ref. 4). Assinale a  
alternativa que analise corretamente a classe gramatical  
destas palavras:

- verbo - substantivo - pronome - preposição.
- preposição - substantivo - artigo - verbo.

- c) verbo - adjetivo - artigo - verbo.
- d) preposição - adjetivo - artigo - preposição.
- e) preposição - adjetivo - pronome - verbo.

190) (FGV-2002) Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver furtado um osso.

- Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?  
- Não quero saber de nada. Você furtou o osso e vou levá-la aos tribunais.

E assim fez.

Queixou-se ao gavião-de-penacho e pediu-lhe justiça. O gavião reuniu o tribunal para julgar a causa, sorteando para isso doze urubus de papo vazio.

Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito irmãs das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu.

Mas o júri, composto de carnívoros gulosos, não quis saber de nada e deu a sentença:

- Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte! A ré tremeu: não havia escapatória!... Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entregá-la em pagamento do que não furtara.

Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espostejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juizes famintos, a título de custas...

(Monteiro Lobato. *Fábulas e Histórias Diversas*)

- a) Dê o superlativo absoluto sintético de pobre, em suas duas formas possíveis.
- b) Numa dessas formas, o superlativo absoluto sintético de pobre assume característica latina. Ofereça dois outros exemplos em que, de acordo com a norma culta, isso ocorra.

191) (FGV-2001) Assinale a alternativa gramaticalmente correta.

- A) Na Aliança Lusa-brasileira, os porteiros usavam ternos azuis-marinhos e as recepcionistas, saias azuis-pavões.
- B) Na Aliança Luso-brasileira, os porteiros usavam ternos cinzas-chumbos e as recepcionistas, saias verdes-olivas.
- C) Na Aliança Luso-brasileira, os porteiros usavam ternos cinza-chumbo e as recepcionistas, saias verde-oliva.
- D) Na Aliança Lusa-brasileira, os porteiros usavam ternos cinzas-chumbo e as recepcionistas, saias verdes-oliva.
- E) Na Aliança Luso-brasileira, os porteiros usavam ternos cinza-chumbos e as recepcionistas, saias verde-olivas.

192) (FGV-2004) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada NÃO tem valor de adjetivo.

- a) A malha azul estava molhada.
- b) O sol desbotou o verde da bandeira.
- c) Tinha os cabelos branco-amarelados.
- d) As nuvens tornavam-se cinzentas.

e) O mendigo carregava um fardo amarelado.

193) (FGV-2004) 1. Há palavras que ninguém emprega. Apenas se

- 2. encontram nos dicionários como velhas
- 3. caducas num asilo. Às vezes uma que outra se escapa e vem luzir-se desdentadamente, em
- 4. público, nalguma oração de paraninfo. Pobres velhinhas... Pobre velhinho!
- 5. velhinhas... Pobre velhinho!

QUINTANA, Mário. *Triste História*, em *Porta Giratória*. São Paulo: Globo, 1988, p. 20.

- a) Quem são, no texto, as "pobres velhinhas"? E o "pobre velhinho"? (L. 5 e 6).
- b) Qual a diferença entre pobre velhinho e velhinho pobre?

194) (Fuvest-1998) "É preciso agir, e rápido", disse ontem o ex-presidente nacional do partido.

A frase em que a palavra sublinhada NÃO exerce função idêntica à de rápido é:

- a) Como estava exaltado, o homem gesticulava e falava alto.
- b) Mademoiselle ergueu súbito a cabeça, voltou-a pro lado, esperando, olhos baixos.
- c) Estavam acostumados a falar baixo.
- d) Conversamos por alguns minutos, mas tão abafado que nem as paredes ouviram.
- e) Sim, havíamos de ter um oratório bonito, alto, de jacarandá.

195) (Fuvest-2002) Talvez pareça excessivo o escrúpulo do Cotrim, a quem não souber que ele possuía um caráter ferozmente honrado. Eu mesmo fui injusto com ele durante os anos que se seguiram ao inventário de meu pai. Reconheço que era um modelo. Argüiam-no de avareza, e cuido que tinham razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o deficit. Como era muito seco de maneiras tinha inimigos, que chegavam a acusá-lo de bárbaro. O único fato alegado neste particular era o de mandar com freqüência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais.

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*)

O efeito expressivo obtido em “ferozmente honrado” resulta de uma inesperada associação de advérbio com adjetivo, que também se verifica em:

- a) sorriso maliciosamente inocente.
- b) formas graciosamente curvas.
- c) sistema singularmente espantoso.
- d) opinião simplesmente abusada.
- e) expressão profundamente abatida.

196) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.

- a) "Por que os namorados preferem andar só, detestando as companhias?"
- b) "Seu preparo e honestidade rara fizeram dele um funcionário invejado."

197) (ITA-2000) Filme bom é filme antigo? Lógico que não, mas “A Múmia”, de 1932, põe a frase em xeque. Sua refilmagem, com Brendan Fraser no elenco, ainda corre nos cinemas brasileiros, repleta de humor e efeitos visuais.

Na de Karl Freund, há a vantagem de Boris Karloff no papel-título, compondo uma múmia aterrorizadora, fiel ao terror dos anos 30.

Apesar de alguma precariedade, lança um clima de mistério que a versão 1999 não conseguiu, tal a ênfase dada à embalagem. Daí “nem sempre cinema bom são efeitos especiais” deveria ser a tal frase. (PSL)

A precária e misteriosa múmia de 32, *Folha de S. Paulo*, Caderno Ilustrada, 4/8/1999.)

Em: “**tal** a ênfase dada à embalagem” e “deveria ser **a tal** frase”, os termos em destaque nas duas frases podem ser substituídos, respectivamente, por:

- a) semelhante; aquela.
- b) tamanha; essa.
- c) tamanha; aquela.
- d) semelhante; essa.
- e) essa; aquela.

198) (Mack-2002) Na semana passada, ouvi uma senhora suspirar: - “Tudo anda tão confuso!”. E, de fato, o homem moderno é um pobre ser dilacerado de perplexidades.

Nunca se duvidou tanto. Outro dia, um diplomata português perguntou se a mulher bonita era realmente bonita. Respondi-lhe: - “Às vezes”.

Já escrevi umas cinquenta vezes que a grã-fina é a falsa bonita. Seu penteado, seus cílios, seus vestidos, seu decote, sua maquiagem, suas jóias - tudo isso não passa de uma minuciosa montagem. E se olharmos bem, veremos que sua beleza é uma fraude admirável. Todos se iludem, menos a própria. No terreno baldio, e sem testemunhas, ela há de reconhecer que apenas realiza uma imitação de beleza.

Portanto, a pergunta do diplomata português tem seu cabimento. E minha resposta também foi justa. Às vezes, a mulher bonita não é bonita, como a grã-fina. Mesmo as que são bem-dotadas fisicamente têm suas dúvidas.

Crônica de Nelson Rodrigues

Assinale a alternativa correta sobre o último parágrafo do texto.

- a) Se o texto se referisse a homem bonito estaria correta a expressão como o grão-fino.
- b) O uso de também indica que o cronista considera justa a pergunta do diplomata português.
- c) Está subentendido o segmento destacado em: como a grã-fina **poderia ser bonita**.
- d) Portanto introduz uma explicação relativa ao que se afirma na oração anterior.
- e) Em seu cabimento, o pronome expressa posse relativa ao diplomata português.

199) (Mack-2004) Há no Brasil grandíssimas matas de árvores agrestes, cedros, carvalhos, vinháticos, angelins e outras não conhecidas em Espanha, de madeiras fortíssimas para se poderem fazer delas fortíssimos galeões e, o que mais é, que da casca de algumas se tira a estopa para se calafetarem e fazerem cordas para enxárcia e amarras, do que tudo se aproveitam os que querem cá fazer navios, e se pudera aproveitar el-rei se cá os mandara fazer.

**Obs.:** enxárcia - conjunto de cabos e degraus roliços feitos de cabo (‘corda’), madeira ou ferro, que sustentam mastros de embarcações a vela

Assinale a afirmação correta.

- a) Na caracterização de espécies vegetais brasileiras, a Espanha foi tomada como referência.
- b) A relação entre fortíssimo e “muito forte” é a mesma que entre “bom” e “muito bom”.
- c) Em **de algumas** se tira a estopa, a expressão em negrito é complemento agente da passiva.
- d) É coerente com o texto a afirmação: “de tudo se aproveitam não só os envolvidos com objetos navais, como também os ocupados com cordas para enxárcia e amarras”.
- e) Em da casca de algumas se tira a estopa, está presente a idéia de que o benefício advém da totalidade das espécies vegetais.

200) (Mack-2006) Origem, nascimento e batizado Era no tempo do Rei [...].

Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isso uma declaração em

forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado [...].

[...] meses depois teve a Maria um filho, formidável menino [...], o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história.

*Manuel Antônio de Almeida*— Memórias de um sargento de milícias

No texto,

a) o uso simultâneo de sapatão (aumentativo) (linha 03) e pisadela (diminutivo) (linha 03) reforça a idéia de que Leonardo fingia distração.

b) **como** envergonhada (linha 04) corresponde a uma intensificação do adjetivo, já que a forma destacada é sinônima de “muito”.

c) valente (linha 03) e tremendo (linha 05) podem ser entendidos, respectivamente, como “vigorosa” e “vigoroso”.

d) cerrado (linha 06) sintetiza a circunstância de que o casal guardava suas manifestações de afeto para os ambientes reservados, isolados.

e) formidável (linha 07) é usado de forma irônica, pois o menino, ao nascer, revelou comportamento normal e previsível.

#### 201) (UECE-2002) Texto: IRACEMA

Além, muito além daquela serra que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como o seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

(José de Alencar)

O objetivo principal do texto é caracterizar Iracema. Essa intenção se materializa pelo(a)

- I. uso de formas verbais de aspecto durativo
- II. predominância de verbos no pretérito perfeito do indicativo
- III. emprego de adjetivos e orações relativas

É correto o que se afirma

- a) em I e II
- b) em I e III
- c) em I, II e III
- d) apenas em III

202) (UECE-1996) A flexão nominal está correta em:

- a) assistência MÉDICA-OFTALMOLÓGICA.
- b) informações HISTÓRICO-CULTURAIS.
- c) questões JURÍDICAS-POLÍTICAS.
- d) sapatos BRANCO-GELOS.

203) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Elas ficaram ..... impressionadas com seus poderes ..... .

- a) meio - supra-sensoriais.
- b) meias - supras-sensoriais.
- c) meio - supras-sensoriais.
- d) meias- supra-sensorial.
- e) meio - supra-sensorial.

#### 204) (UFAC-1997) O PRIMO

Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito. (Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

"...o primo Euzébio lhe fizera mal..." Nessa frase, a palavra mal está escrita com "l". Há, porém, situações em que ela também pode ser escrita com "u". Observe as frases abaixo e, em seguida, assinale a alternativa cuja seqüência preencha adequadamente os espaços em branco.

- Para Santina, Euzébio foi um homem \_\_\_\_.
- Segundo o narrador, Bento fez um \_\_\_\_ casamento.
- Bento recebeu muito \_\_\_\_ a revelação de Santina. \_\_\_\_ ouviu a revelação de Santina, Bento decidiu separar-se.

- a) mau / mal / mal / Mau
- b) mau / mal / mau / Mal
- c) mal / mau / mal / Mau
- d) mal / mal / mau / Mau
- e) mau / mau / mal / Mal

205) (UFC-2002) “Erraste acreditando no mal, erraste acreditando no bem, que te mostraram tuas duas lunetas, que exageraram o mal e o bem, ostentando cada uma o exclusivismo falaz do seu encantamento especial.

Assinale a alternativa em que o termo grifado tem o mesmo significado de falaz

- a) A felicidade do ser humano parece fugaz.
- b) O individualismo das pessoas é transitório.
- c) É enganoso achar que o homem sincero é feliz.



- d) Parece ingênuo achar que todos nascem felizes.  
 e) É absurdo acreditar que a criação divina é única

**206) (UFPB-2006) Pudor** (Fragmento)

Certas palavras nos dão a impressão de que voam, ao saírem da boca. “Sífide”, por exemplo. É dizer “Sífide” e ficar vendo suas evoluções no ar, como as de uma borboleta. Não tem nada a ver com o que a palavra significa. “Sífide”, eu sei, é o feminino de “silfo”, o espírito do ar, e quer mesmo dizer uma coisa diáfana, leve, borboleteante. Mas experimente dizer “silfo”. Não voou, certo? Ao contrário da sua mulher, “silfo” não voa. Tem o alcance máximo de uma cuspida. “Silfo”, zupt, ploft. A própria palavra “borboleta” não voa, ou voa mal. Bate as asas, tenta se manter aérea mas choca-se contra a parede. Sempre achei que a palavra mais bonita da língua portuguesa é “sobrancelha”. Esta não voa mas paira no ar, como a neblina das manhãs até ser desmanchada pelo sol. Já a terrível palavra “seborréia” escorre pelos cantos da boca e pinga no tapete. [...]

(VERISSIMO, Luis Fernando. **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 69).

Considere as expressões abaixo:

- I. *“certas palavras”* (linha 1)  
 II. *“coisa diáfana”* (linha 7)  
 III. *“alcance máximo”* (linha 10)

Invertendo-se, em cada uma delas, a ordem da palavra destacada, ocorrerá alteração de sentido, apenas em:

- a) I  
 b) II  
 c) III  
 d) I e II  
 e) I e III

**207) (UFPB-2006) TEXTO I**

**Amor**

AS CORTINAS DA JANELA cerraram-se; Cecília tinha-se deitado.

Junto da inocente menina, adormecida na isenção de sua alma pura e virgem, velavam três sentimentos profundos, palpitavam três corações bem diferentes.

Em Loredano, o aventureiro de baixa extração, esse sentimento era um desejo ardente, uma sede de gozo, uma febre que lhe requeimava o sangue; o instinto brutal dessa natureza vigorosa era ainda aumentado pela impossibilidade moral que a sua condição criava, pela

barreira que se elevava entre ele, pobre colono, e a filha de D. Antônio de Mariz, rico fidalgo de solar e brasão. Para destruir esta barreira e igualar as posições, seria necessário um acontecimento extraordinário, um fato que alterasse completamente as leis da sociedade naquele tempo mais rigorosas do que hoje; era precisa uma dessas situações à face das quais os indivíduos, qualquer que seja a sua hierarquia, nobres e párias, nivelam-se; e descem ou sobem à condição de homens.

O aventureiro compreendia isto; talvez que o seu espírito italiano já tivesse sondado o alcance dessa idéia; em todo o caso o que afirmamos é que ele esperava, e esperando vigiava o seu tesouro com um zelo e uma constância a toda a prova; os vinte dias que passara no Rio de Janeiro tinham sido verdadeiro suplício.

Em Álvaro, cavalheiro delicado e cortês, o sentimento era uma afeição nobre e pura, cheia da graciosa timidez que perfuma as primeiras flores do coração, e do entusiasmo cavalheiresco que tanta poesia dava aos amores daquele tempo de crença e lealdade.

Sentir-se perto de Cecília, vê-la e trocar alguma palavra a custo balbuciada, corarem ambos sem saberem por quê, e fugirem desejando encontrar-se, era toda a história desse afeto inocente, que se entregava descuidosamente ao futuro, librando-se nas asas da esperança.

Nessa noite Álvaro ia dar um passo que na sua habitual timidez, ele comparava quase com um pedido formal de casamento; tinha resolvido fazer a moça aceitar malgrado seu o mimo que recusara, deitando-o na sua janela; esperava que encontrando-o no dia seguinte, Cecília lhe perdoaria o seu ardimento, e conservaria a sua prenda. Em Peri o sentimento era um culto, espécie de idolatria fanática, na qual não entrava um só pensamento de egoísmo; amava Cecília não para sentir um prazer ou ter uma satisfação, mas para dedicar-se inteiramente a ela, para cumprir o menor dos seus desejos, para evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse imediatamente uma realidade.

Ao contrário dos outros ele não estava ali, nem por um ciúme inquieto, nem por uma esperança risonha; arrostava a morte unicamente para ver se Cecília estava contente, feliz e alegre; se não desejava alguma coisa que ele adivinharia no seu rosto, e iria buscar nessa mesma noite, nesse mesmo instante.

Assim o amor se transformava tão completamente nessas organizações, que apresentava três sentimentos bem distintos: um era uma loucura, o outro uma paixão, o último uma religião.

(ALENCAR, José de. **O Guarani**. São Paulo: FTD, 1999, p. 78-79)

**GLOSSÁRIO**

isentar: livrar, dispensar, desobrigar.

extração: nascimento, origem.

párias: homens excluídos da sociedade.

balbuciar: articular imperfeitamente e com hesitação.

Considere o fragmento:

*“Ao contrário dos outros ele não estava ali, nem por um ciúme inquieto, nem por uma esperança risonha;”* (linha 29).

As expressões **ciúme inquieto** e **esperança risonha** referem-se, respectivamente, a

- I. Álvaro e Loredano, que, mesmo enciumados, devotavam seu amor a Cecília.
- II. Loredano e Peri, que temiam o assédio de Álvaro, mas confiavam no sucesso de seus planos.
- III. Loredano e Álvaro, que revelam sentimentos distintos em relação a Cecília.

Está(ão) correta(s) apenas:

- a) I
- b) II
- c) III
- d) I e II
- e) I e III

**208) (UNICAMP-2006)** O trecho abaixo corresponde ao desfecho do conto *A causa secreta*, de Machado de Assis: ... Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver, mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões\*, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranqüilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa. (Machado de Assis, *“A causa secreta”*, em *Obra Completa*, Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, p. 519.)

\*em borbotões: em jorros, em grande quantidade

- a) Explique a reação de Garcia diante do cadáver.
- b) Explique a repetição do adjetivo ‘longa’ no desfecho do conto.
- c) Que relação há entre a atitude de Fortunato e o poema *Suave mari magno*?

**209) (Vunesp-2002)** Jeca Tatu

Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivía na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e de vários filhinhos pálidos e tristes.

Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha a idéia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto corria um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo.

Dava pena ver a miséria do casebre. Nem móveis, nem roupas, nem nada que significasse comodidade. Um banquinho de três pernas, umas peneiras furadas, a espingardinha de carregar pela boca, muito ordinária, e só. Todos que passavam por ali murmuravam:

- Que grandíssimo preguiçoso!

[...]

Jeca só queria beber pinga e espichar-se ao sol no terreiro. Ali ficava horas, com o cachorrinho rente; cochilando. A vida que rodasse, o mato que crescesse na roça, a casa que caísse. Jeca não queria saber de nada. Trabalhar não era com ele.

Perto morava um italiano já bastante arranjado, mas que ainda assim trabalhava o dia inteiro. Por que Jeca não fazia o mesmo?

Quando lhe perguntavam isso, ele dizia:

- Não paga a pena plantar. A formiga come tudo.

- Mas como é que o seu vizinho italiano não tem formiga no sítio?

- É que ele mata.

- E por que você não faz o mesmo?

Jeca coçava a cabeça, cuspiu por entre os dentes e vinha sempre com a mesma história:

- Quá! Não paga a pena...

- Além de preguiçoso, bêbado; e além de bêbado, idiota, era o que todos diziam.

(MONTEIRO LOBATO. *Jeca Tatu*. In: *Obras completas de Monteiro Lobato*. Vol 8. São Paulo: Editora Brasiliense Limitada, 1951, p. 329-331.)

Juca Mulato

Juca Mulato pensa: a vida era-lhe um nada...

Uns alqueires de chão; o cabo de uma enxada;

um cavalo pigarço; uma pinga da boa;

o cafezal verdoengo; o sol quente e inclemente...

Nessa noite, porém, parece-lhe mais quente, o olhar indiferente,

da filha da patroa...

“Vamos, Juca Mulato, estás doido?” Entretanto,

tem a noite lunar arrepios de susto;

parece respirar a fronde de um arbusto,

o ar é como um bafo, a água corrente, um pranto.

Tudo cria uma vida espiritual, violenta.

O ar morno lhe fala; o aroma suave o tenta...

“Que diabo!” Volve aos céus as pupilas, à toa,

e vê, na lua, o olhar da filha da patroa...

Olha a mata; lá está! o horizonte lho esboça;

presente-o em cada moita; enxerga-o em cada poça;

e ele vibra, e ele sonha, e ele anseia, impotente,

esse olhar que passou, longínquo e indiferente!

Juca Mulato cisma. Olha a lua e estremece.

Dentro dele um desejo abre-se em flor e cresce

e ele pensa, ao sentir esses sonhos ignotos,

que a alma é como uma planta, os sonhos, como brotos, vão rebentando nela e se abrindo em floradas...

Franjam de ouro, o ocidente, as chamas das queimadas. (MENOTTI DEL PICCHIA, Paulo. Poemas. 6ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954, p. 20-21.)

Com um discurso narrativo simples e objetivo, o narrador de Jeca Tatu nos fornece, no trecho citado, um retrato bem definido da situação vivida pela personagem em seu meio. Releia atentamente o trecho e, a seguir, a) levando em consideração as informações do narrador, avalie a atuação de Jeca Tatu como proprietário rural; b) indique dois adjetivos empregados no texto que sintetizam a opinião que as outras pessoas tinham sobre Jeca Tatu.

**210) (Vunesp-2003)** A questão abaixo toma por base um fragmento da Poética, do filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.), um fragmento de Corte na Aldeia, do poeta clássico português Francisco Rodrigues Lobo (1580-1622), e um fragmento de uma crônica do escritor realista brasileiro Machado de Assis (1839-1908).

#### Poética

Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa), - diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. Por “referir-se ao universal” entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convêm a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia, ainda que dê nomes aos seus personagens; particular, pelo contrário, é o que fez Alcibíades ou o que lhe aconteceu. (Aristóteles, Poética)

#### Corte na Aldeia

- A minha inclinação em matéria de livros (disse ele), de todos os que estão presentes é bem conhecida; somente poderei dar agora de novo a razão dela. Sou particularmente afeiçoado a livros de história verdadeira, e, mais que às outras, às do Reino em que vivo e da terra onde nasci; dos Reis e Príncipes que teve; das mudanças que nele fez o tempo e a fortuna; das guerras, batalhas e ocasiões que nele houve; dos homens insígnies, que, pelo discurso dos anos, floresceram; das nobrezas e brasões que por armas, letras, ou privança se adquiriram. [...]

- Vós, senhor Doutor (disse Solino) achareis isso nos vossos cartapácios; mas eu ainda estou contumaz. Primeiramente, nas histórias a que chamam verdadeiras, cada um mente segundo lhe convém, ou a quem o informou, ou favoreceu para mentir; porque se não forem estas tintas, é tudo tão misturado que não há pano sem nódoa, nem légua sem mau caminho. No livro fingido contam-se as cousas como era bem que fossem e não como sucederam, e assim são mais aperfeiçoadas. Descreve o cavaleiro como era bem que os houvesse, as damas quão castas, os Reis quão justos, os amores quão verdadeiros, os extremos quão grandes, as leis, as cortesias, o trato tão conforme com a razão. E assim não lereis livro em o qual se não destruíam soberbos, favoreçam humildes, amparem fracos, sirvam donzelas, se cumpram palavras, guardem juramentos e satisfaçam boas obras. [...]

Muito festejaram todos o conto, e logo prosseguiu o Doutor:

- Tão bem fingidas podem ser as histórias que merecem mais louvor que as verdadeiras; mas há poucas que o sejam; que a fábula bem escrita (como diz Santo Ambrósio), ainda que não tenha força de verdade, tem uma ordem de razão, em que se podem manifestar as cousas verdadeiras.

(Francisco Rodrigues Lobo, Corte na Aldeia)

#### Crônica

(15.03.1877)

Mais dia menos dia, demito-me deste lugar. Um historiador de quinzena, que passa os dias no fundo de um gabinete escuro e solitário, que não vai às touradas, às câmaras, à rua do Ouvidor, um historiador assim é um puro contador de histórias.

E repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa. Um contador de histórias é justamente o contrário de historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença? Simples, leitor, nada mais simples. O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só fantasiar. O certo é que se eu quiser dar uma descrição verídica da tourada de domingo passado, não poderei, porque não a vi.

[...]

(Joaquim Maria Machado de Assis, História de Quinze Dias. In: Crônicas)

No trecho de Corte na Aldeia, focaliza-se uma discussão sobre dois conceitos - o de história verdadeira, defendido pela personagem “Doutor”, e o de história fingida (livro fingido), defendido pela personagem “Solino”. Depois de ler o trecho atentamente,

a) estabeleça, segundo as noções de cada interlocutor, o que querem dizer com história verdadeira e história fingida;

b) aponte dois adjetivos da fala de Solino cujo significado comprova o fato de a personagem utilizar, entre outros, o critério moral para defender seu ponto de vista.

211) (VUNESP-2006) Alojado há sete meses no topo da lista dos mais vendidos de Veja, e na verdade um best-seller mundial, o romance O Código Da Vinci, do americano Dan Brown, é uma trama envolvente de mistério, um engenhoso apanhado de enigmas esotéricos e teorias conspiratórias sobre temas como a Ordem dos Templários e a natureza do Santo Graal. É acima de tudo, apesar de a figura dele não aparecer no romance, um sinal do inesgotável interesse despertado por um homem: Leonardo da Vinci (1452-1519). Por certo não foi à toa que Brown resolveu mencionar, já no título de seu romance, o criador renascentista. Leonardo causou assombro em seu tempo e continua a fazê-lo até hoje. Há mais de 1 milhão de páginas na internet dedicadas a esse personagem. A livraria virtual Amazon tem 9 900 livros sobre da Vinci. Sua versatilidade era espantosa. Leonardo foi engenheiro, escritor, cientista, músico, arquiteto, escultor. Foi o melhor de seu tempo em quase todos esses campos. Foi o melhor de todos os tempos na pintura.  
(Veja, 27.10.2004.)

O ponto de vista do enunciador de um texto pode ser avaliado pela natureza dos termos de que se utiliza ao construí-lo. No fragmento de Veja, por exemplo, os adjetivos desvelam claramente a posição do enunciador, com respeito ao tema central nele exposto — a obra de Dan Brown e a figura de Leonardo da Vinci. A partir dessa idéia,

- a) explicita se o ponto de vista do enunciador é favorável ou desfavorável, em relação ao tema;
- b) destaque três adjetivos, ao longo do texto, que ilustrem o ponto de vista do enunciador.

## GABARITO

- 1) Alternativa: A
- 2) Alternativa: E
- 3) Alternativa: A
- 4) V  
V  
F  
F  
F
- 5) Alternativa: A
- 6) Alternativa: sem resposta
- 7) Alternativa: D
- 8) Alternativa: A
- 9) Alternativa: E
- 10) Alternativa: D
- 11) Alternativa: B
- 12) Alternativa: E
- 13) Alternativa: A
- 14) Alternativa: A
- 15) Alternativa: B
- 16) Alternativa: B
- 17) O uso do presente tem como finalidade criar a impressão que o relato é simultâneo ao momento em que a ovelhinha faz sua defesa, o que valoriza a defesa da ovelhinha.
- 18) a) gaviões-de-penacho.  
b) espostejaram-nas.
- 19) O Pretérito-mais-que-perfeito indica um fato anterior a um fato no passado. No caso, a ação de furtar é posicionada em um momento anterior ao do julgamento.
- 20) Amanhã, quando os candidatos **vierem** (VIR) ao nosso bairro e **virem** (VER) a pobreza em que **vivem** (VIVER), hoje, as nossas famílias, **sentirão** (SENTIR) o nosso drama e, certamente, **farão** (FAZER) suas promessas; se

**mantiverem** (MANTER) a palavra, **atender-nos-ão** (ATENDER + NOS) logo e não **nos decepcionarão** (DECEPCIONAR-NOS).

21) O Pretérito Perfeito do Indicativo pode ser usado para denotar um fato situado no passado, mas como processo, ou seja, algo ainda não concluído. No texto, a idéia de seguir ocorre simultaneamente a outras ações, como *tagarelavam*, que estavam em andamento.

22) A frase não é adequada ao padrão culto, uma vez que o verbo precaver é defectivo, só existindo nas formas arrizotônicas. Portanto, será necessário substituir a forma verbal precavenham por um sinônimo, tal como **acautelem-se** ou **tomem cuidado**. Assim, alguma formas possíveis são:

É bom que vocês tomem cuidado com eles.  
É bom que vocês se acautelem deles.

23) Alternativa: D

24) Alternativa: C

25) Se você **vier** (vir) à exposição e se **dispuser** (dispor) a visitar o terceiro andar, poderá notar duas fotos iluminadas. Quando as **vir** (ver), observe seus efeitos de luz e sombra. Para bem comparar a técnica utilizada, será conveniente que você **se mantenha** (manter-se) a uma boa distância. Se isso não **satisfizer** (satisfazer) sua curiosidade, poderá adotar outra perspectiva.

26) a) Quanto à eficiência, ele é ótimo.

b) Este funcionário não é adequado ao perfil da empresa.

c) Durante a entrevista, ele afirmou que a questão salarial seria adiada.

d) Na próxima semana, enviaremos nosso programa de atividades a todos os associados.

27) Alternativa: C

28) Ansiosos vir a

29) Requereram  
beneficência

30) A par  
interveio

31) Trata  
Deve  
empecilhos

32)  
Houve - estereótipo

33) Procuram-se - assessores - seção

- 34) 1-antevir
- 2- reouver
- 3-provir/ser proveniente
- 4-mantiver
- 5-intervim
- 6-intervieram
- 7-interviesse
- 8-intervier
- 9-contiver
- 10-propuserem

35) Se era prolixo, facilmente ultrapassaria a hora. Se a notícia pretende dizer que ele passou do tempo, deveria ser composta assim: “ Como era prolixo, o orador ultrapassou o tempo previsto.” Ou  
Porque era...  
Por ser ...

- 36)
- 1) fizesse
  - 2) transpuser
  - 3) transpusesse
  - 4) detiver
  - 5) vá

37) O futuro composto do indicativo é usado para indicar um evento anterior a outro, expresso pelo futuro do subjuntivo.  
Exemplo: Quando chegarmos ao estádio, a fila já terá dado duas voltas no quarteirão.

38) Alternativa: C

39) Alternativa: A

40) Alternativa: D

41) Alternativa: B

42) a) Em "a língua foi perdendo e ganhando", a locução verbal indica a ação pretérita em processo, em continuidade. Trata-se, pois, de uma expressão dinâmica.  
b) Em "a língua perdeu e ganhou" a ação, pretérita, é apresentada como concluída. Trata-se de um tempo em que o processo verbal é dado como encerrado.

43) Seria preciso que não houvesse palavras que ninguém empregasse.

- 44) a) A locução verbal é haviam sido empurrados.
- b) A oração está na voz passiva analítica.
- c) O verbo principal é empurrar.

45) a) Em “Quer ser o próximo?”, a forma verbal “quer” está na terceira pessoa singular do presente do indicativo. O sujeito subentendido (oculto) é “você” ou “o senhor”. Já em “Então vem para a X Consórcios” a forma verbal “vem” está na segunda pessoa singular do imperativo afirmativo, tendo, pois, como sujeito subentendido (oculto) o pronome “tu”.

b) Como na seqüência do texto aparece o pronome de tratamento “você”, que pede terceira pessoa do singular, a compatibilização das formas verbais se faz colocando também o verbo “vir” na terceira pessoa do singular: *Quer ser o próximo? Então **venha** para a X Consórcios.*

46) A conjugação do verbo rodear - “rodeam” - não está de acordo com a norma culta escrita. Nas formas rizotônicas dos verbos terminados em -ear, utiliza-se a vogal -i, formando ditongo. Por isso a forma correta desse verbo na terceira pessoa do plural é rodeiam.

47) O texto 1 é construído de forma narrativo-descritiva. O objetivo é criar o efeito de realidade para que se reconstitua na mente do leitor o que de fato aconteceu. Para isso se faz uso de verbos no pretérito perfeito (“alcançou”, “enxergou”, “deixou”), indicando ações pontuais, ou no pretérito imperfeito (“jogavam”, “batiam”, “trotava”), indicando ações habituais ou reiteradas. Os substantivos são concretos e, em sua maior parte, qualificados por adjetivos de natureza sensorial, predominantemente visual: “pátio”, “casa baixa e escura”, “telhas pretas”, “juazeiros”, “pedras”, “cobras mortas”, “carro de bois”, “alpercatas”, “chão branco e liso” e “boca aberta”. No texto 2, a cachorra Baleia, que no texto 1 era apenas um elemento do conjunto, passa a ser tratada como uma “pessoa”, que tem “sonhos” e aspirações (processo de personificação). O narrador onisciente quer exprimir os desejos e devaneios da “personagem”. O texto cria, então, uma atmosfera de quimera, quase surrealista. Para isso concorrem as formas verbais, em geral do futuro do pretérito (“acordaria”, “lamberia”, “espojariam”, “rolariam” e “ficaria”), tudo isso da perspectiva de um passado indefinido, apresentado como imperfeito do indicativo: “queria”. A repetição insistente do adjetivo “enorme”, aplicado aos mais diversos seres (“mãos de Fabiano”, “pátio”, “chiqueiro” e “preás”) veicula a idéia de obsessão por um lugar utópico de plena liberdade. Associadas à idéia de enormidade, vêm as idéias de plenitude (“cheio de preás”) e de abundância, fartura (“preás, gordos e enormes”).

48) Alternativa: A

49) Alternativa: B

50) Alternativa: D

51) Alternativa: C

52) Alternativa: A

53) Alternativa: D

54) a) O Pretérito Perfeito indica o aspecto pontual das ações. O Pretérito Imperfeito indica ações menos pontuais, mais durativas.

b) O Futuro do Pretérito inicia um novo momento, em que se passa para um mundo idealizado, de sonho e, portanto, uma possibilidade.

55) Alternativa: B

56) a) Quem gosta de samba bom sujeito é bom da cabeça ou são/sadio do pé  
b) Eu **provim** do samba no samba **convivi**

57) Alternativa: A

58) Alternativa: A

59) Alternativa: D

60) Alternativa: E

61) Alternativa: C

62) Alternativa: D

63) a) E eu, menos a conhecesse mais a amaria?

b) estou, fico cego [estado no presente] / o que será uma estrela? [dúvida]

64) a) O texto relata transformações na condição feminina: antes, as mulheres trabalhavam em casa, em afazeres domésticos, desempenhando o papel de cuidar “do lar”; depois, passaram a trabalhar fora, assumindo outros papéis sociais. Apesar dessas mudanças de sua condição objetiva, do ponto de vista subjetivo não se processou nenhuma alteração substancial, uma vez que não se transformou a natureza das mulheres. Antes, “às seis da tarde”, elas choravam, com ou sem motivo, “porque o pranto subia garganta acima”. Depois, no mesmo horário, “elas não podem/não querem/ chorar na condução”. No plano da aparência (plano do parecer), tem-se a impressão de que houve uma transformação em sua subjetividade; no plano da essência (plano do ser), contudo, não é isso o que ocorre: elas não choram na condução, o que implica

dizer não que não choram mais, mas que não podem fazê-lo por estarem em público.

b) Não. Os verbos no imperfeito do indicativo expressam ações repetidas no passado, revelando práticas habituais da mulher, as quais lhe conferiam dada natureza. Os verbos no presente do indicativo também manifestam ações recorrentes, práticas que se repetem caracterizando a nova condição feminina: não se trata de um presente pontual, mas freqüentativo, de validade indeterminada: as ações enunciadas valerão até que nova transformação se processe (os verbos ora conjugados no presente serão conjugados, então, no imperfeito, e os novos fatos, enunciados no presente).

65) Alternativa: C

66) a) A expressão “mistério da floresta” figurativiza um fato qualquer que, não veiculado pela mídia, é como se simplesmente não tivesse existência e, portanto, não provoca nenhuma repercussão política. Já “problema mundial” sugere um evento que, mediado pela imprensa, ganha existência para o público e, assim, repercussão mundial.

b) Se 20 índios **fossem assassinados** e ninguém **ouvisse** falar, o crime não **se tornaria** um fato político. Caso **aparecesse** na televisão, o que **teria sido** um mistério da floresta **se tornaria** um problema mundial.

67) Alternativa: E

68) Alternativa: C

69) Alternativa: C

70) Alternativa: D

71) Alternativa: D

72) Alternativa: B

73) Alternativa: C

74) Alternativa: C

75) Alternativa: C

76) Alternativa: A

77) Alternativa: A

78) Alternativa: B

79) Alternativa: B

80) Alternativa: D

- 81) a) "A polícia não interveio a tempo de evitar o roubo." Intervir é formado pelo verbo VIR e se conjuga como ele;
- b) "Havia bastantes razões para confiarmos no teu amigo." Bastante é adjetivo de razões e deve concordar esse substantivo.
- 82) a) "Se você requeresse e o seu amigo interviesse, talvez você reouvresse esses bens."
- Intervir se conjuga pelo verbo vir  
Reaver se conjuga pelo verbo haver, nas formas em que haver tem a letra V.
- b) " Há algum tempo, São Paulo era quase uma província." Verbo haver para indicar tempo passado quase é a ortografia correta paroxítona terminada em ditongo oral é acentuada
- 83) a) Enviamos anexos os dados solicitados por V. Sa. e nos colocamos à sua inteira disposição para quaisquer outros pedidos."  
Anexos - adjetivo tem plural  
V. Sa - pronome de tratamento, 3ª pessoa  
Quaisquer , acompanhando pedidos - plural de qualquer
- b) "O diretor havia aceitado a tarefa de reformar a escola." Com o verbo haver usa-se o particípio passado regular
- 84) Alternativa: A
- 85) Alternativa: A
- 86) Alternativa: C
- 87) Alternativa: A
- 88) Alternativa: A
- 89) Alternativa: A
- 90) Alternativa: A
- 91) Alternativa: C
- 92) Alternativa: B
- 93) Alternativa: A
- 94) Alternativa: A
- 95) Alternativa: A
- 96) Alternativa: B
- 97) Alternativa: E
- 98) Alternativa: D
- 99) Alternativa: A
- 100) Alternativa: E
- 101) Alternativa: E
- 102) Alternativa: E
- 103) Alternativa: B
- 104) Alternativa: B
- 105) Alternativa: D
- 106) Alternativa: C
- 107) Alternativa: C
- 108) Alternativa: D
- 109) Alternativa: D
- 110) Alternativa: D
- 111) Alternativa: B
- 112) Alternativa: B
- 113) Alternativa: A
- 114) Alternativa: C
- 115) Alternativa: A
- 116) Alternativa: B
- 117) Alternativa: A
- 118) Alternativa: B
- 119) Alternativa: C
- 120) Alternativa: C
- 121) Alternativa: C
- 122) Alternativa: A
- 123) Alternativa: A
- 124) a) Predizer



Desdizer  
Contradizer  
Bendizer  
Maldizer

b) Não me contradiga.

Ele predisse meu futuro.

Bendigo o dia de hoje.

Ele se desdisse, pedindo desculpas.

125) Alternativa: A

126) Alternativa: B

127) a) Nos verbos empregados no imperativo em ambos os poemas, depreende-se uma exortação, incitação, estímulo a **não nos afastarmos** e a **irmos de mãos dadas** (texto I) e a **crermos** (fragmento de Castro Alves) em mudanças possíveis.

b) Em ambos os poemas, depreende-se um convite aos leitores para efetivarem uma ação social, em concordância com as idéias de união em torno de um projeto.

128) F

F

C

129) Alternativa: B

130) Alternativa: B

131) Alternativa: D

132) a)

comprão / pegala / dirija-se  
mossa / escriptorio / duvida

b)

compram / pegá-la / dirigir-se  
moça / escritório / dúvida

133) Os tempos verbais empregados são o presente e o futuro do pretérito. O primeiro expressa a experiência concretizada pelo eu poético e o segundo expressa a experiência projetada, a hipótese, o desejo.

134) a) Susanita quis dizer que zero era muita nota para Manolito. Isso fica evidente na fala "Tanto assim?". Já Manolito entende o oposto, ou seja, que Susanita achava a professora injusta por dar a ele nota muito baixa.

b) Há duas possibilidades, uma com a 2ª pessoa do singular (tu), outra com a 3ª do singular (você)

na segunda pessoa: "Imagina só, te dar zero! Tua professora está louca!"

na terceira pessoa: "Imagine só, lhe dar zero! Sua professora está louca!"

135) a) **Eu**, Camacã, **conquistei**-o no dia em que **escolhi** por esposa Jaçanã, a virgem dos olhos de fogo, em cujo seio te gerou **meu** primeiro sangue. Ainda hoje, apesar da velhice que **me** mirrou o corpo, nenhum guerreiro ousaria disputar o grande arco a **mim**, o velho chefe ...

b) A forma **do qual** (e suas flexões).

No padrão culto, fazendo a alteração, teríamos: *a virgem dos olhos de fogo, no seio **da qual** te gerou seu primeiro sangue.*

136) Alternativa: C

137) Alternativa: D

138) a) Esta frase comprova que a narradora, depois da surra que levou por ter pedido um abacate a um homem na rua, ficou muitos anos sentindo nojo, repugnância por essa fruta.

b) Durante muito tempo senti repugnância por essa fruta.

139) Alternativa: C

140) Alternativa: B

141) Alternativa: D

142) Alternativa: C

143) a) Porque não usa formas verbais menos comuns, como o mais-que-perfeito. Há várias possibilidades para o autor ter utilizado essa forma, mas, principalmente, o fato de ambas as formas serem equivalentes semanticamente e a forma composta ser mais comum e, portanto, de mais fácil entendimento, o que aproximaria o autor de seu público.

b) O verbo aspirar, no contexto, significa *desejar, querer, pretender, almejar.*

144) a) Só com muita paixão é possível fazer o que mil exércitos não CONSEGUIRAM: conquistar Atenas. A Brasil Telecom parabeniza e agradece a seus atletas patrocinados por terem chegado a Atenas e PODEREM proporcionar o sonho de vitória a todos os brasileiros.

b) O filme *O Dia depois de Amanhã* retrata não só uma ficção, mas uma realidade do que será nosso planeta caso não HAJA uma preocupação maior por parte dos governantes de se PROPOREM a fazer uma política de preservação ambiental, e não apenas TEREM ambições econômicas.

145) Resposta: 3

146) Nessa frase, o presente do indicativo tem valor de futuro. Além disso, sugerir, que pediria subjuntivo, neste caso específico significa 'dar indicações', aceitando assim o indicativo. A frase é equivalente a: *Lula dá sinais de que Walfrido e Agnelo ficarão no Ministério.*

147) a) À Guerra de Independência de Angola, que opôs a guerrilha local ao exército português, que mantinha o país sob jugo colonial desde o século XVI.

b) A narrativa da guerra se dá em *flash-back*. O trauma das experiências vividas pelo narrador no campo de batalha não foi ainda superado, continuando a atormentá-lo no momento em que as expõe. Para demarcar a persistência dessas lembranças, emprega-se o presente verbal, conseguindo o efeito de envolver o leitor na situação narrada.

c) O narrador se utiliza principalmente do recurso da metáfora, presente no trecho em expressões como "um centímetro mentolado de guerra" (= pasta de dentes), "a espuma verde-escura dos eucaliptos de Ninda", "a minha barba é a floresta do Chalala", "[o] napalm da *gillete*". No seu todo, essa coleção de metáforas cria a alegoria de uma guerra que impregna o indivíduo, tanto nas suas atividades mais corriqueiras, quanto em sua própria constituição física.

148) Alternativa: D

149) Alternativa: A

150) Alternativa: A

151) Alternativa: C

152) Alternativa: C

153) Alternativa: B

154) Alternativa: B

155) a) Em **Canção do Tamoio**, os verbos estão flexionados na 2.ª pessoa do singular ("não chores", "sê"); já em **Oração dos Moços** estão flexionados na 2.ª pessoa do plural ("Confiai... Ousai; Reagi... Não hajais medo...").  
b) "Chora até não poder mais."

156) a) vem, fica, deixa  
b) venha, fique deixe

157) a) modo imperativo

b)  
*Se hoje eu a/o odeio amanhã lhe tenho amor.*  
ou

*Se hoje eu te odeio amanhã tenho-te amor.* (ou *Se hoje eu te odeio amanhã te tenho amor*, embora, neste caso, ocorra a colisão entre os dois *tes*: **te tenho**, ou ainda, *Se hoje eu te odeio amanhã tenho amor a ti*)

158) a) Os verbos são "não faça", "penetra", "chega" e "contempla".

b) Não faça, penetre, chegue, contemple.

159) a) O pretérito perfeito serve para localizar a ação no passado, como concluída. Numa narrativa, a sucessão de verbos nesse tempo reproduz a seqüência de ações que o personagem vai praticando, sucessivamente, no passado. O pretérito mais-que-perfeito indica uma ação anterior a outra já localizada no passado.

Os três pretéritos perfeitos que estão no início do último parágrafo constituem os três últimos elementos de uma série de ações que começa com o "Saíram de madrugada" e continua com os pretéritos perfeitos do 4º parágrafo. Os pretéritos mais-que-perfeitos "arrastara-se", "retardara-se", "repreendera" e "aconselhara-os" remetem a ações anteriores ao "Fizeram alto", recapitulando ações praticadas durante a viagem.

Há uma segunda série de pretéritos mais-que-perfeitos: "preparara-a", "adiara", "tornara a prepará-la" e "se resolvera". Essas ações são anteriores ao pretérito perfeito "Saíram de madrugada".

b) E Fabiano *depusera* (ou *tinha deposto*) no chão parte da carga, *olhara* (ou *tinha olhado*) o céu, as mãos em pala na testa.

160) a) Misturar.

b) Química e física são geralmente tidas como áreas do conhecimento dissociadas da vida prática, seja por serem "temidas e odiadas" por quem as conhece pouco, seja por não serem utilizadas no cotidiano por quem as conhece.

161) Várias orações no texto apresentam inversão na ordem sujeito-verbo: "O que é o homem?", "O que é a existência?",

"...murcharam, como nossas faces, as nossas esperanças...", "...lampejavam-lhe olhos pardos...".

Na oração dada, passando-se o verbo no imperativo para a terceira pessoa do plural, tem-se: Se houver mais uma taça na sua mesa, encham-na até às bordas e beberei com vocês (ou com os senhores).

162) O substantivo de caráter formal é "odontólogo", usado no lugar de "dentista", mais corrente e informal. O emprego do pretérito-mais-que-perfeito se dá por indicar ação anterior aos outros dois tempos passados

utilizados no mesmo período: “sorriu”, pretérito perfeito e “restavam”, pretérito imperfeito. A forma corrente e informal desse tempo, porém, não é a sintética, que o autor empregou, mas a composta com o auxiliar ter: “tinha adquirido”.

- 163) I. Persuasão
- II. Entretenimento
- III. Denúncia
- IV. Extorsão
- V. Delinquência

164) Os peixes-boi e os gaviões-do-mangue foram capturados pelo pesquisador e transportados para a reserva biológica do IBAMA, a fim de serem reintegrados ao ambiente.

Obs: o dicionário Aurélio registra também a forma peixes-bois.

165) Alternativa: D

166) a) Nos dicionários há três adjetivos relativos a cabra: **caprum, caprino, cabrum**.  
b) Para o gado formado de ovelhas há duas formas: **ovelhum e ovino**.

167) Alternativa: A

168) a) Na ordem:  
Substantivo  
Adjetivo  
Substantivo  
Adjetivo  
b) Há inúmeras possibilidades. Como exemplo poderíamos ter:  
Substantivo: O brasileiro é trabalhador.  
Adjetivo: O povo brasileiro é trabalhador.

169) a) O recurso expressivo foi o uso de metáforas. Em outras palavras, escolheram-se palavras do universo agrícola em substituição a palavras do universo da conduta social. Dessa forma, estabeleceu-se uma relação de semelhança entre a prática agrícola e as atividades sociais humanas.

b) O cultivo de amizades, a semeadura (também são aceitos semente e sementeira) de empregos e a preservação da cultura fazem parte da nossa natureza.

170) Alternativa: A

171) Alternativa: E

172) Alternativa: B

173) Alternativa: A

174) Alternativa: B

175) Alternativa: A

176) Alternativa: D

177) Alternativa: A

178) Alternativa: D

179) a) Aliteração (repetição do “t” e “p”), assonância (repetição do “on” e “in”), paronomásia (repetição de palavras semelhantes: “ponte/pinta”, “tanta/tinta”).  
b) A palavra tontinha no texto é substantivo. Substitui a palavra menina e o diminutivo lhe ameniza o aspecto negativo, ressaltando a inocência.

180) a) O espaço institucional é o das câmaras legislativas e, de modo mais específico, o do Congresso Nacional. As palavras que permitem essa identificação são *Vossa Excelência* e “aparte”, vocábulo que significa a intromissão, geralmente solicitada e concedida, no discurso daquele que detém a palavra. Como se sabe, a ocorrência de apartes é rotineira nos parlamentos.

b) A expressão “um aparte” pode ser morfológicamente segmentada em “uma parte”, em que o artigo indefinido *uma* se refere ao substantivo feminino *parte*, que significa pedaço ou porção de um todo.

c) O termo *Vossa Excelência* estabelece a analogia entre deputados e ratos. O pedido de “um aparte” reforça essa analogia. Só que a figura do queijo, como símbolo de um bem material de que se desfruta, torna possível e justificável a passagem de “um aparte” para “uma parte”. Assim, o quadrinho se apresenta como crítica ao universo dos parlamentos onde, em última análise, cada um busca seu próprio proveito. Temos, portanto, no quadrinho, uma metáfora particularmente adequada na atual conjuntura da política nacional.

181) Alternativa: B

182) Alternativa: E

183) Alternativa: D

184) a) No texto de Camões a palavra *grão* tem o sentido de “grande” e desempenha a função de adjetivo (modificando o substantivo *juramento*). Como homônimo homófono e homógrafo dessa palavra, temos o substantivo *grão*, como o sentido de ‘semente’. Há inúmeras frases possíveis. Uma delas:  
*Os grãos de milho eram jogados para as galinhas.*

b) O sufixo *-mente*, além de ser usado para criar as rimas, também cria uma ambigüidade sonora com o verbo mentir, o que já se percebe no próprio título (*só mente* ou *somente*?)

185) a) Substantivo. A palavra vem determinada pelo artigo definido, é colocada no plural e vem coordenada com a palavra *cantigas*, que também é um substantivo (não se coordenam palavras de classes diferentes).

b) O seu diálogo é rebuscadamente natural: desdenha o recurso ingênuo de cortar **esses, eles e erres** finais, deturpar flexões, e aproximar-se, tanto quanto possível, da língua do interior.

186) a) "leito tumba", "ossos areia", "areia múmia".

b) Os termos grifados são substantivos, usados como adjetivos.

187) a) sua mãe - você

b) facilidade para comprar algo - mérito

188) Alternativa: C

189) Alternativa: E

190) a) Pobríssimo e paupérrimo.

b) Há vários exemplos. Alguns deles: sapientíssimo, celeberrimo, macérrimo, fidelíssimo, nobilíssimo.

191) Alternativa: C

192) Alternativa: B

193) a) "Pobres velhinhas" são as palavras que ninguém mais emprega e que se encontram nos dicionários e, algumas vezes, nalguma oração de paraninfo.

"Pobre velhinho" refere-se ao orador que usa palavras que ninguém mais emprega (pobres velhinhas).

b) em "pobre velhinho", *pobre* significa "infeliz", "coitado" e em "velhinho pobre", *pobre* é sinônimo de "com más condições financeiras, falta de recursos".

194) Alternativa: E

195) Alternativa: A

196) a) "Por que os namorados preferem andar sós, detestando as companhias?"

sós é adjetivo, flexiona-se com namorados, no plural.

b) "Seu preparo e honestidade raros fizeram dele um funcionário invejado."

Adjetivo posposto a substantivos de gêneros diferentes, vai para o masculino plural

197) Alternativa: C

198) Alternativa: B

199) Alternativa: A

200) Alternativa: C

201) Alternativa: B

202) Alternativa: B

203) Alternativa: A

204) Alternativa: A

205) Alternativa: C

206) Alternativa: A

207) Alternativa: C

208) a) Ao se despedir da morta, Garcia não consegue ocultar o amor calado que dedicava à Maria Luiza, restrito à contemplação, em respeito ao fato de ela ser casada com seu amigo Fortunato. Todavia, naquela situação extrema, não se conteve e deixou correr livremente as lágrimas, que denunciavam um amor reprimido.

b) Fortunato, ao perceber que Garcia sofria com a morte da mulher que amara sem jamais se declarar, é tomado por súbita sensação de prazer, mais intensa do que a dar emotiva do outro. A repetição do adjetivo enfatiza o vigor de seu contentamento com o sofrimento do amigo.

c) Assim como Fortunato gostava de contemplar a dor alheia, os curiosos que passavam obtinham gozo com o sofrimento do cão.

209) a) Jeca Tatu vive do extrativismo (caça e coleta). Não atua, portanto, de maneira a transformar o seu meio, sua propriedade.

b) Há três os adjetivos: "preguiçoso", "bêbado" e "idiota".

210) a) O "Doutor" entende como *história verdadeira* a que trata de fatos ocorridos efetivamente, no plano do real histórico, enquanto "Solino" vê *história fingida* como a que trata de fatos de ficção, de invenção poética.

b) castas, justos e verdadeiros

211) a) O enunciador da resenha, embora reconheça a "trama envolvente de mistério" de *O Código da Vinci*, dá pistas de que o romancista é uma espécie de aproveitador. A expressão "não foi à toa" sugere uma esperteza de Dan Brown no momento de dar título a seu romance, uma vez que "o criador renascentista" não chega a "aparecer no

romance”. A idéia de que o romance apresenta “enigmas esotéricos” e “teorias conspiratórias” também é uma forma de desvalorizá-lo. Além disso, o adjetivo “Alojado” que abre o texto é uma maneira quase jocosa de o enunciador mostrar que *O Código da Vinci* está “há sete meses no topo da lista dos mais vendidos de *Veja*”.

Ressalte-se que, em relação a Leonardo da Vinci, o ponto de vista do enunciador é extremamente favorável, pois ele é apresentado como alguém de uma versatilidade “espantosa”, que desperta “inesgotável interesse” ainda hoje e que foi o “melhor” pintor de todos os tempos.

b) Para reconhecer a crítica desfavorável ao romance, os melhores adjetivos são: “alojado”, “esotéricos” e “conspiratórias”. Para reconhecer a avaliação positiva feita à obra de da Vinci, os melhores adjetivos são: “inesgotável”, “espantosa” e “melhor”.